



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS

EDINEIDE DA SILVA

Ó DEUS, SALVE O ORATÓRIO! ALTARES DOMÉSTICOS:
Descrição e discussão antropológica das memórias e relações sociais envolvendo
os objetos de coleções religiosas no bairro Nossa Senhora das Dores em União
dos Palmares - Alagoas

MACEIÓ-AL

2022

EDINEIDE DA SILVA

Ó DEUS, SALVE O ORATÓRIO! ALTARES DOMÉSTICOS:
Descrição e discussão antropológica das memórias e relações sociais envolvendo
os objetos de coleções religiosas no bairro Nossa Senhora das Dores em União
dos Palmares - Alagoas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Oliveira Rodrigues.

MACEIÓ-AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586d Silva, Edineide da.

Ó Deus, salve o oratório! Altares domésticos: descrição e discussão antropológica das memórias e relações sociais envolvendo os objetos de coleções religiosas no bairro Nossa Senhora das Dores em União dos Palmares - Alagoas / Edineide da Silva. – 2022.

128 f. : il. color.

Orientador: Rafael de Oliveira Rodrigues.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 124-128.

1. Altares domésticos. 2. Coleções etnográficas – União dos Palmares – Alagoas. 3. Referências culturais. 4. Memória afetiva. 5. Estética. 6. Significados. I. Título.

CDU: 572: 246 (813.5)

AGRADECIMENTOS

Sou filha de uma família pobre, orgulhosa de ser fruto da escola pública desde o fundamental até a Universidade. Entre todos os familiares sou a segunda a concluir o Ensino Superior e também a segunda a concluir um Mestrado.

Diante disso, agradeço primeiramente a Deus por me permitir iniciar e terminar este projeto de vida que é concluir o mestrado. Agradeço a minha mãe, filha de uma época em que a frase mais ouvida era: “colocar mulher na escola é um desperdício, quando aprende só serve pra escrever carta pra namorado. Basta saber assinar o nome!”. Entretanto, mesmo diante dos obstáculos que enfrentou, logo cedo entendeu que a educação é um caminho a ser seguido e que o conhecimento é algo que não pode ser arrancado de você. Foi ela quem lutou para que os filhos estudassem. A ela a minha maior gratidão. Quero também agradecer a minha irmã Rosileide, quem me inspirou e deu força desde a inscrição, formação do projeto e todo período do Mestrado. Agradeço também a minha amiga Aureane, presente em todos os momentos de desespero, sempre pronta a ouvir e ajudar. A minha amiga Norberta que me ajudou com a escolha do tema.

Ao meu orientador, professor Rafael O. Rodrigues, pela sua paciência e orientação, peça chave durante todo o processo que muito me ajudou no desenvolvimento e desdobramentos dessa pesquisa. A todos os professores do mestrado que enriqueceram meu aprendizado com seu conhecimento durante as disciplinas. Agradeço especialmente as Professoras Patrícia Martins, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), e a professora Fernanda Rechenberg, do PPGAS/UFAL, pelas contribuições na qualificação para esta dissertação. À Graziela, secretária do PPGAS/UFAL por seu profissionalismo, atendimento gentil e paciente com todas as nossas dúvidas.

Também agradeço as professoras Roberta de Sousa Melo, da Universidade federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a professora Rachel Rocha de Almeida Barros, do PPGAS/UFAL, por terem aceitado compor a banca de defesa desta dissertação.

Agradeço também aos colegas de turma de mestrado, companheiros de caminhada, que compartilharam comigo os prazeres e as agruras de cursarem um curso de pós-graduação no atual momento do país.

As estrelas principais desse projeto, minhas interlocutoras Dona Lia, Verônica, Dona Marlene, Dona Hilda, Quitéria, Severina, Maria, Dona Maria, Dona Rita, Dona Joana e seu esposo José sem eles esse trabalho não teria sido possível. Um muito obrigado por abrirem suas portas e compartilhem de seu saber e experiências.

De maneira especial, agradeço a minha avó, Josefa, carinhosamente chamada de Lia, primeira a me inspirar e a primeira interlocutora dessa pesquisa. A minha tia, Isabel Cristina que esteve comigo nesse processo me apresentando as senhoras da comunidade. A minha prima Wedja, minha Tia Verônica (também participante) e seu esposo Zezito, que abriram as portas de sua casa para que eu pudesse observar para além do familiar.

Em todo o processo, além de Cristina, Verônica também me acompanhou na maioria das casas durante as visitas e festejos da comunidade. Ao bairro de Nossa Senhora das Dores onde a pesquisa foi desenvolvida, entre outros membros da comunidade que não participaram diretamente da pesquisa, mas que participaram juntos durante as rezas e procissões. Ao senhor Saúba e esposa e as conversas que tivemos na varanda de Maria intercaladas com as entrevistas. A José Bonifácio (meu pai), em memória.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos recursos investidos nesta pesquisa por meio do Programa de Apoio a Pós-Graduação. Sem os recursos destinados para esta pesquisa seria impossível realizar a coleta dos dados com a profundidade no tempo programado.

RESUMO

O principal objetivo desta dissertação de mestrado é analisar as diferentes lógicas que subjazem ao processo de colecionamento de objetos utilizados para confecção de altares domésticos religiosos. Trata-se de analisar como diferentes famílias do bairro Nossa Senhora das Dores, localizado na cidade de União dos Palmares, estado de Alagoas, Brasil, colecionam objetos de caráter religioso, como imagens, terços, quadros e fotografias de santos católicos, com fins de produzirem altares religiosos domésticos; quais histórias e memórias são produzidas a partir da relação entre as famílias que contribuíram com a pesquisa e suas coleções de objetos religiosos; como estes objetos são trocados entre membros de diferentes famílias, contribuindo para produção de memórias afetivas, referências culturais e cerimônias de caráter religioso realizadas em razão deles; o modo como esses objetos circulam entre as famílias estudadas; as estéticas que são adotadas por estas famílias na conservação e montagem dos seus altares religiosos. Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico, pautada, num primeiro momento, em levantamento bibliográfico e documental e, num segundo momento, em entrevistas com um grupo de moradores do bairro. As conclusões apontam, primeiro, para existência de uma pluralidade de sentidos que subjazem a aquisição destes objetos, sua posterior organização e agregação aos altares religiosos das famílias que contribuíram com a pesquisa; em seguida, para o fato de que existe uma pluralidade de formas de atribuição de significados técnicos e estéticos de conservação dos objetos de coleções na composição dos altares religiosos domésticos.

Palavras-chave: altares religiosos domésticos; estéticas plurais; memórias; objeto de coleções etnográficas; significados atribuídos; União dos Palmares/AL.

ABSTRACT

The main objective of this master's thesis is to analyze the different logics that underlie the process of collecting objects used to make religious domestic altars. It is about analyzing how different families from the Nossa Senhora das Dores neighborhood, located in the city of União dos Palmares, state of Alagoas, Brazil, collect objects of a religious nature, such as images, rosaries, pictures and photographs of Catholic saints, with the purpose of to produce domestic religious altars; which stories and memories are produced from the relationship between the families that contributed to the research and their collections of religious objects; how these objects are exchanged between members of different families, contributing to the production of affective memories, cultural references and religious ceremonies performed for them; the way these objects circulate among the studied families; the aesthetics that are adopted by these families in the conservation and assembly of their religious altars. In order to reach the proposed objective, a qualitative methodology of ethnographic character was used, based, at first, on a bibliographic and documentary survey and, secondly, on interviews with a group of residents of the neighborhood. The conclusions point, first, to the existence of a plurality of meanings that underlie the acquisition of these objects, their subsequent organization and aggregation to the religious altars of the families that contributed to the research; then, to the fact that there is a plurality of forms of attribution of technical and aesthetic meanings of conservation of collection objects in the composition of domestic religious altars.

Keywords: domestic religious altars; plural aesthetics; memoirs; object of ethnographic collections; assigned meanings; Palmares/AL Union.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da cidade de União dos palmares. Fonte: Governo do estado de alagoas (Município de União dos Palmares - Mapa Político-Administrativo de União dos Palmares - Alagoas em Dados e Informações).	26
Figura 2 - Primeira imagem de Nossa Senhoras das Dores doada para a comunidade por Dona Carmelita e que originou o nome do bairro.....	31
Figura 3 - Atual imagem de Nossa Senhora das Dores que se encontra na capela da comunidade.....	31
Figura 4 - Capela Nossa Senhora das Dores, localizada na rua São José.....	32
Figura 5 - Ponto de parada de transportes na entrada para o bairro Nossa Senhora das Dores. Acervo pessoal.....	32
Figura 6 - Entrada do bairro Nossa Senhora das Dores.....	33
Figura 7 - Rua principal na entrada do bairro Nossa Senhora das Dores.....	33
Figura.8.-. Outra visão da rua Ulisses Guimarães, rua principal na entrada do bairro Nossa Senhora das Dores.....	34
Figura 9 - Escola municipal Professora Maria Augusta Duarte Sarmento que atende o Ensino Fundamental e EJA no bairro.....	39
Figura 10 - Unidade básica de saúde do bairro Nossa Senhora das Dores.....	36
Figura.11-. Sagrado Coração de Jesus de Verônica.....	55
Figura 12 - Verso da foto do Sagrado Coração de Jesus.....	57
Figura 13 - Padre Cicero e Nossa Senhora Aparecida de Verônica.....	60
Figura 14 - Padre Cicero pertence a Dona Lia.....	64
Figura.15.-. Padre Cicero pertence a Dona Hilda.....	67
Figura 16 - Padre Cicero pertence a Dona Marlene.....	69
Figura 17 - Nossa Senhora, pertence a Dona Marlene.....	71

Figura 18 - Sagrado coração de Jesus na casa de Dona Lia.....	74
Figura.19.-. Santileno de José, marido de Dona Joana.....	75
Figura 20 - Altar na casa de Dona Quitéria.....	90
Figura 21 - Altar no quarto de Dona Quitéria.....	91
Figura 22 - Altar na casa de Dona Marlene.....	92
Figura 23 - Altar na casa de Dona Marlene.....	93
Figura 24 - Altar na casa de Dona Marlene.....	93
Figura 25 - Imagens dispostas no armário de Marlene.....	94
Figura 26 - Dona Hilda ao lado de seu altar na sala de sua casa.....	96
Figura 27- Oratório de Dona Hilda.....	96
Figura 28 - Altar na entrada da casa de Dona Lia.....	97
Figura 29 - Altar na entrada da casa de Dona Lia.....	98
Figura 30 - Acervo religioso na cozinha de Dona Lia.....	99
Figura 31 - Acervo distribuído pela casa de Dona Lia.....	100
Figura 32 - Dona Lia segurando a imagem do Menino Jesus.....	100
Figura 33 - Dona Lia segurando a imagem do Menino Jesus.....	100
Figura 34 - Altar de Dona Rita na entrada da casa.....	102
Figura 35 - Altar de Dona Rita.....	103
Figura 36 - Dona Maria sentada no sofá de sua casa com seu altar.....	104
Figura 37 - Dona Maria no meio da imagem do Divino Pai Eterno.....	104
Figura 38 - Relógio com fotos sacras na entrada da casa de Dona Maria.....	105
Figura 39 - Espaço religioso de Maria.....	106
Figura 40 - Acervo religioso de Maria.....	106
Figura 41 - Santa Luzia posicionada dentro do rack de Maria.....	107

Figura 42 - Oratório esculpido na fachada da casa de Dona Joana.....	107
Figura 43 - Imagens distribuídas na sala de visitas da casa de Dona Joana.....	108
Figura 44 - Imagens distribuídas na sala de visitas da casa de Dona Joana.....	108
Figura 45 - Coleção de Verônica distribuído em sua estante na sala de sua casa.....	109
Figura 46 - São José de Verônica no armário da cozinha.....	109
Figura 47 - Nossa Senhora de Schoenstatt em cima do armário da cozinha de Verônica.....	110
Figura 48 - Sagrado Coração de Jesus e Padre Cicero na parede da sala de Verônica.....	111
Figura 49 - Santa Ceia plastificada por Marlene.....	116
Figura 50 - Sala de Dona Marlene com objetos plastificados.....	116
Figura 51 - Padre Cicero plastificado de Dona Marlene.....	117
Figura 52 - Padre Cicero e Nossa Senhora das Dores de Dona Rita.....	118
Figura 53 - Padre Cicero e Nossa Senhora das Dores.....	118
Figura 54 - Nossa Senhora Aparecida plastificada no altar de Lia.....	119
Figura 55 - Sagrada Família plastificada no altar principal de Lia.....	120
Figura 56 - Padre Cicero e São Miguel Arcanjo no altar lateral de Lia.....	120

LISTA DE SIGLAS

AL – ALAGOAS.....	01
ICS – INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.....	01
IFAL - INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS.....	36
LACC – LABORATÓRIO DA CIDADE E DO CONTEMPORÂNEO.....	01
PPGAS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL.....	01
UNIVASF - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO.....	01
UFAL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS.....	01

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Aportes teórico-metodológicos	17
1.2 Guia de leitura	24
2 APRESENTANDO A CIDADE DE UNIÃO DOS PALMARES E O BAIRRO ESTUDADO.....	26
2.1 A cidade de União dos Palmares	27
2.2 Bairro Nossa Senhora das Dores	29
2.3 A escolha do Bairro Nossa Senhora das Dores como local de pesquisa	36
3 HISTÓRIAS, RELAÇÕES AFETIVAS E DE FÉ QUE ACOMPANHAM OS OBJETOS.....	41
3.1 Conhecendo as participantes da pesquisa.....	46
3.2 As águas o trouxeram para mim	55
3.3 Acrômico de dia e fosforescente à noite.....	58
4 OBJETOS RELIGIOSOS E MEMÓRIAS HERDADAS.....	62
4.1 Memórias dos objetos e pessoas falecidas.....	62
4.2 A recordação caminha junto com a devoção	64
4.3 “Hilda! Esse gato vai derrubar essa imagem e acabar morrendo!”	67
4.4 Objetos transmutados em lembranças	69
4.5 Nossa Senhora é minha mãe e minha madrinha!.....	70
4.6 “O dono da casa está? Ele está sim! E esse é o dono da casa!”.....	73
4.7 “Olha José, eu vou te dar um protetor para te livrar das balas da guerra”	75
5 PRÁTICAS DE COLECIONAMENTO E RELIGIOSIDADE POPULAR.....	80
5.1 Altares religiosos e os espaços das casas.....	88
5.2 Objetos de coleções e textualidades	90
5.3 Objetos de coleções e diferentes curadorias	95
5.4 Lógicas plurais de organização dos objetos de coleções	101

5.5 Diferentes formas de conservação de objetos de coleções	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto do desejo de investigar os significados de memórias atribuídos aos conjuntos de objetos religiosos, utilizados na composição de altares religiosos domésticos, especialmente o modo como eles intermedeiam as relações sociais dos grupos adeptos desta prática. Para refletir sobre esta dinâmica, selecionei como local de pesquisa o bairro Nossa Senhora das Dores, no município de União dos Palmares, localizado no estado de Alagoas, no Nordeste do Brasil. A justificativa para realização desse trabalho neste espaço se dá pelo fato de Dona Lia, minha avó, ser uma das participantes da pesquisa, visto que o projeto nasceu da observação de seu altar, além de ser ela uma das peças-chaves para que outras senhoras que possuem altares religiosos também participassem.

“Oratório¹” é o termo da religiosidade popular pelo qual esses ajuntamentos religiosos são conhecidos. Num sentido lato, significam algo como “pequeno local destinado à oração familiar”. Esta prática, de colecionar objetos com fins de adoração não é privativa do Cristianismo. A história relata a existência de locais reservados ao culto das divindades que aludem a povos antigos: gregos, romanos, orientais e egípcios.

Na Europa, durante a Inquisição, por exemplo, muitas famílias (especialmente cristãos novos, como Mouros e Judeus), com medo dos Inquisidores Católicos, mantinham um local em que ostentavam pequenos oratórios, significando sua adesão ao catolicismo e renúncia a outras crenças.

Aprofundando um pouco mais a historiografia dos oratórios, Silveli Maria de Toledo Russo (2010, p. 4) observa que:

[...] Entender o oratório² em funcionamento como altar no aconchego do lar, provido com pedra d’ara³ e demais objetos de uso litúrgico, faz-nos remontar ao mundo antigo, onde o culto era o vínculo unificador de toda e qualquer sociedade, e o altar doméstico aquele que agrupava em sua volta os membros da família que cumpriam o ato religioso.

¹ GUERRA, Wilton. Acervo revelado. Oratórios – artefatos de devoção doméstica. Núcleo de Preservação, Pesquisa e Documentação do Museu da Casa Brasileira, São Paulo, n. 13, p. 1-21, ago. 2021.

² RUSSO, Silveli Maria de Toledo. O oratório doméstico. In. “Ciências sociais e religião na América Latina”. Revista Pandora Brasil, n. 25, p. 73 - 77, dez/2010.

³ Local em que a pedra d’ara, sagrada pelo bispo ou por um sacerdote por ele delegado, forma corpo com a mesa e com a base de sustentação; a eles podem somar-se ainda certos componentes acessórios, tais como o tabernáculo ou sacrário, espécie de pequeno templo colocado no centro do altar e usado na guarda das partículas consagradas; a banquetas, degrau onde se acomodam, de um lado e de outro do tabernáculo, os castiçais e as flores, e, por fim, o retábulo, painel decorativo situado ao fundo e acima do altar (RUSSO, 2010).

Este modo de fazer característico do catolicismo popular tem se transformando através do tempo, adquirindo novas roupagens e novos personagens, mas cultivam ainda esta relação de adoração para com o sagrado por meio do colecionamento, ostentação e atribuição de significados aos objetos que compõem os altares religiosos domésticos.

Ao focar nossa atenção para os altares no contexto da religiosidade popular, chama-se atenção para o fato de que o “oratório se designava tradicionalmente um nicho destinado ao culto de um santo (ou de vários santos) de devoção pessoal. Por muito tempo, foi comum as pessoas terem esses nichos em casa, sendo um costume que ainda hoje perdura, embora enfraquecido” (DIAS; SILVA; SOUZA, 2014, p. 349). Enfraquecido, entretanto, não acabado, uma vez tal devoção ainda acontece e continua viva em muitos lares.

Procurando apresentar um panorama dos oratórios familiares, observa-se que, no Brasil, eles remetem ao período colonial, especificamente aos séculos XVIII e XIX, em que tanto nas casas grandes, como nas famílias abastadas, quanto nas famílias com menos posses, sempre havia, a depender das condições financeiras e do *status* da família, um pequeno ou grande oratório. Nele as senhoras da casa podiam ter um contato mais aproximado com o sagrado na privacidade do lar, visto que as igrejas não eram numerosas como são hoje. Sobre este momento, Russo (2010) destaca que os oratórios encurtavam o caminho até o sagrado, entretanto, o espaço de culto era restrito a poucos. A saber:

[...] Observamos na leitura dos [...] Breves Apostólicos de Oratório a respeito das seguintes vivências levadas a efeito: de um lado, a das famílias mais ilustres da elite que, em pleno centro urbano, desfrutavam do luxo de organizar a celebração da eucaristia em seu próprio e restrito altar doméstico acompanhadas de parentes e, em casos eventuais, de criados e hóspedes. Do outro, a vivência religiosa dos escravos que no beiral da varanda da casa grande de fazendas e engenhos, sob a boa vontade dos seus senhores, tomam parte nas celebrações dominicais e nas principais comemorações do ano litúrgico, ocasião onde à família ficaria reservada uma área no interior da casa, mostrando no espaço uma hierarquia sócio-econômica. (RUSSO, 2010, pp. 8-9).

Ao nos debruçarmos sobre o fragmento acima, pensando no contexto do regime patriarcal e escravagista do Nordeste, já bastante trabalhado por Freyre (2013), é possível observar as hierarquias que separavam os senhores de engenho das pessoas escravizadas, olhando para a organização espacial da casa grande, mediada pelos altares religiosos: de um lado, a elite açucareira e os seus convidados, do outro lado, especificamente do lado de fora, os escravizados. Esta restrição sócio espacial desse grupo ao espaço sagrado do oratório propiciava, ainda segundo Russo (2014), uma maneira dos senhores manterem as mulheres da casa longe dos olhares dos escravizados, empregados e outras pessoas, o que reforça a ideia de

autores como Mélo; Rodrigues; Millen Neto (2021) sobre a centralidade dos homens em regimes patriarcais, os quais colocam as mulheres na esfera do espaço privado, sendo o espaço público reservado aos homens.

Focando um pouco mais na dinâmica social que gira em torno dos altares religiosos domésticos, além da missa, quando era possível conseguir um sacerdote, eram rezadas novenas, ladainhas e terços em frente a esses oratórios que eram em sua maioria construções em madeira ou pequenas capelas para uso particular da família e de alguns empregados. Segundo Fabrino (2012, p. 60), no Guia de Identificação de Arte Sacra do IPHAN: “No período colonial os oratórios tinham uso cotidiano, e os santos representados eram de devoção especial de determinada família, quase sempre em volta de um Cristo crucificado”. Vários santos integravam o conjunto religioso da casa, entretanto, havia um ou mais santos que eram os protetores, padroeiros a quem os senhores rogavam preces e buscavam livramento nos momentos de necessidade. Teixeira (2005) observa que esse tipo de prática deu lugar a uma maneira própria do povo de vivenciar sua fé, a qual ele nomeia como Catolicismo Santorial. Acrescenta o autor:

O catolicismo santorial, tendo como característica principal uma relação aprofundada do culto dos devotos aos santos: “o catolicismo brasileiro foi durante muito tempo um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra os diversos espaços de vida e favorece uma estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida” (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

Com base no argumento acima, observa-se que os altares se apresentam como uma solução imediata ao devoto que necessita recorrer ao sagrado, mas não pode ir à igreja porque ou está doente ou quando ela não se localiza perto da sua residência, ou mesmo quando está fechada. Ainda na atualidade, em algumas igrejas, o funcionamento ocorre apenas uma vez por semana, ou ainda, uma vez por mês. Por sua vez, os altares domésticos funcionam como um local permanente de contato com o sagrado, abertos 24 horas, no qual o devoto pode render louvores ao divino ali representado, sem o crivo da comunidade ou o desgaste do deslocamento. A intimidade proporcionada por este contato simples e direto permite ao fiel uma relação de maior convívio com o santo, utilizando para esse processo comunicativo um agrupamento de objetos religiosos, de fontes e origens distintas.

No que se refere a estes objetos como mediadores entre seres humanos e não humanos, do campo da metafísica, como santos, Dias; Silva; Souza (2014) argumentam que esses objetos

agrupados foram essenciais dentro do Catolicismo Santorial propiciando a estabilidade religiosa do povo. Diz:

Junto ao oratório as famílias se reuniam para fazer as suas preces, principalmente quando se aproximavam as festas religiosas. Algumas famílias, contudo, rezavam o terço diariamente. Como não havia muitas igrejas e os padres eram poucos, visitando apenas de tempos em tempos as localidades mais distantes para officiar os sacramentos, os oratórios foram centrais para a manutenção da fé católica. Ainda hoje, os oratórios são importantes expressões de fé do catolicismo popular no Brasil. (DIAS; SILVA; SOUZA, 2014, p. 350).

Os altares, assim como os objetos que os compõem, apresentam-se de início como um sinal da identidade, instrumento que auxiliam na manutenção da prática religiosa nas famílias. O simples ato de fazer orações diante deles faz referência à ligação do humano com o sagrado ali representado. Freyre (2013) já compreendia que a devoção por meio destes objetos estava presente no espaço das residências da sociedade brasileira patriarcal pré-abolição da escravatura. Ressalta-se, então:

Mas, a igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral com o seu bispo a que se vão queixar os desenganados a justiça secular: nem a igreja isolada e só, ou de mosteiro ou abadia, onde se vão açoitar criminosos e prover-se de pão e restos de comidas mendigos e desamparados. É a capela do engenho (FREYRE, 2013, pp. 363-364).

Colocando em diálogo autores como Dias; Silva; Souza (2014) com Freyre (2013), é possível refletir que não era dentro das igrejas, sob a tutela de padres, onde a fé crescia e se mantinha, mas dentro das residências, no dia a dia, nas relações do campo da imaterialidade, como nas ladainhas, novenas, velas queimadas, assim como nas relações das pessoas com os objetos materiais, como terços, imagens de barro, fotografias, entre outras, que a fé se materializava e realizava.

Os altares religiosos estão, portanto, presente na cultura brasileira, sendo parte marcante da cultura do Nordeste do Brasil com suas procissões, romarias e culto aos santos, aqui merecendo um destaque especial Padre Cicero Romão Batista “Padrin Ciço” presença forte na fé do povo quando se fala em nordeste.

Mas o que procuro com esta pesquisa de mestrado não é necessariamente entender o modo como os altares religiosos são trabalhados pela historiografia brasileira, tampouco compreender o modo como, na tradição do catolicismo, são definidos os limites entre o sagrado e o profano, ou mesmo o modo como os religiosos se conectam com o sagrado por meio dos

objetos, nem o modo como os religiosos interagem com os altares religiosos de igrejas e capelas, mas sim os oratórios, ou altares religiosos familiares, ou domésticos.

Trata-se de analisar como diferentes famílias da cidade de União dos Palmares, especialmente do Bairro Nossa Senhora das Dores, colecionam objetos de caráter religioso, como imagens, quadros e fotografias de santos católicos, terços, com fins de produzirem altares religiosos domésticos; quais as histórias e memórias são produzidas a partir da relação entre as famílias que contribuíram com a pesquisa e suas coleções e objetos religiosos; como estes objetos são trocados entre membros de diferentes famílias, contribuindo para produção de memórias afetivas e referências culturais; o modo como esses objetos circulam entre as famílias estudadas; as estéticas adotadas por estas famílias na conservação e montagem dos seus altares religiosos.

Para abrir uma reflexão sobre estas questões acima, escolhi como campo de pesquisa o bairro Nossa Senhora das Dores, localizado no município de União dos Palmares, Estado de Alagoas, especificamente no Nordeste do Brasil, tomando como interlocutores de pesquisa um grupo de moradoras que tem se dedicado a este modo de fazer que é uma referência cultural central da religiosidade popular do Nordeste brasileiro: o colecionamento de objetos religiosos, a produção, a manutenção e, por fim, a celebração de suas práticas religiosas em seus altares domésticos.

1.1 Aportes teórico-metodológicos

Esta pesquisa situa-se no campo dos estudos antropológicos do patrimônio cultural, especialmente no que concerne ao estudo dos objetos de coleções etnográficas e ao estudo das referências culturais. Há uma vasta produção antropológica sobre estas duas temáticas-chave do tema do patrimônio cultural brasileiro.

Durante o período em que estive cursando as disciplinas no Programa de Pós-Graduação em antropologia, participando especificamente das atividades do Laboratório da Cidade e do Contemporâneo, pude perceber que os estudos do patrimônio cultural e da relação entre grupos sociais e objetos de coleções com *status* de patrimônio cultural ou referência cultural é composto por autores de fontes e origens diversas: clássicos e contemporâneos, ligados a escolas europeias e norte-americanas, como também autores latino-americanos, especialmente brasileiros, focados em entender as relações entre a dimensão material e imaterial do patrimonial, além dos modos como as dinâmicas sociais podem ser observadas na maneira como grupos humanos se relacionam com seus objetos materiais.

Dentre os clássicos, selecionei alguns autores para estabelecer um diálogo nesta dissertação. O primeiro, da escola Sociológica Francesa, Mauss (1950), fundamental para pensarmos as relações entre os objetos, tanto na sua dimensão material como imaterial, e o modo como eles contribuem para promoção de solidariedade social. Em sua reflexão com base nas categorias locais como *hau* e *mana*, o autor propõe que existem sociedades em que as trocas de objetos são pautadas pela lógica da dádiva e da reciprocidade, ou seja, pautada no dar, receber e retribuir, não seguindo os princípios da razão utilitária e econômica, materializados na tese do custo benefício, ou seja, na ideia de que todos os seres humanos tentam maximizar seus interesses em detrimento dos outros.

Mauss (1950) sustenta a tese de que os objetos são uma extensão da vida de seus donos. Dito de outro modo, para o autor, cada objeto possui um *hau* e um *mana*, ou seja, forças que tem o poder de absorver a alma dos seus donos, e características como coragem e força, ao mesmo tempo em que tem o poder de influenciar no comportamento humano, por exemplo, entendendo os objetos como possuidores de um “mana”, se alguém possui um objeto que o *mana* absorveu as características dessa pessoa, quando esse objeto for repassado para outro dono, levará consigo esta força, a qual passa a atuar junto ao novo proprietário.

Mauss (1950) é uma peça chave para os estudos de patrimônio cultural, uma vez que ele argumenta que, para além da materialidade, os objetos carregam elementos de personalidade dos seus proprietários quando são trocados. Além de Mauss (1950), também procurei estabelecer um diálogo com Malbwachs (1950), especialmente no que se refere aos estudos de memória social. Halbwachs (1950) também é fundamental para pensarmos as relações sociais que envolvem marcos físicos do espaço que auxiliam na produção social de uma memória coletiva. Por exemplo, ao analisar os objetos representativos de datas cívicas, como os monumentos, o autor destaca que os objetos, em alguma medida, podem servir de aporte a memória. Este autor nos permite refletir que os objetos materiais servem como um testemunho para as memórias coletivas, funcionando como vetor de organização de indivíduos em grupos sociais.

No que se referem espacialmente às relações entre os objetos materiais e grupos sociais, autores contemporâneos também serão importantes. Dentre eles, Pollak (1989) argumentando que objetos como cartas, fotografias, entre outros, têm a capacidade de evocar lembranças e memórias sociais e individuais, e que estas são produzidas por meio de um processo de lembrança e esquecimento, ficção e inexatidão, conferindo à memória um caráter processual. Mais ainda: confere à memória elementos que vão de encontro a uma suposição de exatidão ou de verdade únicas na produção e memórias. Nesse sentido, as memórias são fruto de um

processo heterogêneo, muitas vezes inexato, tendo como finalidade a produção de identidade de grupo. Nesse caminho Appadurai (2008), assim como Stallybrass (2014), avançam ao proporem que, uma vez que os objetos são detentores de memórias dos seus donos, é possível seguirmos as biografias dos objetos, com a finalidade de compreender as histórias de seus portadores e refletir as relações sociais que dão “vida” aos objetos enquanto eles circulam por diferentes esferas simbólicas: econômica, privada, pública, religiosa.

Outro autor que merece destaque entre os contemporâneos é Padiglione (2016). Este autor será fundamental para nos auxiliar a refletir as diferentes formas de atribuição de significados ao ato de colecionar objetos, além de nos auxiliar a pensar a pluralidade de estéticas que guiam diferentes grupos sociais em suas práticas de compartilhamento de objetos de coleções, assim como as diferentes formas de apresentação dos seus objetos de coleções.

Estes autores influenciaram sobremaneira o modo com a antropologia latino-americana, especialmente a brasileira, tem trabalhado com o tema do patrimônio cultural, do colecionamento de objetos e os significados que subjazem à troca e ao compartilhamento de objetos de coleções etnográficas, ou privadas.

Como exemplo dos autores nacionais que tem se debruçado sobre este tema temos Silveira; Lima Filho (2005) que têm nos incentivado a refletir os objetos a partir de seus vínculos com a experiência cotidiana dos grupos sociais dentro de seus contextos de pertencimento e as simbologias vinculadas a estes objetos. Temos também Gonçalves (2007) autor central para auxiliar a compreender e a problematizar as relações existentes entre o patrimônio material e o patrimônio imaterial. A partir da ideia de referências culturais, este autor sugere que existem diferentes significados (eruditos, populares, por exemplo) nas práticas de colecionamento e montagem dos objetos. A partir da ideia estruturalista de que todas as sociedades humanas seguem um padrão de classificação dos objetos como patrimônio representativo dos grupos que as compõem, ele desenvolve o conceito de referências culturais. Este autor aponta para caminhos que nos fazem refletir que existem diferentes formas de colecionamento e de atribuição de significado aos objetos classificados com patrimônio cultural para os diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira contemporânea. Ainda segundo o autor para aferir estas diferentes formas de atribuição de significados, as categorias lugares, celebrações, formas de fazer, objetos e edificações são a base para analisarmos as dinâmicas dos grupos humanos com os objetos materiais e os significados e práticas imateriais que norteiam suas relações com estes objetos.

Além deste, as contribuições de Rodrigues; Mélo (2021) e Voigt (2017), apontando para importância dos objetos materiais, de fontes e origens diversas, tem auxiliado no

desencadeamento de memórias sociais, individuais, as quais são mobilizadas por diferentes grupos e indivíduos, possibilitando a produção de discursos de legitimidade para tratar de determinados temas que emergem do contato com os objetos de coleções e de memória, promovendo maior autoestima social destes sujeitos em seus grupos e comunidades.

Estes serão os autores centrais desta dissertação, mas também serão utilizados alguns autores secundários, com o intuito de oferecer para os leitores um contexto sobre o nosso objeto de estudo. Por exemplo, serão utilizados autores como Russo (2010) para nos auxiliar a refletir a presença dos oratórios na vida popular. Freyre (1959), Teixeira (2012), Silva; Souza; Dias (2014) para nos ajudar a discutir os altares como artefatos componentes do Catolicismo Santorial que intermedeia a relação entre os seres humanos e suas divindades sem cerimônias ou representantes.

Além destes, também serão utilizados autores como Dohmann (2015), Clifford (1994), Pomian (1984) e Costa (2012), Costa; Ribeiro (2011) para pensarmos a arte de colecionar como ação inerente ao ser humano, a que os elementos fruto desse ajuntamento são atribuídos diferentes valores e sentidos que são atravessados por relações sociais, culturais e econômicas dependendo do contexto em que esses objetos são adquiridos e estão inseridos, itens que refletem traços daqueles que os adquirem, seja por ostentação ou não.

Por fim, ainda no bojo dos autores secundários desta dissertação, irei tratar sobre os modos de conservação de objetos de coleções oficiais, apresentando autores como Ghizoni; Teixeira (2012), Maués (2019), Carvalho (2015), Morales (2015), que observam que o tempo é o principal agente responsável pelo desgaste das obras de arte que compõem as coleções. Eles vão indicar os métodos oficiais de conservação preventiva que devem ser utilizados pelos museus para manter seus acervos. Estes entram em relação de contraste quando olhamos para as técnicas de conservação populares, quando do colecionamento e ostentação dos objetos religiosos nos oratórios domésticos.

Ao nos debruçarmos sobre os estudos de patrimônio cultural com base nos autores acima citados, definimos os seguintes problemas de pesquisa: como as categorias patrimônio material e imaterial se articulam ou se relacionam quando tratamos dos objetos de coleções? Pensando mais especificamente nos objetos de coleções que são utilizados na composição de altares religiosos no Bairro de Nossa Senhora das Dores, na cidade de União dos Palmares, como as dimensões material e imaterial destes objetos se articulam por meio dos significados atribuídos a eles pelos donos(as)? Como estes objetos servem como vetores de memórias afetivas? Como elementos de exatidão e inexatidão são mobilizados quando da produção de uma memória afetiva sobre estes objetos de cunho religioso? Quais estéticas são adotadas por estas famílias

na conservação e montagem dos seus altares religiosos? Como estes objetos contribuem para produção de memórias afetivas e referências culturais?

Tomando como base estas questões que se apresentam como problemas desta pesquisa, procuramos analisar as diferentes lógicas de colecionamento de objetos de caráter religioso, como imagens e fotografias de santos católicos, terços, etc. que subjazem ao colecionamento, confecção e ostentação de altares religiosos domésticos.

Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico dividida em duas etapas. A primeira etapa consistiu em um amplo levantamento bibliográfico e documental sobre os temas da religiosidade popular, do patrimônio cultural e da antropologia dos objetos etnográficos, ou seja, os objetos representativos das dinâmicas socioculturais de um determinado grupo. A segunda, pautada pelos princípios da observação participante e de uma longa pesquisa de campo etnográfica no Bairro de Nossa Senhora das Dores, no município de União dos Palmares.

Para o primeiro momento, foram consultados o banco de dados de teses e dissertações nas bibliotecas das universidades federais brasileiras, especialmente da UFAL. A partir desta primeira consulta, foram mapeados os estudos sobre o catolicismo popular, sobre as relações entre o sagrado e o ordinário, assim como as relações entre as dinâmicas do público e do privado na expressão da religiosidade popular. Após isso, foram mapeados estudos antropológicos sobre as dinâmicas que envolvem o patrimônio material e imaterial brasileiro, assim como sua relação com a atribuição de significados aos objetos de caráter etnográfico que compõem as coleções de objetos religiosos de um grupo de católicos do Bairro Nossa Senhora das Dores. Para esta segunda etapa do levantamento bibliográfico, foram selecionados artigos nas plataformas de pesquisa bibliográfica, como CAPES Periódicos, como Scientific Electronic Library (SCIELO).

Após o levantamento bibliográfico, a catalogação e o tratamento do material bibliográfico e documental, foi dado início à segunda etapa da coleta de dados com as entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Para esta etapa utilizamos os direcionamentos do meu orientador, professor Rodrigues, sobre a metodologia conhecida como Bola de Neve (BAUER; GASKELL, 2008). Esta metodologia consiste em, a partir de um interlocutor chave, ou seja, um participante chave da pesquisa, contatado antes de todos(as) os outros(as), irmos construindo a partir das indicações dele uma amostra de interlocutores que serão essenciais para a coleta dos dados por meio de entrevistas e fotografias.

Primeiro foi feito um contato inicial com a interlocutora chave, Dona Lia (minha avó), após o seu aceite foi perguntado que outras pessoas possuíam altares domésticos religiosos em

casa. Num primeiro momento ela não lembrava, mas após conversarmos um pouco, começou a lembrar de algumas vizinhas que possuíam e poderiam ser também participantes. Quando estávamos conversando estava junto Cristina, sua filha que lembrou de Dona Marlene, uma senhora que mora em frente à capela de Nossa Senhora das Dores e poderia aceitar participar.

Fui à noite após a missa na casa de Dona Marlene, após Cristina me apresentar e dizer sobre o que se tratava o projeto de imediato ela nos convidou para entrar e observar seus objetos religiosos, aceitou ser parte da pesquisa e disse que eu poderia ir quando quisesse à sua casa. A informação de que eu era neta de Lia e sobrinha de Cristina que fez o papel de informante me apresentando as senhoras do bairro definiu a confiança das interlocutoras no trabalho e na minha presença como pesquisadora. Observei que a presença de um informante da comunidade é crucial para os desdobramentos do projeto, fazendo com que ele tenha êxito ou não. Em visto disso, essas relações familiares foram minha porta de entrada, questões essenciais para validar o trabalho, visto que quando era falado que se tratava de uma pesquisa da universidade elas não davam muito crédito por soar como algo distante daquela realidade. Depois disso, a partir das indicações delas, novas interlocutoras foram convidadas e iniciamos o trabalho de coleta de dados com o grupo definido em conjunto com a nossa interlocutora chave.

Definido o universo de pessoas entrevistadas, eram agendadas as datas das entrevistas. Antes de iniciarmos as entrevistas era feita a explicação do projeto com total esclarecimento de todas as etapas desde a coleta de dados até o resultado final e que também seria fruto de publicações em meios acadêmicos. Foi feita a gravação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em áudio por todas durante as entrevistas.

É importante destacar que dentre as interlocutoras, somente uma delas, Marlene, também gravou em vídeo, mas todas as outras preferiram gravar apenas a voz dando o aceite para participar do trabalho. Entre as participantes 8 mulheres permitiram que seus nomes verdadeiros fossem utilizados, entretanto, outras 2 e o único homem participante da pesquisa foram designados com nomes fictícios, pois não permitiram que eu colocasse seus nomes, situação que foi respeitada. Essa recusa não se encontra no TCLE, pois foi uma percepção do momento durante as entrevistas em que demoraram para responder se seus nomes originais poderiam ser colocados, então compreendendo e aceitando, não os coloquei para esses 3 casos. O projeto também passou pela apreciação do Comitê de Ética e foi aprovado com o parecer de número 4.827.057

Além das entrevistas, como já foi dito, utilizamos a técnica e o método da observação participante, acompanhado da aplicação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, escuta de depoimentos, relatos de vida das participantes e de alguns familiares residentes na casa. É

importante salientar que duas das participantes não quiseram ser identificadas, então usei designações fictícias para nomeá-las, mas todas as outras concordaram em manter seus nomes originais para a futura apresentação dos dados na dissertação.

Participam dessa pesquisa dez mulheres entre 52 anos e 92 anos de idade e um homem de 65 anos, que é esposo de uma das participantes. Inicialmente 03 foram convidadas a participar e a partir delas, as outras foram indicadas. As entrevistas aconteceram quase todas em locais abertos, sentadas na frente de suas casas, mantendo o distanciamento necessário para a proteção de todos ou em volta da mesa durante as refeições. É importante esclarecer que a coleta dos dados foi realizada no momento em que a COVID-19 ainda apresentava um grande índice de contágio, e que as vacinas ainda estavam sendo aplicadas apenas nos idosos da população brasileira.

Durante as entrevistas, nenhuma de minhas interlocutoras usou máscara, entretanto, eu as usei durante todo tempo e mantive o distanciamento físico, o que foi difícil devido à característica afetiva que elas expressavam quando falavam de suas famílias e sua fé. À medida que o processo de confiança foi sendo construído fui inserida, mesmo que temporariamente, naquele agrupamento. Entretanto, a questão envolvendo o uso da máscara foi algo que me deixou apreensiva durante algum tempo, por temer que alguma delas ficasse doente.

Depois de algum tempo, percebi que não adiantava lutar contra algo que não estava em meu poder modificar, percebi que como eu era o agente estranho que adentrava em suas vidas, em sua intimidade, eu tinha que respeitar a decisão delas de colocar ou não a máscara. Inicialmente foram feitas entrevistas estruturadas breves, porém, riquíssimas em informações, que se desenvolveram dentro da disponibilidade de cada uma. Também utilizei chamadas de vídeo pelo aplicativo *WhatsApp* com duas das participantes (Lia e Verônica) porque as outras, ou não tinham celular *Android* ou não sabiam utilizá-lo.

Após as entrevistas semiestruturadas, que serviam como um primeiro contato para nos conhecermos e para que eu apresentasse os temas e assuntos que seriam abordados na pesquisa, eram agendadas as entrevistas estruturadas, em que tratávamos de temas mais específicos e aprofundados sobre as coleções de objetos religiosos; o modo como eles eram tratados e apresentados ao público nos seus altares religiosos domésticos; o modo como elas conservavam os objetos e como elas estabeleciam relações de proximidade com outros fieis também por meio dos objetos dos altares religiosos. Após isso, eram selecionadas algumas entrevistadas para uma conversa um pouco mais aprofundada sobre suas histórias de vida, com o intuito de obtermos mais informações sobre o catolicismo popular e as relações que se estabeleciam entre os componentes desta prática no grupo selecionado.

O roteiro das entrevistas foi utilizado como norteador para iniciar e desenvolver a pesquisa, mas durante a maior parte das conversas as pesquisadas comandaram e direcionaram as questões que surgiam a partir do que elas queriam falar e, dentro dos intervalos, eu tentava voltar para o roteiro. Isso me direcionava para aprofundar algumas questões, das citadas acima, por meio das entrevistas estruturadas e de história de vida, que só eram realizadas após longas séries de conversas semiestruturadas.

Saliento que utilizei como base teórico-metodológica para esse trabalho, a visão de Kaufmann (2013) em *A Entrevista Compreensiva: um guia para pesquisa de campo*, mas também Minayo; Costa (2018) com os *Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa*. Também foi utilizado como guia para elaboração dos roteiros de entrevistas o livro *Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: consensos e controvérsias*, também de Minayo (2017). Por fim, é importante salientar, ainda, que a pesquisa teve início no final do segundo semestre de 2020, estendendo-se até o final do segundo semestre de 2021.

1.2 Guia de leitura

Esta dissertação foi organizada em cinco capítulos, incluindo a introdução e a conclusão. A estrutura dos capítulos foi escolhida de modo a seguir uma linha significativa em relação aos objetos e seus usos, para uma melhor análise etnográfica e um melhor desenvolvimento do tema.

No capítulo inicial, **capítulo 2**, que se segue a esta Introdução, intitulado: **Apresentando União dos Palmares e o Bairro Estudado**, apresento um pouco da história da cidade de União dos Palmares, dando destaque à história do Bairro Nossa Senhora das Dores.

No capítulo 3: **Histórias, Relações Afetivas e de Fé que Acompanham os Objetos**, apresento os participantes da pesquisa. Em seguida, discorro sobre as histórias particulares e as relações afetivas envolvendo alguns objetos, enfatizando, primeiro, os motivos pelos quais eles se destacam dentre os outros objetos das coleções que compõem os altares domésticos religiosos; em seguida, discuto a circulação de objetos religiosos entre parentes e vizinhos do Bairro Nossa Senhora das Dores e a maneira como se dá essa circulação de objetos de coleções particulares (por meio de morte, presente, compra, resgate).

No capítulo 4: **Objetos Religiosos e Memórias Herdadas**, analiso o modo como os objetos são portadores de memórias de pessoas já falecidas, ou seja, o modo como os objetos e a devoção nos santos representados por eles auxiliam no processo de recordação e produção de uma memória social e individual.

Por fim, no capítulo 5: **Práticas de Coleccionamento e Religiosidade Popular**, proponho uma discussão sobre colecionismo de objetos religiosos, analiso a pluralidade de sentidos das coleções de objetos particulares, contrastando estéticas hegemônicas de apresentação dos objetos de coleções e estéticas particulares, assim como os meios de conservação hegemônicos e particulares desenvolvidos por suas guardiãs.

Nas **Considerações Finais**, sexto e último capítulo, destaco a diversidade de formas de colecionamento de objetos, dando ênfase, por um lado, à pluralidade de sentidos estéticos que subjazem à aquisição destes objetos, sua posterior organização e agregação aos altares religiosos das famílias que contribuíram com a pesquisa; por outro lado, sustento que também é possível observar uma pluralidade de formas de atribuição de significados e técnicas de conservação dos objetos de coleções, na qualidade de objetos sagrados, na composição dos altares religiosos domésticos.

2 APRESENTANDO A CIDADE DE UNIÃO DOS PALMARES E O BAIRRO ESTUDADO

Um dos principais municípios do Estado de Alagoas, União dos Palmares, também conhecida por “Terra da Liberdade”, está localizada a 73km da capital, Maceió. Em 2010 segundo o IBGE, a população da cidade era de 62.358 pessoas e a quantidade estimada para 2021 seria de 65.963 pessoas.

Figura 1- Mapa da cidade de União dos Palmares



Fonte: Governo do Estado de Alagoas (Município de União dos Palmares - Mapa Político-Administrativo de União dos Palmares - Alagoas em Dados e Informações) (2022)

A cidade de União dos Palmares faz limite com as cidades de Santana do Mundaú, São José da Laje, Iateguara, Branquinha e Joaquim Gomes. Sua economia baseia-se na agricultura-pecuária, cultivo de cana-de-açúcar. Destaca-se também a indústria de laticínios, de cerâmicas em barro (olaria), piscicultura, suinocultura, avicultura, com as instalações entre as mais modernas do país. A feira-livre da cidade também é um ponto gerador e distribuidor de renda. Realizada quatro vezes por semana, sendo a de sábado a principal, merece destaque por empregar grande parte da população, além do comércio de confecções, calçados e móveis.

As primeiras residências do município de União dos Palmares são datadas do século XVIII, num povoado chamado "Macacos", à margem esquerda do rio Mundaú. O português

Domingos de Pino construiu a primeira capela do local dedicada à Santa Maria Madalena que é a padroeira da cidade e sua festa todos os anos reúne diversas pessoas dos municípios vizinhos que comparecem para saudar a santa, sendo essa festa uma das principais atrações da cidade. Com o crescimento populacional desmembrou-se do município de Atalaia e em 13 de outubro de 1831, por meio do decreto governamental, recebeu o nome de Vila Nova Imperatriz. Foi elevada à categoria de cidade pela Lei 1.113, de 20 de agosto de 1889.

Feita esta apresentação preliminar da cidade onde realizei minha pesquisa, convido os leitores a nos acompanharem pela história do bairro, com o intuito de melhor conhecer geograficamente e politicamente, a cidade. Em seguida, convido os leitores a nos acompanharem pelas histórias e ruas do bairro Nossa Senhora das Dores.

2.1 A cidade de União dos Palmares

O termo "União" surgiu através do decreto nº 46, de 25 de setembro de 1890. A origem do nome remonta à história de que a cidade era um elo entre as estradas de ferro de Alagoas e Pernambuco, quando os trens faziam o transporte de carga e passageiros. Em 1944, ocorreu a mudança definitiva para "União dos Palmares", que teve agregado o nome Palmares, uma referência ao icônico Quilombo dos Palmares, que permaneceu na região por quase um século.

A história do Quilombo^{4,5,6} dos Palmares é uma narrativa que por si só tem destaque na história da cidade. Fundado no século XVII por escravizados oriundos de Porto Calvo, numa época em que Alagoas pertencia a Pernambuco, ele teve início na Serra da Barriga/AL, local onde se estabeleceu à frente do Quilombo estava Aqultune, falante “banto” do povo Ambundu (Jangas de Angola) e outros membros de diferentes etnias e suas respectivas línguas. Com o tempo, vários outros quilombos foram se formando em volta e em outras regiões como Santana do Mundaú, Chã Preta, Viçosa e São José da Lage. Aqultune, junto com outros membros do grupo, conseguiu estabelecer uma organização social que conseguia administrar cerca de seis mil pessoas nos assentamentos que abrigavam fugitivos em busca de liberdade. Os habitantes do quilombo possuíam uma estrutura administrativa que organizava os rituais, as atividades, as tarefas, as regras de convívio e de defesa do quilombo.

⁴ BERTO, Luiz. A Guerrilha de Palmares. Recife: Ed. Bagaço, 2007.

⁵ MARQUES, Danilo Luiz Marques. anilo Luiz. Sob a “sombra” de Palmares: escravidão, memória e resistência na Alagoas oitocentista. 2018. 375 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20982>. Acesso em: 20 mar. 2022.

⁶ ARAUJO, Zezito de. Quilombo do Palmares: negociações e conflitos. Alagoas: EDUneal, 2020.

Eles contavam, ainda, com um serviço de informantes que os mantinham atualizados e os ajudavam a antever os ataques dos fazendeiros. Devido a sua localização contavam com a proteção da linha de frente da natureza (rochedos, florestas e serras) como barreira natural contra seus inimigos, passando com o tempo a ocupar grandes espaços, ficando distribuídos num raio que ia desde Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco, até Penedo em Alagoas. Além de Aqualtune, mais dois líderes receberam destaque na história do grupo, Ganga Zumba e Zumbi, conhecido como o libertador.

A partir de 1678 a Coroa Portuguesa começou a negociar com os líderes quilombolas os termos de um acordo de paz em que o quilombo não seria perturbado por possíveis invasores e poderiam negociar sem perseguições, mas, para isso, deveriam aceitar uma extensa lista de exigências do Reinado Português, o que gerou enorme discordância entre os componentes dos quilombos. O acordo não foi aceito e em 1678 Ganga Zumba foi assassinado e logo após, Zumbi assumiu a liderança. Em 06 de fevereiro de 1694 um contingente militar sob a liderança de Domingos Jorge Velho, conhecido bandeirante paulista pelas atrocidades contra os indígenas, avançou junto com a tropa e chacinaram quase dez mil pessoas entre homens, mulheres, crianças e idosos.

Destes apenas 519 foram mantidos vivos e levados ao Recife/PE, todo o resto foi morto a golpes de machado, enxada e tudo o que se pudesse utilizar como arma. Zumbi conseguiu escapar e se refugiar no quilombo de Viçosa, entretanto, a busca se tornou acirrada por sua cabeça. No dia 20 de novembro de 1695 depois de uma longa caçada, Zumbi foi morto junto a outros 20 guerreiros, depois de ter sua cabeça decapitada, ela foi salgada e levada para servir de exemplo na cidade do Recife. Diante disso, todos os anos no município de União dos Palmares é comemorado no dia 20 de novembro o Dia da Consciência Negra, no alto da Serra da Barriga, com a presença de diversas personalidades locais e estrangeiras que se reúnem para relembrar a história.

A cidade ainda é berço de figuras ilustres como a professora e ativista, Maria Mariá⁷,^{8,9}(1917-1993). Conhecida por sua forte atuação como professora, jornalista e historiadora, Mariá é lembrada uma das principais figuras palmarinas, amante da literatura também é

⁷MARIA MARIÁ, a guerreira da terra de Zumbi. História de Alagoas. Alagoas, 12 de jul. de 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/maria-maria-a-guerreira-da-terra-de-zumbi.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

⁸ HISTÓRIA: Maria Mariá, a revolucionária que entrou para a história de União dos Palmares. BR104. União dos Palmares, 09 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.br104.com.br/cultura/historia-maria-maria-a-revolucionaria-que-entrou-para-a-historia-de-uniao-dos-palmares/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

⁹ SILVA, Hebelyanne Pimentel da. A fundação de bibliotecas públicas em Alagoas: reivindicações e reclamações da educadora Maria Mariá (1953-1954). Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, Alagoas, [S. l.], v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7186>. Acesso em: 20 jan. 2022.

referenciada nos veículos de comunicação locais como: “à frente do seu tempo”. Outra figura de renome é o político e poeta Jorge de Lima^{10,11}, nascido em 23 de abril de 1893 e falecido em 15 de novembro de 1953. Figura de enorme destaque na história de União dos Palmares e Alagoas, sua influência perdura até os dias de atuais. Seu memorial é visitado principalmente por alunos que desejam conhecer mais sobre a literatura de um alagoano nato, um dos mais influentes do século passado. Na casa onde Lima nasceu são expostas placas em ordem cronológica que contam sua história e atraem apreciadores de suas obras de todas as partes do país. Inclusive, esses intelectuais são peça chave para esta nossa apresentação histórica da cidade.

Outra presença de destaque é a mestra artesã, Irinéia Rosa Nunes da Silva - Dona Irinéia¹², Patrimônio Vivo de Alagoas, que mora no Povoado remanescente quilombola Muquém e é conhecida mundialmente por suas peças de barro, as “cabeças de barro” que começou a fazer para ajudar com as despesas familiares. Atualmente trabalha também com a confecção de outras peças, de temas diversificados, recriando situações do dia a dia da comunidade em que vive.

O município comemora sua padroeira no dia 02 de fevereiro, na festa de Santa Maria Madalena, celebração que dura uma semana, contando com missas diárias, novenas, terços, além da festa na praça para a população e termina com uma grande procissão por algumas ruas da cidade, momento que reúne vários segmentos sociais não só de União dos Palmares, mas também pessoas de municípios vizinhos.

2.2 Bairro Nossa Senhora das Dores

Nossa Senhora das Dores, com pouco mais de 33 anos, pode ser considerado um bairro jovem no município de União dos Palmares. Também conhecido como Vaquejada, sua constituição como bairro foi fruto de invasões, venda de terrenos por particulares e doações da

¹⁰ FARIAS, José Nivaldo de. O surrealismo na poesia de Jorge de Lima. Coleção Memórias de Letras, 16. Edpuers, Porto Alegre, 2003.

¹¹ ANDRADE, Fábio de Souza. O engenheiro noturno: a lírica final de Jorge de Lima. São Paulo. Edusp, 1997.

¹² ALAGOAS. Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas - RPV/AL, Mapeamento do Artesanato. Estado de Alagoas, Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Identidade e Diversidade Cultural. 2005. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/mapeamento-cultural/cultura-popular/artesanato/artesanato-de-uniao-dos-palmares/dona-irineia>. Acesso em: 12 jan. 2022.

prefeitura. Margeado pela BR-104, rodovia principal que liga União a outros municípios, como São José da Lage e Branquinha, destaca-se por sua localização estratégica.

À primeira vista, parece um cruzamento de ruas com várias casas de materiais diversos, mas com um olhar mais atento é possível ver as relações sociais em movimento na dinâmica do dia a dia desses moradores que depois do trabalho ficam nos períodos da tarde e noite na porta de suas residências conversando entre familiares e vizinhos, enquanto os filhos brincam à vista de seus olhos. Tem alguns mercadinhos próximos, o que auxilia os que não tenham que ir ao centro da cidade em busca de mantimentos. Há ali uma escola municipal de nome Profa. Maria Augusta Duarte Sarmiento, construída há pouco tempo (oito anos apenas), com a missão de oferecer apenas o ensino fundamental para a comunidade, desse modo, os alunos que precisem estudar a partir do 6º ano precisam procurar os bairros vizinhos ou o centro da cidade.

A rua São José, onde a capela de Nossa Senhora das Dores fica localizada, não é a rua principal, é uma transversal estreita, mas que serve de acesso ao Posto de Saúde da comunidade e a outras ruas. Muitos dos moradores são pessoas idosas que saíram de povoados vizinhos devido à falta de emprego, crise nas usinas de cana-de-açúcar e aumento da criação de gado para morarem na cidade. Pessoas que trazem consigo um histórico de tradições e costumes que continuam vivos através de suas memórias e da passagem de costumes para os mais jovens.

O bairro tem como padroeira Nossa Senhora das Dores, sendo a festa celebrada dia 16 de setembro. Investigando mais a fundo a história do surgimento do bairro, descobri que o bairro Nossa Senhora das Dores já teve outros nomes, já foi conhecido por bairro das Cobras, depois “Vaquejada”, e hoje, Nossa Senhora das Dores. A área do local também já foi chamada de Vaquejada porque o terreno onde hoje está o bairro era um parque de Vaquejada e a rua principal do bairro era a pista em que ocorria o evento; de um lado ficava um cercado de bois e, do outro lado ficavam alguns ciganos, que geralmente estabeleciam acampamento no local.

Depois a terra foi invadida pelas pessoas próximas àquela localidade e, aos poucos, o bairro foi sendo ocupado e as vaquejadas desapareceram dali. Foi criada uma associação de moradores (Associação do Bairro de Nossa Senhora das Dores) e Quitéria, uma das minhas interlocutoras, é a presidente; Cristina Muniz¹³ é a tesoureira, e Verônica Muniz é a vice-tesoureira. Além delas, mais duas moradoras integram a entidade. Juntas trabalharam por melhorias no bairro como: calçamento, saneamento, energia elétrica, posto de saúde e a escola da comunidade.

¹³ CAETANO, Joseane. Comunidade Nossa Senhora das Dores. Escola do Bairro Nossa Senhora das Dores. Bairro Nossa Senhora das Dores blogspot. União dos Palmares, 29 de out. de 2019. Disponível em: <https://bairronossasenhoradasdores.blogspot.com/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

O nome “Vaquejada” era muito discriminado na cidade, pois o bairro era conhecido por ser muito violento, as pessoas do local eram julgadas por residirem naquele local. A associação de moradores fez vários abaixo-assinados e foi à Câmara Municipal pedir a mudança do nome para Nossa Senhora das Dores, e através de um projeto de Lei conseguiram essa mudança. O nome de Nossa Senhora das Dores foi escolhido por causa de uma imagem de Nossa Senhora das Dores que foi restaurada e que está na capela da comunidade.

Figura 2 - Primeira imagem de Nossa Senhoras das Dores doada para a comunidade por Dona Carmelita e que originou o nome do bairro



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 3 - Atual imagem de Nossa Senhora das Dores que se encontra na capela da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na figura 2 acima, a primeira imagem de Nossa Senhora das Dores colocada na capela, a peça religiosa pertencia a uma moradora de nome Carmelita que já é falecida e era muito devota da santa, então doou a imagem para a comunidade, com o tempo a imagem foi se desgastando e outras doadas por moradoras do bairro, entre elas, Maria Madalena, já falecida e filha de Lia, um de minhas interlocutoras) ocuparam seu lugar. Mais tarde, o pároco mandou reformar a primeira imagem, mas como quem se ocupou do trabalho não era especialista em restauração, o resultou não agradou a comunidade, então, a imagem voltou a ficar guardada nos fundos da capela. Na figura 3, a atual imagem da santa que fica em um pedestal em frente ao altar da capela.

A capela da comunidade originalmente era uma mercearia, que depois tornou-se centro comunitário, até que foi comprada por um dos padres (não coloquei o nome por não ter

permissão) que estava assumindo a comunidade e estava procurando um local para comprar um terreno e fazer uma igreja, visto que a comunidade não tinha local certo para se reunir para as celebrações, tendo as orações de serem feitas nas casas dos moradores, ora em uma residência ora em outra. E desde 2010 o local tornou-se uma capela sendo as cerimônias são realizadas com os fiéis.

Figura 4 - Capela Nossa Senhora das Dores, localizada na rua São José



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Após uma longa procura, indicaram ao padre o terreno do centro comunitário que estava desgastado e precisando de muitas reformas, depois de conversar com o proprietário, o padre acabou comprando, foram feitas várias arrumações e hoje é a atual capela da comunidade.

Após as melhorias implantadas no bairro, por meio das requisições da associação de moradores, além dos serviços de asfalto, saneamento, houve também maior atenção à mobilidade urbana por parte do poder público local.

Figura 5 - Ponto de parada de transportes na entrada para o bairro Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A melhor oportunidade para fazer as fotos se deu no dia 30/11/2021, então, aproveitei o horário de 12h30m para conseguir algumas imagens da rua principal de entrada para o bairro e da frente da capela da comunidade. Como o momento escolhido era o horário de almoço, a maioria dos moradores estava em suas casas com suas famílias.

Figura 6 - Entrada do bairro Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Principal entrada do bairro, a rua Ulisses Guimarães, também dá acesso à escola municipal, Maria Augusta Duarte Sarmiento, ao posto de saúde da comunidade e, também, a outras ruas do bairro, mais à frente, que não são possíveis de serem vistas na foto, seguindo com ruas que levam ao centro da cidade. Passam regularmente por essa entrada, serviço de coleta de lixo e vans que ligam o bairro ao centro. Na via principal, que aparece na foto, também passam transportes que levam ao centro e a outros municípios. Abaixo, um olhar mais aproximado da rua Ulisses Guimarães:

Figura 7 - Rua principal na entrada do bairro Nossa Senhora das Dores, em paralelepípedo



Fonte: Acervo pessoal (2021)

O processo para a captação das imagens gerou certa curiosidade e estranheza em alguns moradores que estavam na porta e transeuntes que passavam no momento. Eles olhavam curiosos tentando entender porque eu estava tirando as fotos e o porquê de tantas fotos de toda rua. Eles olhavam de maneira discreta, entretanto, atentos a cada detalhe das minhas fotografias. Essa dinâmica já foi notada pelo meu orientador, Rodrigues (2011), ao realizar um estudo numa área de periferia da cidade do Recife. Segundo Rodrigues, geralmente em contexto em que o poder público está ausente, ou mesmo em contexto de invasão de terrenos e propriedades no espaço público, os envolvidos temem a presença de pessoas fotografando, ou mesmo fazendo perguntas com pranchetas nas mãos, pois eles representam uma ameaça em potencial de fiscalização do poder público, o que pode gerar desapropriação, ou cobranças de taxas. O que não era o meu caso, uma vez que eu estava realizando uma pesquisa para minha dissertação de mestrado.

Figura 8 - Outra visão da rua Ulisses Guimarães, rua principal na entrada do bairro Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Alguns senhores que estavam em um bar na esquina da rua transversal que dá acesso à capela continuaram a conversar e a beber, mas sem tirar os olhos do que estava acontecendo. Escolhi esse momento não por acaso, o bairro como muitos outros em todo Estado tem a influência do tráfico de drogas, então ser vista tirando fotos da comunidade com muitas pessoas na rua poderia levar a interpretações erradas sobre a real intencionalidade do ato, mesmo sendo explicado que as fotos seriam para compor a pesquisa, ficaria um fio de dúvida se realmente era aquilo, ou se eram policiais ou funcionários do governo disfarçados para investigá-los.

Figura 9 - Escola municipal Professora Maria Augusta Duarte Sarmento que atende o Ensino Fundamental e EJA no bairro



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A escola do bairro dispensa serviço educacional para crianças do ensino Fundamental I nos horários matutino e vespertino. Durante a noite é ofertado o EJA para jovens e adultos em ciclos de ensino. Abaixo o posto de saúde da comunidade que ainda leva o nome antigo (Vaquejada) pelo qual o bairro também é conhecido.

Figura 10 - Unidade básica de saúde do bairro Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A unidade de saúde, que presta serviços à comunidade com médicos de atendimento básico, também conta com o programa Saúde da Família (PSF) que acompanha os moradores regularmente em suas residências para controle de pressão arterial, diabetes e outras intercorrências mais simples. Outras necessidades são enviadas ao mini pronto socorro que fica

no centro da cidade, ou mesmo ao Hospital Regional do Agreste, para atendimentos que necessitem de profissionais e exames especializados.

2.3 A escolha do Bairro Nossa Senhora das Dores como local de pesquisa

Meu interesse em analisar as dinâmicas de coleções e produções de oratórios e altares domésticos nesse bairro se deu quando travei contato com a antropologia social. Minha entrada na antropologia se deu por meio de minha irmã, Rosileide, que estava cursando o Mestrado em Antropologia Social, no ano de 2017, e sua influência, acabou despertando meu interesse pelo curso e o desejo de conhecer mais de perto este campo de estudo. Decidi, então, em 2018, me submeter à seleção. Não passei na primeira tentativa, tentei novamente em 2019 e ingressei na turma de 2020, passando a atuar junto com meu orientador, o professor Rodrigues, no grupo de pesquisa (LACC) Laboratório da Cidade e do Contemporâneo, ligado ao PPGAS/UFAL.

A escolha inicial deste objeto de estudo foi fruto de longos debates com a minha irmã e com outros colegas acadêmicos que me sugeriram possíveis temas a serem desenvolvidos, entre eles, minha amiga Eurípedes Norberta, docente do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), no Campus Penedo. Depois de conversarmos, ela sugeriu um olhar para o costume de possuir Altares Domésticos, tema que ela própria tinha vontade de desenvolver dentro das linhas de pesquisa das Artes. Recordo-me que, na ocasião, Norberta me disse: “Por que você não desenvolve esse tema sob o olhar da Antropologia?”

A dinâmica de coleção e construção de altares e oratórios religiosos era algo com que eu estava familiarizada porque minha infância foi marcada por idas à casa de minha avó materna, Dona Lia, que ficava em um sítio em Rocha Cavalcante, bairro mais afastado de União dos Palmares. Sempre que eu tinha a oportunidade de ir até lá, eu observava seus objetos religiosos em uma parede da sala de entrada e os considerava interessantes e complexos, ao mesmo tempo e, já naquela época, pude observar que todas as suas vizinhas e amigas também tinham um conjunto de objetos religiosos, sendo em maior ou menor quantidade.

Depois de um tempo, minha avó mudou-se para o bairro de Nossa Senhora das Dores, em União dos Palmares, e trouxe consigo todo seu acervo de objetos religiosos, mantendo reservando para eles um lugar de destaque na casa. Sempre me perguntei o que levava minha avó e suas vizinhas a conservarem aqueles objetos, através de questionamentos como: qual o motivo daquilo? Que significados elas atribuíam aqueles artefatos? Esses questionamentos sempre estiveram comigo, sendo despertados, mais especificamente, pelo questionamento da minha amiga, Norberta. Diante disso, decidi por pesquisar os significados que subjazem a este

modo de fazer (a aquisição de objetos religiosos e a confecção dos altares domésticos), contudo, restava agora decidir em que local eu realizaria um possível estudo antropológico.

Uma vez que o primeiro altar a prender a minha atenção foi o de minha avó materna, decidi por realizar a pesquisa no bairro em que ela reside e, depois de um breve contato, observei que muitas senhoras daquele local também cultivavam o mesmo costume de possuir altares em suas casas, compostos de imagens religiosas, fotos, terços e outros objetos de diferentes materiais. Eram senhoras simples da comunidade: mães, esposas; mulheres que vivem seu cotidiano de maneira singular, que realizam suas devoções de maneira particular e comunitária por meio de missas, terços do mês de maio, festas da padroeira da comunidade ou da cidade. Mulheres que se esmeram em transmitir para seus descendentes sua fé, suas devoções e acabam sendo esteio e exemplo do bairro e de toda a comunidade. Bem! Estava ali o meu campo de pesquisa.

Em março de 2020, em meio à crise da Pandemia de Covid-19, as aulas do curso se iniciaram no formato *online*, tanto eu quanto a turma ficamos um pouco ansiosos porque estávamos nos preparando para ter as aulas presenciais e ter que fazê-las remotamente foi algo que demandou um período de aceitação e adaptação, tanto para nós alunos quanto para os professores. Naquele momento o nosso maior medo era com o alto risco de infecção pelo corona vírus e o receio pelas vidas que a doença colocava em risco. Todos pensávamos que a pandemia seria algo que, no máximo em três meses, estaria resolvida, mas era uma crise maior do que poderíamos prever, o agravamento das infecções, a quantidade de novos infectados e as mortes que aumentavam a cada dia e o futuro incerto sobre uma vacina mostravam que não voltaríamos às aulas presenciais e à vida normal tão cedo.

Havia ainda a preocupação com os interlocutores das pesquisas, detentores do conhecimento em seus respectivos campos, sendo a maioria destes idosos, o que aumentava a incerteza sobre o trabalho de campo e a nossa responsabilidade enquanto pesquisadores. Questionávamos como seria possível a realização de uma etnografia quando alguns interlocutores não têm acesso ou intimidade com as mídias e as plataformas digitais. Questionamentos que se somavam às tantas outras grandes questões e apreensões acadêmicas.

Para mim, mais uma vez, era o tempo de reaprender a ser aluna, uma vez que sou professora do ensino fundamental já há alguns anos. Então, aproveitei esse momento para rever conceitos e redefinir estratégias de pesquisa, além de repensar novos formatos de aprendizagem e de abordagem na coleta de dados. O saber ouvir tão necessário na transmissão oral dos conhecimentos potencializava a nova aprendizagem em tempos de Covid-19, para mim o **olhar,**

ouvir e escrever¹⁴, de “O trabalho do antropólogo”, escrito por Oliveira (1996), tomou proporções ainda mais desafiadoras.

É importante destacar para os leitores que sou graduada em Letras Português, pela FALE/UFAL (2003) e, logo no início da minha formação em Antropologia, tive dificuldade com a literatura do curso. Eram novos autores e linhas de pensamentos diferentes daquelas que eu estava acostumada, bem como a forma de escrever. Com a apropriação que fiz da literatura antropológica, percebi a importância de apresentar para os leitores o contexto da descoberta do meu objeto de estudo, conectado ao meu tema de pesquisa, assim como me posicionar como pesquisadora; princípios importantes para produção do conhecimento antropológico na atualidade.

Nenhuma pesquisa é estanque, está sempre sujeita a mudanças ao longo do processo, necessitando que técnicas e metodologia sejam revistas e ajustadas a determinados contextos, ou mesmo impasses. Com o passar dos meses e aumento de mortes pela Covid-19 surgiram outras incertezas, como a possibilidade de não poder ir a campo; ter que mudar o meu projeto de pesquisa; o medo de nesse processo ficar doente ou ter algum membro da família doente, que viesse a precisar de um leito de UTI ou mesmo viesse a óbito; o próprio período de isolamento sem poder sair e encontrar amigos e outros parentes.

Entretanto, o passar do tempo não trouxe melhoras, vários decretos estaduais de isolamento foram interpostos e a possibilidade de dar andamento ao projeto inicialmente pensado começou a apresentar dificuldades. Tive que rever o projeto inicial e fazer reformulações. Alguns colegas, devido ao tempo programado para o trabalho de campo, tiveram que mudar totalmente o projeto. No meu caso, consegui adaptar meu trabalho de campo com ajuda do meu orientador, professor Rodrigues e da professora Rachel, com quem cursei a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, cujo foco era nos ensinar a “mesclar” encontros presenciais e *online* para coleta de dados.

Não obstante, pouco foi feito *online* na minha pesquisa porque as participantes na sua maioria não tinham contato com a internet, ou não sabiam utilizar a tecnologia, em vista disso, aproveitei os períodos em que os decretos de isolamento entraram nas fases mais brandas (fase azul), com o avanço da vacinação, para ir ao local conversar com as interlocutoras e iniciar o campo.

O critério inicial utilizado para a escolha dos participantes era de que elas possuíssem objetos religiosos – altares domésticos, imagens, fotografias, todas representativas da

¹⁴ Grifo nosso.

religiosidade local – e participassem da vida da comunidade. Outro critério foi o geracional e de gênero: optei também por mulheres idosas, guardiãs da memória e saberes da comunidade. Minha intenção inicial era escolher as participantes da pesquisa, pois já tinha algumas senhoras em vista, mas, ao entrar em campo, as indicações passaram a acontecer das próprias interlocutoras iniciais. Então, decidi seguir o caminho que elas me apontavam, e não o que eu havia preparado, o campo tem vida própria.

Uma das primeiras interlocutoras com quem conversei foi Dona Neurina, que conheci como Dona Lorita, e sua filha Maria, pessoas a quem eu já havia convidado antes do início da pesquisa, mas que no decurso, infelizmente, Dona Neurina faleceu devido a uma queda em que fraturou o fêmur. Também foram convidadas minha avó, Dona Josefa Maria da Silva, que é conhecida como Dona Lia, e que durante toda a pesquisa será tratada como Dona Lia ou apenas Lia; minha tia, Verônica Muniz, ou Vera, e Dona Marlene. Verônica e Marlene indicaram Dona Hilda que também mora no bairro. Estas interlocutoras de pesquisa serão melhores apresentadas no próximo capítulo.

Não era minha intenção trazer homens para essa pesquisa, uma vez que a religião se apresenta como espaço em que homens são os atores principais que ditam uma doutrina baseada em regras heterogêneas e excludentes, em que as mulheres, mesmo estando na linha de frente das atividades, ainda são vistas apenas como subordinadas.

As mulheres do bairro Nossa Senhora das Dores que participam na vida religiosa da comunidade se desdobram para animar o povo a participar das celebrações e novenas, organizam e limpam a capela para os encontros, arrecadam dinheiro para as festas religiosas, se revezam para manter tudo em ordem e para que, a partir da chegada do padre para presidir a celebração, tudo esteja pronto. Apesar de serem as executoras de todo processo, ainda ficam à mercê da palavra final do pároco, que pode manter, modificar ou simplesmente desfazer tudo e impor outra ordem para todas. Elas são incumbidas de fazer, mas não têm o poder sobre como se realizará a liturgia religiosa.

Apenas um homem foi incluído nessa pesquisa (José – nome fictício) esposo de uma das participantes. Outros dois homens foram indicados por elas, precisamente Verônica e Quitéria, (Saúba e Manoel) que são considerados rezadores oficiais da comunidade, sendo presença certa em terços e velórios. Ainda cheguei a conversar com Saúba, mas a conversa não caminhou para uma participação efetiva, pediu que me apresentasse Manoel, o outro rezador, mas devido a questões particulares envolvendo um deles, e também devido à falta de tempo hábil não fizeram parte dessa pesquisa. Constituí, então, como já foi dito na introdução, uma amostra entre os interlocutores utilizando do método bola de neve, assim como o sugerido por

Bauer; Gaskell (2008) e Rodrigues; Mélo (2020), para iniciar a pesquisa. Como um efeito dominó um indicou o outro e a urdidura da rede foi se construindo.

3 HISTÓRIAS, RELAÇÕES AFETIVAS E DE FÉ QUE ACOMPANHAM OS OBJETOS

Colocados diante dessa tela, sentimo-nos transportados a outros tempos e outras histórias, navegando livremente entre a claridade e as sombras, divididos entre a fascinação e o mistério. Não sabemos, porém que estamos enredados em uma armadilha que para nós foi tecida lenta e carinhosamente por D. Maria do Carmo. “Um dia perguntará algum curioso – Quem foi esse Guido de Mello Rego? (OLIVEIRA, 2007. p. 90).

O trecho citado está no texto, O retrato de um Menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. Nele, Oliveira (2007) lança uma reflexão sobre a pintura de uma criança Bororo, pertencente ao acervo do Museu Nacional, Rio de Janeiro. O texto analisa as histórias e os contextos de produção da imagem, especialmente, os significados e caminhos percorridos pela imagem até que ela fosse agregada ao acervo da instituição. Por meio dessa análise é possível observar a dinâmica dos personagens que estão por trás da foto. A citação é bem oportuna para o assunto que irei desenvolver nesse capítulo, pois observarei a circulação de objetos entre as interlocutoras desta pesquisa, a maneira como esse processo de troca de objetos religiosos é acompanhada por relações afetivas, assim como os objetos que chegaram até elas e qual o lugar deles no seio familiar. Parafraseando Oliveira (2007), procuro saber se alguém um dia perguntará a essas senhoras: “Qual a história desses objetos?”.

Os objetos religiosos em sua semântica estão repletos de significados, histórias e memórias entrelaçadas na dualidade forma/essência, sendo cada um atravessado ao mesmo tempo por uma história singular e outra geral que se costuram numa trama que está sempre em movimento, devido ao contexto e as ações dos atores detentores destes objetos.

Mauss (1950), ao observar o papel dos objetos na vida social dos povos concebidos à época como “arcaicos”, entende que os objetos se tornam receptáculos das subjetividades individuais e sociais, na medida em que carregam o “hau” e o “mana” (energia vital/personalidade) de seus donos, tornando-se mediadores de relações sociais. Nas palavras do próprio Mauss (1950, p. 66): “[...] apresentar qualquer coisa a alguém é apresentar qualquer coisa de si” e “[...] aceitar qualquer coisa de alguém é aceitar qualquer coisa de sua essência espiritual, da sua alma”. Para os povos estudados esses objetos circulantes carregavam um tipo de energia mística que de alguma maneira mantinha a solidariedade social do grupo, como complementa abaixo:

Todos os bens trocados tem um hau, um poder espiritual – o hau da dádiva. Você me dá, eu dou a um terceiro, este me retribui com outro. Eu sou obrigado a dar porque devo devolver. “O hau acompanha não apenas o primeiro

donatário [...], mas todo individuo ao qual o taonga é simplesmente transmitido. No fundo, é o hau que quer voltar ao lugar de seu nascimento. [...] ele se prende a essa série de usuários, até que estes retribuam com seus próprios taonga, suas propriedades ou então seu trabalho ou comercio, através de banquetes, festas, presentes [...]. Eis a ideia dominante [...] a circulação obrigatória das riquezas, tributos e dádivas” (MAUSS, 1950, pp. 199-200).

Ainda dentro dessa percepção de poder envolvendo os elementos de troca, Mauss (1950) vai focalizar o sentido de aliança produzido pelas dádivas, que podiam ser sociais, como casamentos; políticas ou religiosas num processo de reciprocidade que envolvia dar, receber e retribuir entre homens e homens ou entre homens e deuses, indo além da simples noção de troca mercantil, em que os processos acontecem ao mesmo tempo baseados na perspectiva utilitária do lucro.

Na visão de Mauss (1950, p. 186), a moeda utilizada para esse processo dependia do contexto. Quando se tratava de se retribuir a hospitalidade ou um presente, ele não era feito naquele momento, a gentileza ou favor poderia ser compensada em outro momento e sempre de maneira equivalente ou maior, nunca menor do que o recebido, mas sempre havia o dever da retribuição fazendo as relações sociais se fortalecerem no que o autor define como dádiva: “um presente dado espera sempre um presente de volta [...] se tens um amigo em quem confias [...] convém misturar a tua alma a dele e trocar presentes e visitá-lo com frequência”. O dever de retribuir inaugura um primeiro regime de direito, em que grupo social não havia como fugir a isso, quem acumulava um determinado objeto sem retribuir, ou seja, sem repassá-lo adiante, era mal visto pelos seus. Analisando o pensamento de Mauss (1950), o objeto configura-se como moeda de troca dentro do compromisso de presentear, reaver e recompensar.

Dentro do que pude observar no trabalho de campo e que será desenvolvido com o andamento do texto, alguns dos artefatos religiosos de minhas pesquisadas passaram por esse triplo processo da dádiva descrito por Mauss (1950) e continuam a passar na medida em que estão inseridos nos atos sociais desses agentes.

Em um diálogo não tão explícito com Mauss (1950), Appadurai (2008) traz um argumento mais atualizado ao propor uma reviravolta metodológica procurando entender as relações sociais a partir da biografia dos objetos inseridos em diferentes esferas de circulação. Citando Karl Marx (1971, p. 48) em *O Capital* (1867), o autor reflete que os objetos também circulam por diferentes espaços de valoração, ele reflete alguns objetos como mercadorias, que, ao passar por várias esferas de circulação, lhe são atribuídos valores de uso, venda e troca. Estes objetos, na qualidade de mercadorias estão ou não atreladas ao dinheiro, como relata Marx "Para se tornar mercadoria, o produto tem de ser transferido para outrem, a quem irá servir de

valor de uso, por meio de troca". Os processos de movimentação a que os itens são submetidos lhes confere valor seja através da permuta, aquisição, transferência, doação ou regalo, o importante é que essas mercadorias não permanecem inertes nessas esferas, se configuram como elementos indispensáveis aos processos em que estão envolvidos para satisfazer as necessidades humanas.

Como declara Appadurai (2008, p. 16): “O desejo de alguém por um objeto é satisfeito pelo sacrifício de um outro objeto, que é o foco do desejo de outrem. Tal troca é o que constitui a vida econômica, e a economia, como forma social específica”. Relação que vai envolver pessoas, coisas e contextos num sistema mútuo que é impulsionado pela vida social que está sempre em mudança a depender das necessidades dos envolvidos que não se encerra em uma definição de valor acabado, como uma simples mercadoria ou um mero bem, mas algo que atende às necessidades do mercado e da sociedade. A esta informação complementa:

Assim, o objeto econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, como base de uma troca real ou imaginária, confere valor ao objeto. É a troca que estabelece os parâmetros de utilidade e escassez, não o contrário, e é a troca que é a fonte de valor. (APPADURAI, 2008, p. 16).

Segundo o autor, os valores atribuídos aos objetos nas diferentes esferas são balizados pelo processo de troca, que não está preso a única definição, o processo compreendido como troca pode significar diferentes definições semânticas dentro das necessidades do meio social.

Apesar de argumentarem sobre duas perspectivas diferentes, Mauss (1950) e Appadurai (2008) concordam ao pensar os objetos como elementos que circulam no meio social, como se prestam a diversas finalidades e de como são parte fundamental da socialidade entre grupos e indivíduos, na medida em que selam laços, são atores numa relação financeira, compra e venda, religiosa, política ou simplesmente material. Artefatos que não estão presos a uma definição absoluta de valor, mas que seguem a corrente das demandas sociais.

Seguindo a sugestão epistemológica de Appadurai (2008) de que os objetos têm uma biografia, a qual lança luzes às diferentes esferas sociais de circulação, pude observar que os objetos que compõem os altares religiosos do grupo de senhoras católicas do bairro Nossa Senhora das Dores, em União dos Palmares, participam e circulam dentro de diferentes esferas. Antes de serem religiosos, passaram por rotas econômicas nos processos de compra e venda (caminhos profanos), são objetos de dádivas dentro de contextos específicos vivenciados pelas praticantes, que lhes conferem valores e significados que ultrapassam a noção de “bem” ou de simples “mercadoria” ou como coisa adquirida pelo simples prazer de possuir ou acumular,

pois circulam em contextos singulares, nos atos praticados pelos sujeitos que os possuem. Encontrei alguns desses processos significativos durante a captação de material, aos poucos fui me deparando com as demandas sociais e as maneiras de lidar com esses elementos, entendi que na dinâmica social e familiar os objetos eram valorados como patrimônio, bem, objetos de desejo, mercadoria, espólio e acervo.

Trazendo as ideias de Mauss (1950) e Appadurai (2008) para o debate brasileiro sobre a linha tênue que divide o patrimônio material e imaterial, Lima Filho; Silveira (2005) refletem sobre o objeto significado em patrimônio ao entender sua imaterialidade, sua “alma” e vinculados aos meios por onde eles circulam. Pensam os artefatos como elementos repletos de sentidos que lhe são atribuídos por outras pessoas dentro de cenários particulares e coletivos que são construídos através de processos de vivência humana. Os objetos integram a vida das pessoas, estão ali e não teríamos como desempenhar determinadas funções sem sua existência.

Independente da origem, eles se prestam a alguma ação e são indispensáveis no processo de construção de identidades ao gerar memórias afetivas que originam vínculos entre as pessoas e esses elementos, tornando-os importantes a depender dos enredos em que estão configurados: “os coqueiros marcam o tempo e os acontecimentos na aldeia Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, como afirmou Maluaré, um xamã Karajá, desde quando ele era um menino” (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 40).

Para qualquer pessoa, são apenas simples coqueiros, mas para Maluaré é sua história desenhada nas linhas dos coqueiros, é a memória de momentos vivenciados por ele dentro do grupo no qual é parte. Os sentidos atribuídos por Maluaré àquelas peças pode ser igual ou diferente dos sentidos atribuídos por outros membros do grupo, para ele é saudade, para outros pode ser tristeza. Sentidos encravados nas histórias de vida que cada personagem tem aqueles coqueiros.

Configuram um recorte da história desse personagem, que toda vez que os olha, relembra passagens cristalizadas no tempo, mas que naquele momento ganha vida por momentos na memória dos envolvidos, porque são eles quem vão determinar a importância de determinados elementos no meio social. Ainda sobre isso, Lima Filho; Silveira (2005) trazem para a reflexão a importância de determinados itens nas sociedades antigas, que, para o colonizador, acostumado com a moeda como elemento de valor, causa espanto a circulação de objetos dentro de um sistema econômico complexo, pautada pela dádiva, que geria a vida social daqueles povos. Ao tratarem dos braceletes de pérolas dos melanésios no Pacífico Sul:

Partindo do princípio de que o objeto, e o conjunto de imagens que traz consigo, tem um lugar muito especial no contexto epistemológico da disciplina (*Antropologia*). Primeiro, por ele materializar concepções culturais das mais diversas que, a partir dele, possibilitam a compreensão de outros domínios que engendram a cultura, como, por exemplo: na economia (os braceletes de pérolas para os melanésios, no Pacífico Sul. (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 41, grifo nosso).

Colares que faziam movimentar a vida dos habitantes da Ilha e de regiões vizinhas, porque através deles processos de troca, compra, venda eram feitos, alianças eram firmadas entre os envolvidos, sendo os instrumentos (colares) parte essencial das negociações. E continua ao explicar que os sentidos atribuídos a esses elementos não estão presos a um nome (colar/canoa/caneta/borracha), cada grupo social irá determinar o valor dos artefatos à sua volta e como eles podem ser utilizados na vida social, econômica e cultural:

A canoa Karajá, no Araguaia; os caramujos xinguanos, no Parque Nacional do Xingu; assim como a caneta, a moeda, o celular, o mouse), ou na política (o papel/pergamino onde foi impressa a Lei Áurea, assinado pela Princesa Isabel, depositado no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro; a bala que matou Getúlio Vargas, representada de forma museal no Palácio do Catete; a escrivinha de Pedro Ludovico, no Palácio dos Condes, na cidade de Goiás; ou o gravador de Mário Juruna no Congresso Nacional). Da mesma forma, na arte, no parentesco ou na religião os objetos são referências e, ao mesmo tempo, consequências da construção cultural (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 41).

A canoa, a moeda, o celular ou o mouse, são peças utilitárias da vida comum de qualquer grupo, mas para alguns círculos que os utilizam, constituem-se como elementos singulares que desempenham funções de particular importância. Se os analisamos friamente, fora de um circuito discursivo, são elementos inertes criados para determinados fins que após atingirem os resultados são descartados, entretanto, observados e avaliados considerando um estrato coletivo e alinhado ao pensamento de Lima Filho; Silveira (2005), é possível argumentar que estes objetos não são inertes, circundam a paisagem, evocam memórias e desempenham papéis com base na importância e sentidos que lhe são atribuídos. Lima Filho; Silveira (2005) também estudam os objetos como elementos documentais e como portadores de essência ao trazer para a análise a alma dos objetos, contudo, não quero entrar no campo do poder de agência atribuído aos objetos, não é essa minha intenção. Pretendo estudá-los como elementos aos quais são atribuídos sentidos.

Dito isso, inicio este capítulo apresentando, de forma mais aprofundada, os participantes da pesquisa. Depois disso, apresento algumas narrativas cujo foco é a aquisição e a circulação de objetos com o intuito de refletir o modo como alguns objetos têm circulado pelas mãos de

diferentes colecionadoras do bairro Nossa Senhora das Dores, sendo posteriormente agregados aos altares religiosos domésticos das famílias locais.

3.1 Conhecendo as participantes da pesquisa

Inicialmente é essencial conhecer as protagonistas desse trabalho que me engradeceram compartilhando seus saberes sobre este modo de fazer (a confecção de altares religiosos domésticos) tão enraizado no imaginário do Nordeste brasileiro, permitindo que eu participasse um pouco de suas dinâmicas familiares. Volto a ressaltar que todas as interlocutoras desse trabalho aceitaram participar e registraram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) através de gravação de áudios durante os encontros.

Todas as entrevistas, logo de início, tiveram certa resistência; em algumas foi concedido permissão para gravar as conversas e em outras, não. Mas todas as envolvidas na pesquisa aceitaram participar. Enquanto conversávamos percebi que algumas informações passavam por um processo de reflexão antes de serem expressas, e na medida em que a conversa fluía, as entrevistadas ficavam mais confortáveis e elas já não se preocupavam tanto com o que iriam dizer e as conversas se tornavam mais naturais e fluidas. Nas outras visitas, como já havia acontecido um primeiro contato, as interlocutoras já mostravam desejo de serem ouvidas, antes mesmo que eu perguntasse. Comecei a perceber, assim como Rodrigues; Mélo (2020), que havia um orgulho, um tipo de legitimidade social, em serem escutadas, valorizadas naquele saber fazer que os jovens e outras pessoas, salvo as da mesma idade, já não tem paciência para escutar.

A maioria das conversas se deu na sala das residências ou sentadas à frente das casas nos momentos em que o sol não estava tão quente. Por ser uma rua tranquila, final de tarde e noite, as famílias se sentam na frente de suas portas para conversar entre eles e entre os vizinhos, enquanto filhos e netos brincam na rua. Naquele contexto, eu era o agente de escuta de um conhecimento que é só delas, deixado de lado pela era digital. Cada uma possui um arcabouço de sabedoria atrelada à sua história particular e ao meio em que estão inseridas. Abaixo apresento minhas interlocutoras da pesquisa, apresento também um pouco das suas biografias, do modo como elas me apresentaram. As entrevistas se iniciaram em 19/01/2021.

Dona Marlene, senhora muito simpática, alegre e alguém que gosta de conversar, viúva, teve 3 filhos e 2 netos, mas se considera mãe de 5 filhos, porque um dos netos ela cria e o outro também ajuda a criar, então também os considera filhos. Nenhum de seus filhos tem altar em casa, apesar de serem da religião católica. Conta que “colocou para correr” uma parente que é

evangélica, pois ela disse a Marlene que jogasse fora todos os seus artefatos religiosos, o que a fez ficar muito chateada e mandou que ela fosse embora. Contou que a maioria de suas imagens foram compradas, algumas no Juazeiro e outras no Centro da cidade de União. Quando eu perguntei quem é o seu santo de devoção, primeiro ela disse: “Nosso Senhor Jesus Cristo! Pode ter mil leis mais Deus é um só!”. Mas, depois dessa resposta disse: “Também sou devota de meu Padrim Padre Ciço e de minha mãe e Madrinha, Nossa Senhora das Dores!”. Ao perguntar sobre como estava sendo esse período de pandemia com as igrejas fechadas ela disse que ficou muito triste porque a igreja ficou fechada; “Onde foi que você já viu a igreja de Deus fechada? Não pode! É a casa de Deus!” e acrescentou que durante a pandemia, se ajoelhava em frente à igreja e pedia por todos: “Por que a gente não pode pedir apenas pela gente, não é mulher?”. Saí da residência de Dona Marlene impactada pela quantidade de informações que a conversa de algumas horas pode trazer, de como apenas uma pessoa possui um universo em si emaranhado de histórias e atravessamentos de significados. Percebi, a partir de Dona Marlene, que o projeto não poderia ter um número grande participantes porque seriam necessárias muitas páginas para transcrever todas as memórias e cadeias de ligações que surgiam a cada palavra.

Verônica Muniz da Silva (Verônica ou Vera): filha de Lia, já sabia e tinha dado permissão para que todas as entrevistas fossem gravadas, então numa noite fui à sua casa junto com minha mãe e minha avó. Encontramos Verônica sentada em uma cadeira de balanço na sala rezando o terço enquanto seu marido, Zezito, assistia a televisão e um dos netos brincava com o celular. Terminamos de rezar o terço junto com Vera e ao final ela leu para si um trecho da bíblia. Começou a dizer que não tem muitos santos, mas os que tem foram presentes de familiares. Quando perguntei quem era seu santo de devoção disse: “É meu Padrinho Cicero! Pra quem acredita é um santo poderoso!”. Perguntei sobre as missas durante a fase mais severa da pandemia, ela disse que não pararam as missas, mas era somente o padre e três pessoas na igreja. Perguntei se assistia a missa na internet? Disse que sim, porque ninguém podia ir para a missa, que passou muito tempo sem ir, porque não podia ir. Perguntei se Veronica conhecia mais alguém se tivesse muitas imagens em casa? Então me falou de uma benzedeira que mora em outro bairro, então expliquei que a pesquisa deveria acontecer dentro dos limites da Vaquejada. Então, começou um debate entre os presentes sobre o meu trabalho, se a pessoa tem que ter muitos objetos sacros, se tem que morar no bairro, quais respostas devem ser ditas. Verônica intervém e comenta de Dona Hilda e a história envolvendo a estátua do Padre Cicero que ficava em cima da parede e de um gato que sempre passava em volta da imagem até que acabou derrubando-a. Disse que o marido de Hilda falou para ela: “Hilda! Esse gato vai acabar morrendo! e realmente o gato caiu e o Padre Cicero em cima da coluna dele e torou os

espinhaços do gato, arrancou um pedaço da imagem que conseguiu colar, mas os espinhaços do gato não”. Então já pedi que me apresentassem Dona Hilda. Verônica disse que também poderíamos conversar com Saúba que reza nos velórios junto com outro senhor chamado Manoel. Conversei com esses senhores, mas não foi possível que participassem da pesquisa por motivos particulares.

Dona Lia (minha avó): primeira convidada a participar da pesquisa, senhora forte que criou 12 filhos e hoje é avó de 25 netos e bisavó de 14 bisnetos. O aceite dela foi o que mais temi não obter. Entretanto, foi a primeira a aceitar e a se interessar pelo trabalho. Os assuntos começam naturalmente, em muitas ocasiões ela é quem começava a falar sobre o que aprendeu e eu escutava e direcionava o assunto. Iniciei a entrevista perguntando como ela adquiriu tantas fotos e imagens de santos e ela começou a mostrar suas imagens e retratos de santos e a dizer os nomes dos filhos que a presentearam: “Santo Juazeiro esse quadro, tudo abençoado” e continuou Lia: “Esse quadro aí, esse quadro, veio do Santo Juazeiro esse quadro, foi Pedro quem me deu do Santo Juazeiro, agora, tudo abençoado. Nossa Senhora Aparecida, essa Pedro me deu e a que estava no Santo Juazeiro e eu mandei comprar uma pra mim, ele comprou a imagem e Sandra comprou a roupa dela, aquele manto que ela veste, Sandra comprou e já trouxe ela vestida. Nossa senhora de Fátima, foi Fatima que me deu, São Miguel e Nossa Senhora foi Pedro que me deu. São Jorge foi Lourdes”. Disse que comprou poucas, que a maioria ganhou, ela voltou a falar da imagem de Santa Maria Madalena que comprou por R\$80,00: “Santa Maria Madalena” (se referindo a outra imagem da mesma santa): “eu ganhei no sorteio, num tem que coloca o nome pro sorteio? Eu fui mais ela e ganhei!”, tá ai! De todos os meus filhos o que mais me deu foi Pedro!... (muito barulho, incompreensível).

Dona Hilda: senhorinha discreta é viúva, mãe de 12 filhos e avó de 6 netos, nasceu em União dos Palmares. Fui no período da manhã à sua casa, ela já sabia que eu iria, porque já tinha deixado avisado um dia antes. Ao chegar, ela nos recebeu bem, eu e minha tia. Logo após, mostrou seu altar que era de seu falecido esposo e que agora lhe pertence. Perguntei a ela sobre a história envolvendo a imagem do Padre Cicero que quebrou e matou o gato, me disse que pertencia a seu esposo (essa narrativa será aprofundada mais à frente neste capítulo). O altar por ela apresentado é um oratório tradicional em madeira, pintado de branco, feito por um de seus filhos e o compõe: uma imagem do Frei Damião que ela comprou em um local chamado: “Vila”, duas imagens de Nossa Senhora Aparecida que comprou em uma loja no centro de União, uma Nossa Senhora das Dores que pertencia a uma senhora que foi embora e abandonou a imagem em casa, então Hilda foi buscá-la. Além dessas imagens, colou outros recortes de santos na parede do oratório para que não ficassem soltos pelo chão. Perguntei se tinha algum

santo de devoção, me respondeu que sim: “Meu Padrinho Ciço!”, quando perguntei se tinha alguma devoção particular que realizasse sempre, disse: “não, eu rezo o pai nosso no quarto, mas na frente das imagens, não! Rezo para meu padrinho e Nossa Senhora das Dores”.

Abaixo apresento as duas “Marias” desse trabalho e para não confundir devido aos nomes iguais, quando me referir à Maria da Paz, colocarei apenas o nome Maria, quando me referir à Maria Pedro a tratarei como Dona Maria.

Maria da Paz (Maria): viúva, reside com uma neta. Sua casa está sempre cheia, porque os vizinhos sentam todos os dias na porta para conversarem. Essa foi minha primeira entrevista com Maria, que é filha de Neurina. Depois da morte de sua mãe, ela teve que passar um tempo em Maceió para cuidar da saúde e somente no final de agosto de 2021 voltou para União dos Palmares. Assim que cheguei, Maria pediu que eu entrasse para tirar fotos de seus objetos religiosos, capturei as imagens com ela ao lado me dizendo como adquiriu cada uma que ela mesma havia arrumado na parede e dentro de um pequeno móvel (rack/ estante) que fica na sala. Recomeçou a falar de seus objetos e disse que tinha um retrato do Padre Cicero e uma imagem de Santo Antônio Caminhante e uma Nossa Senhora Aparecida em miniatura que pertenciam a Madalena, sua amiga, e que depois do falecimento dela lhe foi entregue por Verônica e Cristina que eram irmãs da falecida. Também mostrou a foto de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, disse que era um relógio que foi dado à sua mãe, Neurina, que caiu os ponteiros, mas ela guardou a foto, e depois de sua morte, juntamente a imagem de Santa Luzia e de Santo Antônio, ficaram de herança para ela

Maria Pedro (Dona Maria): tem 91 anos, viúva, entretanto é conhecida como Maria dos Santos, teve 11 filhos, sendo que 1 deles morreu. Quando cheguei à sua residência estava conversando com Maria (que não é participante dessa pesquisa), uma amiga que a considera como mãe, que já estava de saída, então aproveitou minha chegada e foi embora. Expliquei novamente à Dona Maria sobre o que era o trabalho e pedi permissão para gravar a voz durante a entrevista, ela aceitou, então começamos. Perguntei como adquiriu seus objetos religiosos? Ela respondeu: “comprei tudinho, as minhas imagens é tudo comprada! foi comprado tudo essas imagens de santo que eu tenho, custou 50,00 reais na época”.

Quando perguntei se comprou tudo ao mesmo tempo, ela disse que não, que comprava com as pessoas que passavam na porta, comprou aos poucos, comprava uma e pagava, depois comprava outro, passava um tempo, depois comprava de novo. Enquanto me relatava, mostrava as imagens e dizia os nomes. Perguntei se ganhou alguma daquelas imagens e ela disse que não, que não ganhou nenhuma. Quando perguntei sobre os terços, ela disse que alguns tinha ganhado, um deles ganhou de uma comadre que foi ao Juazeiro, mostrou outro que uma amiga

que a chama de “vó” também trouxe do Juazeiro, mostrou outro que ganhou de Dona Quitéria (uma de minhas interlocutoras), quando foi à Flexeiras (Juazeiro) e trouxe para Dona Maria. Nesse momento Maria ficou em dúvida quanto ao local em que o terço foi comprado. Quando perguntei quem arrumou as fotos de santo em sua parede, ela disse: “fui eu mesmo!”, e para limpar e conservar, ela disse: “eu limpo!” passo um pano com óleo pra conservar. Disse que seu santo de devoção era Rainha Santa Helena. Perguntei se algum de seus filhos também era devoto, ela disse que sua filha era devota também. Perguntei também se chamava vizinhos para rezar ou ia rezar na casa deles, ela disse que ia para a casa deles: “vou, quando chama eu vou”. Ao perguntar se herdou algum santo de alguém que morreu, disse que não, que só tem a foto da pessoa que morreu. Disse que tem a devoção de rezar o pai nosso todos os dias em casa. Lembrou que sua mãe tinha um santuário de madeira com Jesus, Maria e José e disse que guarda seus retratos de santo em casa porque os adora e acredita em suas imagens, que tem Jesus, Maria e José na entrada de sua casa. Enquanto conversávamos contei para ela que já havia visitado muitas casas, então disse o nome de Dona Marlene, e nesse momento para minha surpresa, Maria disse: “É minha madrinha de Crisma, eu a tomei por madrinha, mas no dia ela ficou doente e não pode ir, mas que toda vez eu a vejo tomo a benção”.

Quitéria da Silva: conhecida na comunidade por “Teo”, 56 anos, tem 2 filhos, fez o Magistério e trabalhou durante muito tempo na área, no momento está afastada por motivos de saúde, seu trabalho de conclusão de curso foi sobre a origem do bairro Vaquejada, informação que foi uma surpresa para mim, porque estava procurando os moradores mais antigos da comunidade para saber como se deu a formação do local, mas só conseguia fragmentos da história da comunidade. Então saber que seu trabalho de conclusão de curso foi sobre as origens da comunidade foi surpreendente, também exerceu o cargo de presidente da associação de moradores de bairro, quando esta foi criada, foi conselheira de saúde do bairro e lutou junto a outras moradoras por melhorias no bairro e para que não tirassem o posto de saúde da comunidade. Novamente expliquei a pesquisa e disse que outras mulheres estavam participando e em um clima bem descontraído começamos a conversar. Quitéria iniciou me dizendo que a maioria das imagens foram compradas, algumas, ela ganhou, como Nossa Senhora Aparecida, que uma amiga trouxe da cidade de Aparecida em São Paulo. Lembrei das imagens que ela tinha me mostrado em seu quarto em um pequeno altar, então ela me disse que tinha comprado todas menos uma, Nossa Senhora, que Dona Marlene, também minha interlocutora tinha comprado em Flexeiras e lhe presenteou, nesse momento foram muitos risos, porque Verônica disse que Dona Marlene também participava da pesquisa. Continuamos conversando e perguntei quem havia disposto os objetos religiosos pela casa? Ela disse: “eu que arrumei tudo,

quando eu canso, troco de lugar, tem tempo que eu deixo desse lado, tem tempo que eu passo desse lado, aí passa um bom tempo, 1 ano, 6 meses, mas eu fico impaciente quando eu vejo uma coisa presa lá, aí eu mudo de lugar”. Para limpar disse: “ eu passo um pano com um olhinho na madeira e no vidro eu passo só um pano, quando está muito sujo eu passo um pano com álcool”. Perguntei se todo ano Quitéria vai ao Juazeiro, ela disse que sempre ia, mas que agora não vai mais, ia por causa de sua mãe que gostava de ir, que ela ia todo ano duas vezes ao Juazeiro e que agora que ela morreu não foi mais, perdeu a graça, porque era sua mãe que chamava e incentivava

Dona Severina (amiga de Teo): aceitou participar da entrevista, por estar presente durante a entrevista de Quitéria, se interessou e aceitou participar. Antes de começar a perguntar, Dona Severina antecipou as informações e disse que mora no sítio (mas não disse o nome desse sítio), mas que tem essa casa na Vaquejada em frente à casa de Quitéria e sempre vem para passar os fins de semana, que suas imagens estão todas no sítio, que aqui tem poucas ou quase nenhuma. Disse que tem fotos de santos em casa;

Muitos como muita gente tem, não, sabe? Uma pessoa pra ser religiosa não precisa ter muito não, sabe” e continuou; “mas eu não acredito muito, muito não nessas imagens assim da parede, não, entendeu como é? Eu sei que todas elas existe lá nos céus onde Jesus Cristo colocou e ele comanda o poder e elas estão lá. Agora assim, ni mim eu não gosto de colocar muitas, muitas na parede, porque eu não sou muito chegada assim de eu dizer assim; “pronto eu vou ajoelhar aqui e vou rezar praquela santa que tá na parede” aí pra isso minha fé é meia pouca, tá entendendo como é? Eu sou mais de entrar no quarto e rezar sem imagem nenhuma e rezar praquele pai, entendeu como é? Agora não digo que tá errado, nem que eu tenho raiva que maltrate minhas imagens, eu não quero. Eu tenho assim, como eu tenho você na minha casa como amiga, como eu tenho Quitéria, como amiga e irmã, nós somos amiga e irmã, eu tenho amor forte mesmo a ela como nós somos amiga eu tenho os santos assim, como ele é um ministro de Deus e ele não faz mal a ninguém pra eu descarniçar ele, pra mim ele é um símbolo de Deus, tá entendendo, é assim que eu vejo (SEVERINA).

Enquanto conversávamos, notei uma preocupação no ar sobre o que estava sendo dito, para não errar, e falar o que supostamente eu poderia querer ouvir, para desmistificar o momento eu disse que não existe resposta certa ou errada, todas as respostas são as certas, o que há é a simbologia e como cada uma entende a sua fé e a guarda dos objetos sagrados. Nesse momento Quitéria pediu licença e disse: “não importa que tenha muita ou o tamanho, o que importa é a fé” e Severina completou:

O que importa é a fé, porque se a gente no canto que a gente se ajoelhar pedi pra Deus. Como ela veio pedindo a Deus primeiramente e segundo Santa Luzia na companhia naquele desespero e aquela fé (se referindo a Quitéria

quando estava com o filho doente e pediu a Santa Luzia pela cura), era a mesma coisa dela chegar em casa e se ajoelhar, porque Deus vê a gente em todo canto que a gente pedir, ele tá vendo. Não é você: “Ah, eu vou pedir a esse santinho que tá na parede vou pedir proteção, sem você lembrar de Deus, sem a gente se ajoelhar, rezar da boca pra fora, pá, pá, pá, pá, pá. Deus te ouviu? Não! Porque você fez desse santo, fez Deus dele e não ligou, já achou que ajoelhar e rezar pra ele já tá feito seu pedido, não existe isso, porque isso é soberba, eu não trabalho assim”; “Trabalho sim, se possível eu me ajoelho que eu me ajoelho em todo canto, agora meu pensamento é só naquele pai poderoso” (SEVERINA).

Terminamos a entrevista, mas ela não quis tirar uma foto e como seus objetos religiosos estavam no sitio, não tive como registrá-los.

Dona Joana e seu esposo José: casal muito simpático que mora sozinho, entretanto, com a assistência dos filhos. Assim que cheguei na residência, me chamou atenção um pequeno oratório na parede da frente da entrada da casa com uma cruz branca feita na própria parede e as imagens de Nossa Senhora de Fátima com um terço vermelho trazido do Juazeiro que Joana ganhou de uma amiga, Padre Cicero em pé ao lado esquerdo e outra imagem do Padre Cicero sentado à esquerda. Disse que pediu que seu filho fizesse um oratório na frente da casa para colocar os santos que mais ama, que seu filho não queria fazer, mas acabou fazendo. Joana disse que todos os anos vai ao Juazeiro, que esse ano não foi possível por causa da pandemia, mas que próximo ano vai, que já está aberto, disse também que sempre viajava a outros locais: “Cidade de Maria, Flexeiras, onde tem romaria eu vou”. Perguntei o que ela faz para conservar os objetos e ela disse:

Eu somente passo o pano seco, não passo nem olho e nem água, apenas o pano, e eu mesmo que arrumei pela casa, eu tenho um oratório de madeira em meu quarto, eu guardo as fotos de santinhos quem vem nos calendários e as que eu encontro e as imagens que quebram eu coloco lá dentro também (DONA JOANA).

Logo após me dizer isso, me levou até o quarto para mostrar o pequeno oratório. Quando perguntei a Joana se ela tinha algum santo de devoção ela me disse que era “Nossa Senhora e Meu Padrinho Ciço” e que rezava a oração do “Sonho de Nossa Senhora”, uma oração muito forte que diz: “quem souber essa oração e não ensinar, sua alma não salvará!”, Joana disse que não rezaria para mim naquele momento porque: “Eu tenho medo de errar algum pé, porque essa oração não pode ficar pela metade, senão quem começou a rezar tem que ficar ajoelhado 3 dias até lembrar o pé que falta!” e que: “quem a souber tem que ensinar para outra pessoa, senão quando chegar no céu, vai prestar contas porque sabia e não ensinou”.

Verônica que estava comigo no momento da entrevista, pediu que Joana escrevesse a oração para ela, que queria muito aprender, porque poucas pessoas sabiam essa reza, Joana

prometeu que quando sua filha viesse, iria rezar e pedir para ela escrever para não esquecer nenhum pé. Mais tarde conversando com Verônica, ela me falou que essa oração do Sonho de Nossa Senhora é uma oração muito forte, que não pode ser rezada de qualquer jeito, que somente um homem pode ensinar a uma mulher e somente uma mulher pode ensinar a um homem, senão perde a força. Depois de saber disso, decidi que não a escreveria nesse trabalho por respeito ao “Sagrado” nela envolvido e a confiança de minhas interlocutoras.

Algumas informações se perderam durante a entrevista, porque como estávamos na frente da casa, passavam pessoas conversando e motos fazendo barulho, impedindo a compreensão de alguns trechos e não pedi que repetissem porque o momento não permitia, deixei que a conversa seguisse o caminho levado por eles e em alguns momentos, direcionava para as perguntas do roteiro. A entrevista foi escrita, Joana não permitiu que a conversa fosse gravada, fato que foi respeitado. Enquanto conversávamos, ela parava alguns momentos quando seu marido falava e ia para o celular enviar mensagens, me disse que todo dia assiste a missa do Juazeiro, que seu neto baixou um aplicativo que ela consegue assistir à missa, nesse momento, sua filha faz uma chamada de vídeo e Joana faz questão de mostrar quem estava na casa e dizer que estava participando de uma pesquisa sobre os santos. Aproveitei depois que a filha desligou para perguntar se algum filho também era devoto e tinha objetos religiosos em casa, ela disse que não, que um deles que tinha algumas imagens, acabou doando-as. Perguntei quem a ensinou a rezar e de quem era seu costume de ter objetos religiosos pela casa, ela me disse que sua mãe e sua avó a ensinaram a ser devota, que trouxe delas esse costume, que sua avó lhe ensinou a oração do “Pai Nosso Pequenininho”. Também perguntei se ela ia às casas das vizinhas para rezar novenas e terços, e ela disse: “Vou sim, agora faz tempo que eu não chamo ninguém aqui pra casa! Quando é o tempo da quaresma eu gosto na frente da minha casa de rezar as estações da Via Sacra e eu também gosto de ir rezar na casa das pessoas”. Nesse momento, Verônica cobrou de Joana o comparecimento no Terço do Padre Cicero em sua casa, e disse: “já que você disse que vai, então já sabe que todo ano eu rezo, eu não preciso convidar, é só ir!”, então Joana disse que iria no próximo ano.

Dona Rita: fui à casa de Dona Rita intermediada por Cristina (minha tia) que perguntou à Rita se poderia levar sua sobrinha para conhecê-la. Explicou a ela que eu estava fazendo uma pesquisa com pessoas que tem muitos objetos religiosos em casa. Rita já havia aceitado, entretanto, na semana que ficou acertado para conhecê-la, seu marido faleceu, então esperei até que um momento propício surgisse. Quando foi conveniente fazer a visita, fui à sua casa e Dona Rita se mostrou muito reservada e mais desconfiada que as outras interlocutoras, então resolvi por respeitar e direcionar a entrevista para seu altar. Cheguei à sua casa no período da tarde, e

ela nos recebeu bem e pediu para entrarmos. Estava muito quente nesse dia, o termômetro marcava 33° graus, sensação térmica de 37° graus em União dos Palmares, no momento da entrevista. Durante todo o tempo Dona Rita me olhava com apreensão, mesmo eu tendo explicava que se tratava de um trabalho para a faculdade e que somente iria perguntar sobre suas imagens. Comecei perguntando se ela havia comprado todas as imagens ou havia ganhado ou herdado alguma delas? Primeiro, ela me disse que tinha comprado todas, umas aqui (em União) e outras no Juazeiro. Quando perguntei se ela trouxe da mãe esse costume de ter várias imagens de santo em casa? Me disse que: “Tenho de mim mesmo, eu achava bonito e comprei!” Disse que seu santo de devoção era: “Meu Padrinho Ciço e Nossa Senhora das Dores”, mas não se estendeu muito para dizer o porquê.

Muitas outras informações foram dadas pelas participantes que não irão compor esse início porque estão distribuídas pelos capítulos desse trabalho e por integrarem os temas específicos desenvolvidos. Passo agora a desenvolver esses temas, iniciando pelas narrativas singulares que cercam determinados objetos em especial e os processos de circulação no qual estão inseridos.

Descortinando os significados atribuídos aos objetos, passo a analisar alguns objetos religiosos de propriedade de minhas interlocutoras entre os elementos que integram suas coleções. Os itens analisados nesse capítulo, em separado, chegaram para elas de maneira peculiar num processo de circulação socialmente produzido. Cada objeto tem uma biografia própria relacionada em alguns casos com os antigos proprietários e com a nova família que o abriga, revelando laços de afetividade costurados nas narrativas que o acompanham. Sobre esta dinâmica, Lima Filho; Silveira (2005, p. 38) argumentam que:

O objeto ou a coisa mesmo, que circula enquanto algo praticado e ritualizado no corpo do social, mediante os atos que o fazem percorrer os complexos (des)caminhos da vida em sociedade está repleto de sentidos e nexos compartilhados por aqueles que lhe atribuem valores e simbolismos, sendo que os mesmos emergem da própria experiência intersubjetiva das pessoas em interação entre si e delas com o mundo.

Ainda nesse sentido:

O fluxo de sentidos e imagens que o objeto dispersa no mundo que é capaz de veicular aspectos singulares das reminiscências do sujeito devaneante, pelas ações de lembrar vivências passadas e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa e os sentidos possíveis que ela encerra consigo (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 38).

Várias são as situações experienciadas pelos fiéis em que os objetos se apresentam como integrantes da ação, elementos sublimados no meio social que se enchem de sentidos que lhes são atribuídos, situando-os dentro de uma relação de fé/afetividade/respeito/laços sociais, fazendo com que esses objetos sejam mantidos nas residências e repassados, com o passar do tempo, a familiares, amigos e vizinhos. Há uma preocupação do devoto para com os objetos de sua coleção em manter este ou aquele na família como algo predestinado a fazer parte do coletivo familiar, como também dividir com outros fora do seio familiar por motivos particulares que reforçam um processo de costura social. As narrativas que se desenvolvem através desses objetos para cada experiência ganham um novo significado, vinculando reminiscências dos sujeitos refletidas em seus itens particulares.

3.2 As águas o trouxeram para mim

Apresento agora um conjunto de objetos de caráter religioso, adquiridos e colecionados por minhas interlocutoras para refletirmos sobre as narrativas que se desenvolvem através desses artefatos.

Figura 11 - Sagrado Coração de Jesus de Verônica



Fonte: Acervo pessoal (2021)

O objeto acima é uma foto do Sagrado Coração de Jesus colocado em uma moldura geralmente usada em espelhos, com um papelão atrás, já desgastado e sem as cores originais devido ao tempo. Ele possui uma história curiosa e interessante. Chegou para sua dona, Veronica Muniz, depois de uma “cheia” (enchente) que aconteceu na região entre Ibataguara, Mundaú, São José da Lage e União dos Palmares no ano de 1988.

A entrevista começou com Verônica sentada em uma cadeira de balanço na sala da casa rezando o terço, enquanto seu marido, Zezito, assistia a televisão e um dos netos brincava com o celular. Terminamos de rezar o terço junto com Vera e, ao final, ela leu para si um trecho da Bíblia. Quando perguntei se a televisão ligada não atrapalhava enquanto ela rezava o terço, ela disse que não, porque a atenção dela não estava na TV ou nas pessoas, mas na oração que estava rezando, apesar de estar atenta ao que acontecia em volta, que somente saía daquele momento se alguém falasse com ela. Mas que não interferia em sua oração. Começou então a mostrar os objetos religiosos que possuía, contou que alguns comprou no “Santo Juazeiro”, outros comprou na porta de casa, outros ganhou de sua mãe, Lia, outros ganhou de vizinhas e outros eram de sua falecida irmã, Madalena. Contou a história envolvendo uma foto do Sagrado Coração de Jesus que veio ao encontro de seu esposo na correnteza da água durante uma enchente.

Verônica começou a contar a história dentro de casa, sentada na sala e, enquanto apresentava a biografia da foto do Sagrado Coração, dirigiu-se à porta da casa e colocou uma cadeira na frente da casa, sentou-se e continuou a contar a história, observando o céu, o vai e vem da rua e seu neto que estava aprendendo a pilotar uma moto. Somente com Verônica, o objeto está há 33 anos e chegou trazido pelas águas. Ela não sabe dizer o dia e o mês exatos desse acontecimento, apenas que ocorreu em 1988, mas o objeto evoca nela a lembrança de que, na época em que chegou até ela, estava grávida de sua filha mais velha que hoje também tem 33 anos. Relembra que choveu muito na região, fazendo transbordar os rios e a água subir até o ponto de alagar muitas casas.

Em um desses dias de chuva forte, ela recorda que, enquanto estava na rua, seu esposo, Zezito, viu um objeto sendo trazido pelas águas que servia de apoio para um pintinho deficiente que o usava como tábua flutuante. Zezito resgatou os dois das águas; o objeto e o pintinho e os levou para sua esposa que viu naquela situação um sinal; ela acredita que aquele objeto religioso, a foto do Sagrado Coração de Jesus, não chegou até seu marido por acaso. Depois de pegar a foto, limpou-a e colocou dentro de uma sacola plástica transparente para conservá-la e guardou a foto. A foto não fica afixada numa parede, em exposição, fica dentro de um móvel que tem na sala de visitas de sua casa, como nos conta abaixo:

Isso aqui eu tava grávida da minha filha mais velha e deu uma cheia na barra, ai essa imagem, ela veio assim na água, do jeito que tá aqui, a agua subindo e ela aqui. Quem achou foi Zezito, e aqui em cima dele, uma pinta, tu sabe como é filhote de galinha de caqueira? Uma pinta aleijada, tu espia, como as coisas de Deus é! Zezito ia pra casa do pai dele que ficava perto da beira do rio, ai quando ele passou viu aquela pinta: “piu, piu, piu”. Aí ele disse que

parou e viu. Aí ele disse que quando olhou, viu a pinta, o rio enchendo e a água trazendo e veio bater na perna dele, então ele baixou, pegou a foto e a pinta. A foto tá do mesmo jeito de quando ele achou, do jeito que ele achou, eu não mudei nada, até a sujeira daquele dia, continua aí. Ainda tá do mesmo jeito (VERÔNICA – 19/01/2021).

A história envolvendo esse objeto é muito particular, enchendo de questionamento quem a escuta, aqui não foi o devoto que escolheu a imagem do santo, mas a imagem do santo que escolheu o devoto. Na foto abaixo, o verso da foto, mais especificamente, nos dá uma dimensão de que ele continua com as mesmas marcas de quando foi encontrado.

Figura 12 - Verso da foto do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Depois de limpar e guardar o objeto, ela cuidou e alimentou o pintinho deficiente durante um bom tempo, não queria matá-lo, pois acreditava que, como ele veio junto com a imagem, deveria cuidar dele. O pintinho já grande foi morto por uma de suas cunhadas quando Verônica foi para a maternidade. Quando voltou e soube que o pintinho havia sido cozinhado, ficou chateada com a cunhada, porque ela matou o bicho sem consultá-la. Verônica não usa a imagem para fazer orações, ela fica guardada dos olhos de outros que não são a família. Sua filha várias vezes tentou jogar fora o objeto, mas nem Verônica e nem Zezito permitem, pois acreditam ser um desrespeito para com a imagem, como declara:

Eu tenho um bocado de santos, minha filha já quis dar, eu disse a ela - “os outros você pode dar, mas esse Sagrado Coração de Jesus, não”, deixe ele aí, velhinho mesmo, eu nunca dei e nem dou, enquanto eu estiver viva ele está aí, agora depois que eu for embora eu não sei, né!” (VERÔNICA – 19/01/2021).

Percebi que, de alguma maneira, para ela, a guarda de tal objeto também se constituía como missão particular. Ao perguntar o porquê de manter consigo até hoje esse retrato, ela disse: “É uma história viva, eu estou contando a você, se eu for contar as outras pessoas vão dizer que é minha mentira”. A relação criada entre o artefato religioso e Verônica envolve uma percepção do místico, devido à situação que o fez chegar para a família, atribuindo ao item significados que o fazem ser especial em relação aos outros itens da casa, sendo sua história anterior uma incógnita, não se sabe a quem ele pertenceu, quais situações testemunhou, quais caminhos trilhou até chegar ali, mas, apesar desse obscurecimento de sua biografia antes da sua chegada até Verônica, para quem o guarda, apesar de parecer um simples objeto, há uma área de significados: especialmente destino, predestinação e, agora, parte da história, intimidade e herança familiar. Verônica disse que não coloca na parede, junto com os outros objetos religiosos que compõem seu altar doméstico, porque já está desgastado do tempo, então, o deixa guardado dentro do móvel reservado dos olhares alheios, visando a melhor conservação da imagem já desgastada.

A imagem do Sagrado Coração de Jesus de Verônica é um agente que estimula a produção e memórias sobre a enchente, sobre os momentos particulares e importantes da história do bairro Nossa Senhora das Dores e das relações familiares entre a proprietária do objeto, sua cunhada e seu esposo. Eles são agentes que conectam o passado ao presente. Além disso, o modo como Verônica guarda o objeto, em um local reservado, demonstra que há uma preocupação arquivística, voltada para a conservação de um objeto já fragilizado pelo tempo. Ou seja, mesmo não dominando as técnicas especializadas em conservação, a proprietária do objeto aplica seu entendimento de conservação, guardando o objeto em um local reservado de sua casa, próximo dos olhos, mas distantes do toque dos que visitam sua residência e observam seu oratório particular.

3.3 Acrômico de dia e fosforescente à noite

Outros objetos de caráter religioso que compõem a coleção de Verônica e despertaram meu interesse são uma imagem de Padre Cicero e outra de Nossa Senhora Aparecida. Vera me contou que estes objetos pertenciam a uma de suas irmãs, Maria Madalena, já falecida. Após a morte, cada irmão pode escolher entre os pertences dela o que desejava levar como lembrança. Vera decidiu ficar com esses dois objetos. Não teve um motivo especial para a escolha, apenas decidiu que os levaria e o restante foi distribuído entre amigos íntimos. Segundo o relato de Verônica, sua irmã, Madalena, era muito religiosa, estava sempre presente nas cerimônias do

bairro e junto as outras vizinhas participava todos os anos de romarias ao Juazeiro e outras cidades do circuito religioso. Sempre que ia visitar o Padre Cicero, entre estadia e viagem de ida e volta, feita em algumas ocasiões em caminhões “pau de arara¹⁵” que foram substituídos por ônibus de excursões, ela passava uma semana no local onde participava das missas e visitas aos locais de culto, sempre acompanhada por algum familiar ou vizinhos da comunidade. A viagem em si já era um atrativo em especial para ela e os outros participantes, durante o transcurso, terços, ladainhas eram rezados e vários louvores em homenagem ao santo também eram cantados, caracterizando uma completa cerimônia dentro dos moldes do catolicismo popular, elaborado e celebrado pelo povo.

No Juazeiro, ficavam instalados em pequenas pousadas chamadas de “ranchos” que podiam abrigar uma ou várias pessoas ao mesmo tempo. Nas visitas, circundavam a cidade indo a igrejas, monumentos, observando relíquias do tempo em que o Padre Cicero ainda era vivo. Muitos itens religiosos eram comprados, santos, terços, para a própria coleção, por encomenda de alguém ou simplesmente para presentear. Além desses elementos religiosos, outro produto popular fazia parte do roteiro de compras, “rapadura”, para presentear os amigos, vizinhos e familiares.

O momento especial da festa era a missa de despedida “Missa dos Romeiros”, nenhum ônibus deixava o local antes do término da missa e da benção final do pároco. Celebrada com a presença de vários romeiros, vários cânticos eram entoados e ao final durante a benção, os devotos tiravam o chapéu da cabeça saudando e se despedindo do “Padrinho”, sendo o arremate feito pela queima de fogos ao final da celebração. Verônica, mesmo sendo muito religiosa, não tinha disponibilidade para ir todos os anos visitar o santo, visitava quando era possível, poucas ocasiões, mas, sempre acompanhada de sua irmã. Mesmo não seguindo o mesmo ritmo de Madalena, a fé é uma constante na vida de Verônica.

O falecimento de sua irmã trouxe muita tristeza a família, contudo, cada um a interpretou de uma maneira diferente. Na casa de Verônica, relembra-se com carinho as histórias vividas, mas evita-se falar sobre o momento da morte para não trazer à tona o vazio deixado pela falta da pessoa. Lia, mãe de Verônica e Madalena, interpreta como um momento inevitável da vida, não o sente com tristeza, pois diz: “ela tá nas mãos daquele pai poderoso!”. Contudo, não relembra o passado, especialmente o trauma pela perda de sua filha, por crer que quem morreu,

¹⁵ Meio de transporte irregular que ainda é utilizado em alguns municípios do nordeste brasileiro. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Usa-se também para vender alimentos, objetos e animais (CORDEIRO, 2011).

não deve ter o nome chamado, “Já foi, já passou!”. As imagens abaixo descritas fazem parte do acervo adquirido por Madalena em vida e que agora são parte do conjunto de Verônica.

Figura 13 - Padre Cicero e Nossa Senhora Aparecida de Verônica.



Fonte: Acervo pessoal (2021)

As imagens em miniatura do Padre Cicero e de Nossa Senhora Aparecida hoje fazem parte do acervo de Verônica, mas antes pertenciam a Maria Madalena (irmã de Verônica). Na casa da antiga dona, ficavam expostas na sala de entrada, junto com outros objetos sacros. Seguindo a biografia destes objetos a partir do relato de Verônica, é possível perceber que as duas foram compradas em uma de suas visitas à cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

Quando chegaram à casa de Verônica, foram colocadas em cima de uma estante localizada na sala, mas como à noite o pequeno Padre Cicero ficava fosforescente, a claridade incomodava o descanso dos ocupantes da residência e a visão dos objetos traziam à tona a lembrança da falecida que naquele momento era muito recente e desencadeava tristeza para a família. Diante disso, a filha mais velha da dona da casa o retirou juntamente com Nossa Senhora Aparecida e os guardou dentro de um móvel, resolvendo a questão da luminosidade e do excesso de objetos porque já havia outras imagens na sala, além da lembrança que despertava e que, naquele momento, trazia muito sofrimento à família.

A pequena Virgem Aparecida, já chegou na residência plastificada, devido ao zelo da antiga dona, para que não ficasse suja com o tempo. A partir das imagens e da narrativa da

minha interlocutora, não é possível saber o motivo que levou sua irmã a comprar as imagens. Entretanto, quando perguntei sobre os objetos a primeira intenção dela foi indicar a quem as imagens pertenciam e como chegaram à sua casa. Como pertenciam à sua irmã, no momento de dividir os pertences familiares, cada irmão pode escolher o que queria levar de recordação, então, ela decidiu por trazer esses símbolos religiosos. Os objetos foram distribuídos seguindo dois critérios. O primeiro diz respeito à escolha prévia de minha interlocutora das pessoas (parentes ou mesmo vizinhos mais próximos) para as quais os objetos herdados de sua irmã seriam oferecidos e doados. O segundo critério foi selecionar algumas imagens para que outros vizinhos e parentes próximos pudessem escolher as que mais lhes evocava a memória e a lembrança da antiga dona dos objetos.

4 OBJETOS RELIGIOSOS E MEMÓRIAS HERDADAS

Na literatura antropológica, através de Mauss (1950), Halbwachs (2006), Gonçalves (2007) e Appadurai (2008), o objeto dado revela-se como uma tentativa de manter viva a memória de seu antigo dono, através do objeto, o falecido continua presente na vida da família e dos amigos. Em diálogo com a literatura antropológica, Stallybrass (2016), em seu livro “O casaco de Marx” faz uma crítica ao modo como os objetos geralmente são tratados numa perspectiva instrumental, especialmente, dentro do bojo da literatura economicista, a partir de uma razão instrumental pautada na lógica custo e benefício, como argumento para explicar a relação entre os seres humanos e os objetos materiais. Segundo o autor, existe, além desta razão instrumental, também uma dimensão simbólica a ser considerada. O autor, ao falar sobre as roupas de pessoas falecidas, argumenta que elas circulam por diferentes esferas de significados, não se restringindo apenas à esfera econômica, adquirindo significados e carregando a essência de seus donos, que continua a existir por meio das roupas.

Colocando o autor em diálogo com Mauss (1950), é possível observar que, quem distribui os objetos de um ente querido já falecido, seja roupa ou objetos religiosos, como no caso das imagens da irmã de Verônica, independente do material que as compõe, perpetua o desejo de manter a alma do antigo proprietário, algo do seu antigo dono. Nas palavras do próprio Stallybrass (2016), ao aprofundar o modo como os objetos carregam algo de vital de seus proprietários, destaca: “Eu podia cheirá-lo”. “Morto, ele ainda está ali no armário, sob a forma do corpo gravado na roupa, num punho puído, num cheiro” (STALLYBRASS, 2016, p. 18). Mais ainda: “A roupa tende, pois, a estar fortemente associada à memória. Ou, para dizê-lo de forma mais incisiva, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua ausente presença” (STALLYBRASS, 2016, p. 17).

Para nos auxiliar nestas reflexões, início o capítulo refletindo sobre os objetos como aportes para as lembranças e memórias sociais, especialmente como portadores de lembranças de pessoas falecidas. Depois disso, analiso como os objetos possibilitam refletir memórias herdadas de seus primeiros donos.

4.1 Memórias dos objetos e pessoas falecidas

Sempre converso com minha mãe – que faz parte da comunidade na qual realizei esta etnografia – sobre a pesquisa e ao falar sobre os significados desses objetos herdados, ela me contou um antigo costume que toda família herdou e que era comum quando ela era criança;

Quando alguém morria era comum dar as roupas do falecido. A família não ficava com nenhum objeto, sobretudo se era a roupa do cônjuge. Após o enterro, alguns dias passado o luto, a viúva reúne as roupas do morto e as doa para quem precisa (LOURDES¹⁶, 10/10/2021).

As lembranças e significado que carregam os objetos se costuram em um emaranhado de memórias, mantendo as lembranças do sujeito através daquele item, lembrança que se configura como memória dentro um agrupamento, nos termos de Halbwachs (2004), justamente por se estruturar como tal a partir do compartilhamento das lembranças individuais, até que elas se tornem memórias coletivas deste grupo.

Essa relação que envolve os objetos e as lembranças das pessoas que se foram também pode ser abordada a partir do texto “Por uma Antropologia do Objeto Documental: Entre a “Alma nas Coisas” e a Coisificação do Objeto”, de Lima Filho; Silveira (2005). Os autores citam uma história relacionada a Frei Beto, que quando esteve no exílio e ficou sabendo da morte de seu pai, ao saber do acontecimento tinha em seu poder um toco de cigarro que pertencia ao pai e naquele momento, tal objeto passou a significar a presença do pai morto. O objeto, que antes era apenas mais um toco de cigarro, agora remontava lembranças antigas, vivências pelas quais os dois passaram, sentimentos que naquele momento somente ele poderia sentir.

A narrativa contada pela minha interlocutora algumas linhas atrás sobre a doação das roupas das pessoas falecidas, em comparação à narrativa de Frei Beto, utilizada por Lima Filho; Silveira (2005), leva o leitor a imaginar e a mergulhar naquele universo de sentimentos e significados dentro da expressividade do relato. Em outras palavras, estimula o leitor a refletir que Frei Beto:

[...] longe de casa, trazia consigo um toco de cigarro de seu pai. Aquele objeto tão aparentemente desprovido de valor material tomou uma dimensão humana profunda, diante de certa tragicidade do vivido, quando Frei Beto recebe a notícia da morte do pai. Nesse momento, uma espécie de recursão metonímica parece emergir, posto que a parte (o objeto) se transformou no todo (a família, a cidade, o Brasil), desencadeando uma série de sentimentos no sujeito em exílio (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 39).

Mais ainda, nos estimula a refletir que

As imagens dos objetos também “circulam” nos meandros das memórias dos sujeitos, carregando lembranças de situações vividas outrora permeadas por certas sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com seu lugar de pertença (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 39).

¹⁶ Informação dada de maneira informal durante a escrita dessa pesquisa. 10/10/2021.

Os dois objetos, Padre Cicero e Nossa Senhora Aparecida em miniatura pertencentes à Madalena e descritos no capítulo anterior, representam para Verônica a lembrança da irmã que já se foi. Memória que é presença na ausência. No relato da filha de Verônica, um dos motivos para guardar os objetos da tia, além da luminosidade que, à noite, atrapalhava o descanso, foi o fato de que o simples olhar para os objetos trazia de volta a presença da tia que não estava mais entre os vivos, gerando sofrimento pelas dificuldades iniciais de aceitação da perda. Os objetos transmutavam-se em um misto de recordações, lembravam determinados momentos da vida que haviam sido compartilhados em família, as viagens para Juazeiro do Norte. A saudade, a memória e a dor que estava dentro de cada um se materializavam naqueles objetos, sendo a melhor decisão, guardá-los, retirá-los do alcance dos olhos dos moradores da casa para não evocarem memórias que, naquele momento, não eram de alegria, mas de tristeza e saudade.

4.2 A recordação caminha junto com a devoção

A fotografia abaixo também foi feita em uma de minhas visitas ao bairro de Nossa Senhora das Dores. A imagem de Padre Cicero, que pertence à Dona Lia, outra das minhas interlocutoras, foi herdada de sua filha Madalena, a qual já referi acima, muito devota do Padre Cicero e que o tinha como seu “padrinho”.

Figura 14 - Foto de uma imagem de Padre Cicero pertencente à Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Sempre que ia à cidade de Juazeiro, além da programação de visitar todos os pontos considerados sagrados pelos romeiros, na missa de encerramento da festa, Madalena comprava flores e as colocava no altar de Nossa Senhora, comprava vários pacotes de fogos e os soltava em homenagem ao padre. Essa imagem foi comprada por ela em uma dessas viagens e ficava localizada na sala de entrada de sua casa. Depois de seu falecimento, Lia a escolheu como recordação e por devoção.

Um aspecto que chama a atenção, e também a diferencia de outras imagens do mesmo santo, é a indumentária, nessa imagem ele aparece paramentado com vestes sacerdotais, usadas em ocasião de festa, com um terço branco em volta do pescoço e um pequeno ostensório com a hóstia, representando o corpo de Cristo. A roupa mais conhecida pelos devotos é a batina e o chapéu preto. Quando chegou à casa de Lia já estava envolta em um plástico como forma de proteção do desgaste do tempo, para não ficar “encardida¹⁷” pela poeira.

A história desse objeto está relacionada com as imagens em miniatura de Nossa Senhora Aparecida e do Padre Cicero que estão na casa de Verônica. O que há de similar é que os objetos pertenciam à Madalena que era irmã de Verônica e filha de Dona Lia. Entretanto, há sentimentos antagônicos permeando a herança desses objetos. Para a família de Verônica, a imagem trouxe um sentimento de tristeza e saudade, por causa das memórias traumáticas relacionadas ao falecimento da antiga proprietária, já para Lia o objeto não desperta tal sentimento, não evoca tristeza, está pincelado das lembranças da dona a quem pertenceu e agora é mais um objeto que compõe o acervo que fica em sua sala de entrada. A lembrança construída por Lia foi administrada objetivando não trazer conflitos ou sofrimentos, mas harmonia em relação ao objeto e ao que se deseja lembrar, nessa situação que Rios (2013) nos leva a refletir ao citar Michael Pollak;

A memória é coletiva, mas isso é apenas uma parte do que ela é. Os indivíduos também têm suas lembranças: através de uma espécie de “trabalho psicológico”, eles elaboram subjetivamente os acontecimentos, participam ativamente do processo de formação das memórias dos grupos e administram suas próprias lembranças em harmonia com a identidade que almejam construir para si mesmos (POLLAK apud RIOS, 2013, p. 18).

As memórias construídas pelo grupo refletem como esse grupo se percebe, se identifica, reforçando lembranças do passado inseridas num processo de autoafirmação no presente. Sobre esse ponto, Halbwachs (2004) vai destacar que a lembrança é pensada como reconstrução do passado, estando na atualidade sua imagem alterada; “uma reconstrução do passado com a ajuda

¹⁷ Amarelada pelo tempo e pela poeira (FERREIRA, 2004).

de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”, da qual “a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2004, p. 91).

O artefato religioso para Dona Lia, além da recordação de sua falecida filha, ocupa lugar como mais um agregado a seu acervo de objetos religiosos, sem ser colocado em questão se possui áurea mística ou não; é apenas mais um objeto para a atual dona que agora faz parte de sua coleção particular e que será guardado e cuidado para que o tempo não o destrua. Uma situação chama atenção em relação a essa imagem do Padre Cícero em particular: são os diferentes significados que os objetos herdados de Madalena evocam nesse grupo familiar, para uns: tristeza, dor, sofrimento, saudade que são acionados com a simples visão do objeto. A memória que remonta fatos, pessoas, acontecimentos e ações realizadas em grupo e no seio familiar são as mesmas, mas os sentimentos advindos disso são simplesmente distintos, como bem reflete Stallybrass (2016, p. 14):

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nossos cheiros, nosso suor, até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, nossos amigos, nossos amantes morrem, as roupas ficam ali, em seus armários retendo seus gestos, ao mesmo tempo reconfortantes e aterradores – os vivos sendo tocados pelos mortos.

Olhar uma peça que pertenceu a alguém que já não existe é olhar para um pouco de sua essência que ficou para trás, indicando que aquela pessoa já pertenceu aquele caminho, aquele espaço. Ainda nesse mesmo pensamento para outros membros do núcleo familiar, a saudade que evoca não gera tristeza, apenas certeza de missão finalizada, como também nos faz refletir Stallybrass (2016, p. 14):

Para mim, mais confortantes que aterradores, embora eu sentisse ambas as emoções. Pois sempre quis ser tocado pelos mortos: sempre quis que eles me assombrassem: tinha inclusive a esperança de que eles se levantassem e me habitassem. E eles literalmente os habitam por intermédio dos “hábitos” que nos legam. Vesti a jaqueta de Allon. Por mais gasta que estivesse, ela sobreviveu àqueles que a vestiram e, espero, sobreviverá a mim.

A roupa retém gestos, a imagem de Padre Cícero conjura o espaço vazio que não será mais ocupado por aquela pessoa: Madalena. Para Stallybrass (2016), a presença do amigo entranhada nas fibras da roupa; para Verônica, a ausência da irmã vislumbrada nas duas pequenas imagens e para Lia, saudade que não é dor, mas lembrança de alguém que já cumpriu sua missão, seu tempo na terra. Itens diferentes, que trazem significados similares quando relacionados a alguém que já se foi e diferentes ao mesmo tempo quando contrastados aos sentimentos que despertam nas pessoas.

4.3 “Hilda! Esse gato vai derrubar essa imagem e acabar morrendo!”

A fotografia a seguir, também obtida em uma de minhas visitas ao campo, pertence a outra interlocutora dessa pesquisa, Hilda, também moradora do bairro Nossa Senhora das Dores.

Figura 15 - Padre Cicero pertence à Dona Hilda



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A imagem, em gesso, também não pertencia à Hilda, foi herdada de seu esposo que era benzedor reconhecido na comunidade e muito devoto de Padre Cicero. Esta imagem estava com ele há algum tempo, não consigo dizer quanto, e, após seu falecimento, o objeto religioso ficou sob os cuidados da sua esposa, que a colocou dentro de um oratório de madeira pintado de branco, feito por um de seus filhos.

A imagem traz representação já bastante difundida do Padre Cicero: batina preta, com a cabeça para o lado e a mão no coração. Nessa imagem não está com o chapéu tão tradicional usado por ele, também de cor preta. Ela ficava em um dos pilares da casa, na parte de cima, no meio de uma das portas para que qualquer visita pudesse vê-la. Segundo a proprietária da imagem, um gato da família sempre subia em cima das paredes e móveis e gostava de passar “se ralando” na imagem. O marido de Dona Hilda, ex-dono da imagem, dizia para a esposa: “Hilda! Esse gato vai derrubar essa imagem e vai acabar morrendo!”. A profecia do dono se

realizou, em uma das vezes que subiu para passar pela imagem, o gato derrubou a imagem, caiu e a estátua acabou por cair em sua coluna, lesionando-a. Nas palavras de Hilda, o gato “quebrou o espinhaço¹⁸”. Depois de três dias sofrendo, o gato morreu. A imagem quebrou em várias partes e a cabeça foi arrancada do corpo, mas ficou inteira, então o marido de Hilda mandou colar para que ficasse igual a como era antes da queda. Segundo Hilda: “Meu Padrinho ficou inteiro e o gato morreu”. Para Hilda, a morte do gato foi um castigo porque “ele foi mexer com meu padrinho, desafiou, então, meu Padrinho mostrou”.

Para Hilda, a estátua do Padre Cicero possui algum elemento místico que o conecta com o santo, explicação que responde à fatalidade acontecida com o gato. Para ela, o Padre Cicero, independentemente da vontade dela e de seu falecido marido naquela situação, puniu o animal por sua desobediência. A imagem de Pe. Cícero cria um fio condutor que coloca em uma mesma trama humanos, não humanos e forças da natureza, ou seja, o gato, a imagem do Padre Cicero e elementos místicos do catolicismo popular do âmbito do sagrado, que puniram o felino pela desobediência e pelo atentado ao santo representado no objeto.

Ao mesmo tempo, o artefato religioso, nas palavras de Hilda e de outras interlocutoras que me contaram a história, assume papel de proteção e compromisso de cuidado com os donos livrando-os de males que possam entrar na casa. Atrevo-me a dizer, nas palavras delas, que “o padrinho está ali presente na imagem”. Protegendo não como amuleto, mas como um artefato ressignificado com base na fé popular, como bem reflete, Dias; Silva; Souza (2014, p. 354):

[...] é um erro também pensar o uso de tais objetos a "superstições" a serem superadas com o avanço da ciência e da civilização, bem como tratá-los como "amuletos". Conhecer os objetos de devoção é um dos modos de se notar a força da religiosidade popular que tem tradições que subsistem desde longo tempo.

Ainda sobre o equívoco de pensar a fé popular como credices supersticiosas, nos esclarece Menezes (2010):

Durante muito tempo, as práticas de culto aos santos foram tratadas como “supersticiosas”, ou como “comércio da fé”, por envolverem promessas, ex-votos, agradecimentos etc., trocas entre homens, mulheres e santos. Mas, observando essas práticas mais de perto, podemos perceber que muitas vezes o que enxergamos são apenas manifestações exteriores de relações mais profundas, que envolvem a totalidade da subjetividade do devoto numa relação com seu santo protetor, que implica em processos de identificação, auto-entrega, confiança e amizade por parte do devoto (MENEZES, 2010, p. 2).

¹⁸ Espinha vertebral (FERREIRA, 2004).

Seguindo o pensamento dos autores, olhar para a história de Hilda como uma simples crendice é desmerecer a religião em suas raízes. É não entender que o catolicismo popular não está preso a regras, mas que se desenvolvem no meio do povo em suas práticas devocionais diárias, em que o santo é um companheiro de caminhada atento às particularidades da vida humana.

4.4 Objetos transmutados em lembranças

A imagem de Padre Cicero abaixo pertence à Dona Marlene. Ela faz parte de seu acervo particular e foi fotografada em uma de minhas incursões em campo.

Figura 16 - Padre Cicero pertence à Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A imagem não pertencia a ela originalmente, foi herdada de um outro senhor da comunidade (Marlene não me disse o nome desse senhor), que faleceu e possuía um vasto acervo religioso em casa. Pela ocasião da morte desse senhor, seus filhos começaram a distribuir suas imagens e uma das filhas disse à Dona Marlene que, ao olhar para o Padre Cicero, se lembrou dela e por isso a escolheu para dá-la. Quando perguntei o que ela achava do motivo de terem lhe dado a imagem, ela me disse: “as filhas dele se lembraram de mim, mulé, elas

disseram que ficaram pensando quem gostava de santo pra poder dar, aí se lembraram de mim, porque sabiam que eu não ia jogar fora”. Então, ela aceitou o objeto e o incorporou a seu altar, colocou-o em cima de uma mesa coberta por um pano xadrez, branco e vermelho. Além de outras fotos, terços e imagens que não são possíveis de serem vistas nessa foto, a imagem do padre (meu padrinho, para Marlene), com um terço branco no pescoço, envolto em um plástico para que fique protegido do desgaste do tempo e não fique sujo de poeira, faz parte do seu acervo.

Ela colocou algumas flores de plástico para enfeitá-lo, duas placas com textos bíblicos aos pés da imagem, um retrato de Jesus crucificado na parede, um retrato ao lado contendo um relógio, uma foto de Nossa Senhora e uma foto de um neto, ainda bebê. Agora já estabelecido, compõe junto com os outros objetos as narrativas e as memórias de Marlene. Um fato que me chamou atenção, tanto no caso do espólio de Marlene como no das outras interlocutoras que adquiriram artefatos religiosos herdados, devido a uma situação de morte, foi a teia de significados, o leque de memórias mantido e construído por meio das relações sociais formadas entre essas pessoas. Os objetos doados fazem parte de um emaranhado social construído através do processo de circulação social no qual o objeto religioso está inserido, ajudando a compor uma nova crônica, novas memórias, tornando-se movimento, vórtices que geram vida.

A constituição de uma memória, portanto, inclui as lembranças aprendidas, herdadas e transmitidas, ela não se restringe só às “experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização” (RIOS, 2013, p. 9). Contar e recontar a narrativa em que o artefato está inserido é desvendar essa trama que comporta os atores ao longo da tessitura e reestabelece lembranças que eram apenas de um grupo e passam a fazer parte de um coletivo maior.

4.5 Nossa Senhora é minha mãe e minha madrinha!

Em todas as visitas que fiz à Marlene, ela sempre enfatiza que Nossa Senhora é sua “mãe e madrinha”. Ela conta que sua mãe, ainda grávida, e próxima a dar à luz, saiu para lavar roupa e caiu em cima de um “lajeiro¹⁹” batendo a barriga. Quando Marlene nasceu estava com os olhos escuros e eles não abriam, disse que sua mãe temia que sua filha ficasse cega, então resolveu fazer uma promessa para Nossa Senhora, de que, se sua filha ficasse com os olhos

¹⁹ Afloramento de rochas à superfície do solo, de extensão variada; lajeado, lajedo (FERREIRA, 2004).

normais e conseguisse enxergar, a Virgem seria sua “madrinha de Vela²⁰” e “Principal²¹”. Como o pedido se realizou, então, assim foi feito.

Figura 17 - Nossa Senhora, pertence à Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Sua mãe escolheu Nossa Senhora como madrinha para sua filha e Marlene, sempre que fala o nome de Nossa Senhora, olha para cima e estende a mão como se estivesse pedindo a bênção. Como ela mora em frente à Capela de Nossa Senhora das Dores, durante as conversas, se refere várias vezes a ela usando este título, algo que me deixou confusa e me fez voltar à sua casa para capturar outra foto da santa e esclarecer se sua madrinha era Nossa Senhora ou Nossa Senhora das Dores, ao que Marlene me respondeu: “Nossa Senhora é conhecida por muitos nomes, mas ela é somente uma”. Quando narra, com base na imagem da Nossa Senhora, ela volta no tempo, fala como se tivesse presenciado a cena da queda ao lado de sua mãe e o desespero de ver a filha com os olhos escuros. Quando a criança nasceu sua mãe disse: “Essa menina não tem olho não?” e resolveu fazer uma promessa à Nossa Senhora dizendo que: “Se essa menina ficar boa e puder enxergar eu faço da senhora sua madrinha!” Situação que

²⁰ Pessoa que segura a vela na mão da criança durante o momento do batismo (PEREIRA, 2018).

²¹ Primeira pessoa responsável para tomar conta do afilhado (a) caso os pais venham a falecer. Também fica responsável por educar a criança na fé em que foi batizado (PEREIRA, 2018).

aconteceu, então sua mãe cumpriu a promessa. Nesse sentido, “todo o contexto no qual o sujeito está envolto, contribui de alguma maneira para reconstruir os vestígios e impressões de um determinado momento” (SILVA, 2016, p. 251). A esperança do socorro foi o alicerce para a confiança da mãe de Marlene, que acreditou que naquele momento de aflição alcançaria retribuição ao pedido feito, e diante do pedido cumprido, fez da Virgem a madrinha e santa protetora de sua filha, como bem observado por Menezes (2010, p. 3):

Muitas vezes, também se herda os protetores da família: santos que, pela devoção preferencial de um parente, zelam pelos demais familiares. Assim, todas as pessoas nascidas no horizonte católico nascem com protetores em potencial que podem ser acionados em caso de “necessidade”, isto é, em momentos em que sentimos que precisamos de um apoio além de nós”.

Trazendo como apoio o pensamento de Menezes (2010), a devoção a Nossa Senhora fez com que a mãe de Marlene pedisse socorro naquele momento de desespero e, ao ser atendida, transmitiu a devoção a filha, que a carrega até hoje. Quando Marlene olha para qualquer foto de Nossa Senhora lembra da promessa e do livramento dado pela santa e reafirma seu fervor naquela que aceitou por madrinha.

Colocando em diálogo Menezes (2010) com Pollak (1989), Lima Filho; Silveira (2005) é possível argumentar que os objetos nos trazem lembranças e memórias, nos levam a locais específicos sem necessariamente precisarmos sair do lugar, isso se dá pelos sentimentos que eles evocam naquele que os observa: “O objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo” (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 40). A foto de Nossa Senhora desperta em Marlene uma lembrança que não é dela, mas, ao mesmo tempo, aconteceu em um contexto em que ela estava inserida a seguirá como uma lembrança do seu nascimento e de sua mãe, guiando sua vida e suas memórias da mãe.

Halbwachs (2004, p. 39) também destaca que, para recordar, é necessário, até certo ponto, que os nossos pensamentos estejam em consonância com as lembranças de um grupo; “para se recordar, é necessário que o nosso pensamento não deixe de concordar, em certo ponto, com os pensamentos dos outros membros do grupo”. É possível observar que, apesar de não estar presente fisicamente no momento, ela reproduz a narrativa de sua mãe e daqueles que presenciaram o momento, (re)construindo uma lembrança comum a todos, que passa a ser recordada como se todos estivessem presentes aquele momento. Nesse sentido:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito, também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa (HALBWACHS, 2004, p. 39).

Marlene não havia nascido no momento da queda e quando veio ao mundo com os olhos escuros do trauma, ainda era uma recém-nascida. Como poderia lembrar de algo já que era tão pequena, mas sua mãe era a agente do acontecimento em um determinado local, “o lajeiro”. Ela vivenciou o acontecimento que foi contado entre amigos e parentes e que recontados com o tempo permaneceram na memória tão vívidos que hoje Marlene conta como se ela estivesse de pé ao lado de sua mãe quando aconteceu.

Um fato passado na história individual costurado na trama de uma memória individual e coletiva daqueles que foram testemunhas, revivido por meio da lembrança do fato acontecido e pela visão do objeto religioso “foto, imagem de Nossa Senhora”. Ao final das contas, Marlene herdou as memórias de sua mãe, passadas por ela e para sua filha e pelos demais membros da comunidade do Bairro Nossa Senhora das Dores. Neste caso, as memórias herdadas por Marlene constituem as marcas do passado no presente, sendo passadas de geração em geração, unindo o grupo familiar, e também os demais fiéis da comunidade do bairro.

4.6 “O dono da casa está? Ele está sim! E esse é o dono da casa!”

A foto do Sagrado Coração de Jesus tem uma estória peculiar. Lia conta que ouviu a estória da imagem de Frei Damião em uma missa realizada em São José da Lage, quando era jovem. Ela recorda que caminhara “duas léguas²²” a pé, com seu esposo, para chegar, porque não havia transporte para o povo, então, precisavam ir caminhando. Lembra que tinham muitos filhos e que os deixou dormindo em casa, que saíram logo cedo, no raiar do dia, chegaram às 11h00 e quando retornaram para casa já era final de tarde.

²² Medida de distância utilizada antigamente. No Nordeste brasileiro já foi uma unidade de medida muito utilizada, que equivalia a 6 km. Atualmente encontra-se em desuso. Porém, há algumas pessoas (principalmente as mais idosas) que ainda utilizam essa denominação para referir-se ao comprimento de 7 km (COSTA, 1994).

Figura 18 - Sagrado Coração de Jesus na casa de Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na ocasião ela comentou que Frei Damião disse que chegaria um dia em que um homem alto, vestido de branco, com os braços grandes, ultrapassando os joelhos passaria de casa em casa, segundo Lia, perguntando:

O dono da casa está? Então a mãe de família não pode dizer que ele saiu, nem que vai chamar, deve dizer: Ele está sim! Então vai, pega a imagem dele e apresenta de frente: é esse é o dono da casa!” [...] Esse homem vestido de branco é o “maligno”, se não souber dá a resposta, e dizer: Ele está sim, espere aí vou chamar” ele entra e toma posse da casa” (LIA citando FREI DAMIÃO).

Ainda segundo ela, Frei Damião disse que ninguém saberia de onde ele veio e para onde iria. No decorrer de sua narrativa eu fiquei em dúvida se o Padre Damião (Padrim Damião), como Lia o chama, é o mesmo Frei Damião de Bozzano²³ (1989-1997) que foi missionário, junto com outros frades capuchinhos nos sertões do Nordeste. Tentei confirmar essa informação, mas ela não soube responder com certeza se era a mesma pessoa.

Esta narrativa já me havia sido contada também por Neurina (já falecida), quando conversei com ela pela primeira vez. Na ocasião ela disse que havia escutado dos mais velhos que esse homem vestido de branco iria passar nas casas fazendo essa pergunta e que as mulheres deveriam mostrar a foto do Sagrado Coração de Jesus²⁴ e dizer que ele era o dono da casa, mesmo que o esposo estivesse presente. Que se fosse dito que ele não estava ou fosse chamado

²³ MOURA, Raimundo Bezerra de. A história de Frei Damião de Bozzano e sua biografia. [s.n]. Natal, 1978.

²⁴ Remonta à devoção do Padre Cicero no Sagrado Coração de Jesus, baseado num catolicismo piedoso que prega o arrependimento e a conversão da alma, pelo medo do inferno (BRAGA, 2007).

o marido para atender o homem, ele sumiria e se apossaria da casa e que esse homem era “o maligno”. Este enredo é antigo e nenhuma das interlocutoras soube precisar o tempo dele, fato é que Lia escutou essa estória quando era jovem, entre 16 e 22 anos e hoje ela está com 92 anos. O ponto é que esta imagem remete à memória desta história do suposto homem vestido em trajes brancos, indo de porta em porta. Esta é contada de diferentes formas pelas duas interlocutoras da pesquisa. Isso nos remete ao argumento de Pollak (1989) e Voigt (2017) sobre as relações entre exatidão e inexatidão da memória. Ambos argumentam que as memórias não são exatas, elas trazem elementos de inexatidão, os quais permitem refletir os processos de construção de uma memória de grupo.

4.7 “Olha José, eu vou te dar um protetor para te livrar das balas da guerra”

O objeto retratado na figura abaixo é um rosário com dois crucifixos, nomeado de “Santileno”, que pertence a José, esposo de uma das interlocutoras. José é o único homem participante dessa pesquisa e sua participação se deu de maneira espontânea, pois enquanto entrevistava sua esposa (Dona Joana) ele começou a participar e lembrar das histórias envolvendo os objetos religiosos e, entre eles, este terço que tem para José uma especial atenção, visto que esse item foi marcado por uma narrativa que envolve além da família de José, um personagem polêmico, “Padre Cicero”. Esta entrevista foi realizada perto do fim dessa pesquisa e naquele momento não esperava encontrar um relato tão interessante envolvendo um artefato religioso.

Figura 19 - Santileno de José, marido de Dona Joana



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Usarei para essa interlocutora o nome fictício de “Joana” e para seu esposo, “José”. Obtive dos dois o aceite para participar da pesquisa e permissão para uso das entrevistas e fotos, entretanto, mesmo aceitando, senti-os um pouco receosos, escolhi por não colocar seus nomes verdadeiros, por isso, ao descrever sobre eles irei utilizar os nomes “Joana e José” e não usarei a foto deles, apenas dos objetos religiosos. Joana estava sentada na área da casa com seu marido José e nos recebeu entusiasmada, expliquei a pesquisa e que outras senhoras da comunidade estavam participando, ela aceitou, apesar de, em alguns momentos, ficar um pouco reticente.

Começamos a conversar sobre as romarias que participou com outras pessoas da comunidade e os locais visitados, também me convidou para dia 12 de dezembro de 2021 ir à Cidade de Maria que fica próximo à Arapiraca. Ao falar da viagem, lembrou, toda saudosa, uma tia minha, “Madalena, já citada anteriormente, que já faleceu e era bem animada nessas viagens. Começou a mostrar várias fotos de romarias que havia participado e algumas em que Verônica também estava junto, passando a relembrar as viagens a Juazeiro do Norte e fatos inusitados que aconteceram nesses momentos, tais como pessoas que tentaram passar entre as pedras e ficaram presas.

Enquanto conversávamos, seu esposo, José, começou a rememorar as viagens e disse que já foi curador, que hoje não cura mais porque não enxerga e sente muita dor de cabeça, mas que quem cura é Deus e não ele. Perguntei quem o ensinou a curar, ele disse que foi seu tio, que ensinou a ele e a outro irmão, que saía com esse tio e ele curava as pessoas e pedia que José observasse. Um dia o seu tio estava cansado e chegou uma senhora pedindo para ser curada de “dor de mulher”, então seu tio mandou que José a curasse, ele disse: “e eu vou saber!”, “vai sim”, disse o tio: “cure ela!” E depois desse dia começou a curar as pessoas.

Durante as falas de José algumas palavras ficaram difíceis de entender por ele falar baixo, também havia um passarinho cantando o tempo todo na área e as pessoas a pé, motos e carros passando na rua aumentando o barulho. Em alguns trechos da entrevista, algumas informações irão parecer confusas e desconexas, ora parece que José está falando de seu bisavô, ora parece que fala de seu avô e em alguns momentos intercala falando de seu pai.

Também será possível perceber algumas falas inacabadas pelo corte temporal da linha do raciocínio. Contou que seu avô recebeu um “Santileno” das mãos do próprio Padre Cicero, enquanto este era vivo, na época da guerra (ele não sabe dizer ao certo o ano desta luta armada, por ele chamada de guerra) e que esse Santileno passou para seu pai, e depois para ele, que sempre que viaja o leva dentro de uma bolsinha junto a si, porque seu pai pediu que não saísse de casa sem ele. Perguntei o que era um Santileno e ele foi buscar para me mostrar, eu nunca ouvi falar em Santileno, pensei que se tratasse da imagem de Santo Heleno que também não

conheço. Para minha surpresa, o Santileno era um rosário com contas azuis e brancas com duas cruzes já gastas pelo tempo.

Ao continuar o relato, disse que seu avô era marchante e que na época de guerra, o Padre Cicero pediu que ele pegasse alguns bois e matasse para dar ao povo, ação que o pai dele fez e, no fim da guerra, o Padre mandou chamar todos que participaram e a seu avô deu o Santileno. Lembrou que seu pai disse que não saísse sem o Santileno, que sempre o usasse, mas que ele só o usa quando viaja para longe porque em casa ele já está ali, então não precisa. Também me contou que quase morreu e sabe que o Santileno o auxiliou, que precisou atravessar um pasto e lá tinha um boi que era muito bravo, que nem os vaqueiros da fazenda tinham coragem de enfrentá-lo porque ele já havia matado muitas pessoas. Lembra que quando entrou no pasto, escutou o grito do vaqueiro: “corre se quiser ficar vivo!”, ele correu e subiu em um pequeno morro e o boi ficou em baixo batendo na terra para tentar derrubá-lo, que ficou um bom tempo em cima do morro até que o boi desistisse e fosse embora, que somente mais tarde apareceu o vaqueiro para saber se tinha alguém vivo, que quando percebeu que José estava vivo e bem ficou espantado e disse: “eu nunca vi ninguém sair vivo desse boi, o que o senhor fez? Tem que me ensinar!”. José então disse: “fé em Deus e meu padrinho”. E continuou:

“Diante da mesa que ele escrevia dentro da sala dele no Juazeiro, ele disse: “Olha José, eu vou te dar um protetor para te livrar das balas da guerra²⁵ e você João, que era meu avô, e fulano, aí disse o nome dos zomi (não lembra os nomes) vai buscar os boi na fazenda”, mas ele disse: “a gente não somo vaqueiro meu Padrin” ele disse: “os boi lá são como cabra, são bravo! Mas, tenha medo não, pode ir, bote a corda no pescoço dele e pode vir puxando um na frente e outro atrás, num dê nele, onde eles parar demora um pouquinho, quando ele começa a andar, começa a andar de novo que eles vêm praqui”. E quando chegava, matava, tirava o couro e espichava e quando o couro tava seco guardava lá na bulandeira (que era onde os caba puxava algodão pras mulé fazer tecido), quando terminou a guerra, meu Padrin Ciço mandou chamar os fazendeiro e disse: “repara o nome ai nesse boi, de quem é esse nome?” ele dizia: “é o meu nome” e meu padrinho dizia: “mostre o seu registro!” o camarada mostrava o registro e ele ia lá no coice, pegava o dinheiro e dizia: “olha aqui o dinheiro do boi!” pagou tudinho, foi muitos boi que o povo comeu no tempo da guerra, ai ele foi e deu esse Santileno a ele e quando ia vê os boi, butava ele no bolso, né guardadinho numa bisaquinha no pescoço, ai ia simbora, trazia e quando chegava... Pra onde ele ia, ia com ele. Ai ele dizia: “olha Manuel, você faça que nem eu, que quando meu Padrin Ciço me deu, eu só tirava ele do pescoço pra dormir”, meu pai viajava muito e só andava com ele, ai quando foi uma vez ele caiu dentro do caço, o Santileno, na carteira, né, e ele ficou muito preocupado, ai ele pegou comprou

²⁵ Após pesquisas sobre a vida do Padre Cicero, acredito se tratar da “Guerra dos 14”, no Juazeiro, em que o povo formou trincheiras, roubou, saqueou para defender a cidade das forças de Rabelo Franco. Entretanto, não há certeza se o interlocutor se refere a essa luta armada, visto que a memória já lhe falta e não ter sido um fato vivenciado por ele, mas contado de seu avô para seu pai que contou para ele.

uma bolsinha de couro, mandou botar umas rabisca de couro de umas fivelas e botava em baixo da capa da manta da sela e andava por todo canto, quando ele saia dali, ele pegava, tirava, pendurava no pescoço (incompreensível a fala) do paletó. Quando ele morreu ele disse: “olhe Zê, disse: senhor! Olhe Jão, disse: senhor!” ele só tinha dois filhos na hora, olha tem aqui um objeto, mas eu só confio de dar e entregar esses objetos a você meu fio, a você eu não dou não porque você é muito azuado, disse com (um outro irmão meu) (JOSÉ).

Durante a fala de José, falavam ao mesmo tempo sua esposa Joana e Verônica e, ao fundo, um passarinho da casa cantava, então alguns trechos se perderam devido à quantidade de som no ambiente. Naquele momento não achei conveniente pedir que repetissem, então dentro do que pode ser entendido procurei conseguir o máximo de informação possível. Perguntei se José estava com o Santileno no dia que o boi tentou matá-lo. Ele disse: “Ah, quando eu viajo, não deixo ele não! Levo meu Padrin Ciço, quando não pego ele, boto no pescoço ou coloco no bolso, dentro de uma bolsinha”. Nesse momento, José levanta e vai procurar a bolsinha de plástico com zíper que usa para guardar o Santileno, e continua: “em casa eu vivo com ele guardado, porque não vou tá com ele arriba e abaixo”. Dona Joana intervém e diz: “só sai com ele quando vai viajar” e Verônica completa: “É muito lindo a história, né lindo né! Tá vendo” que a gente não sabe de todas histórias, né, né. E tá vendo, Dona Joana ainda com uma verdade todinha dessa que ele conta e chega um evangélico e diz que é mentira”. Depois que Verônica terminou sua fala, José continuou seu relato contando outro milagre com a utilização do artefato sagrado:

Vou dizer uma coisa a senhora, viu! Uma mulé tava com 4 dias pra descansar no sítio, morre, mais não morre, morre mais não morre, quando foi um dia já tava resolvido a trazer aqui pra rua. Meu pai disse: “leve!”, Eu fui, truí ela e botei o cordãozinho no pescoço, era umas 18h, quando foi 20h, o menino nasceu! Não tinha jeito, não tinha jeito de jeito nenhum pra nascer e ela ia morrer (JOSÉ).

Perguntei a José por que o nome Santileno, ele respondeu que não sabia. Pegou o terço na mão mostrando as cruzes e disse: “eu sei que esse é São Sebastião e esse outro pequenininho é Santo Heleno! Ainda hoje eu tenho esse nome gravado, porque meu pai disse: “Ôi! Quando ele entregou ao meu pai (meu avô), ele disse: esse é São Bom Jesus Navegante e esse outro é Santo Heleno, tá pronto pra proteger qualquer um de qualquer perigo”. Durante a entrevista José havia dito que parou de realizar curas porque já não enxerga direito e porque sente muita dor de cabeça. Ao observá-lo percebe-se que foi um homem forte e ativo e que hoje devido à idade e à doença se encontra frágil, lembra de vários acontecimentos que vivenciou ou que lhe

contaram, mas o lapso temporal faz com que troque os nomes, em alguns momentos não consigo entender se ele está falando do pai ou do avô.

Mais uma vez, a narrativa dos meus interlocutores me remete a Pollak (1989). Primeiro, a ideia de que uma memória é produzida como um devir, ou seja, a partir de fragmentos do passado que envolve memórias herdadas dos familiares, no caso de José, de seu pai e de seu avô, se configurando a partir de elementos de exatidão/inexatidão. Segundo porque, ao olhar para as memórias de José, é possível ver que elas são evocadas com o intuito, consciente, ou inconsciente, de lhe garantir legitimidade social para falar da sua relação com Padre Cícero, ícone da religiosidade popular do nordeste brasileiro. É curioso notar como essas memórias evocadas quando da entrevista que realizei conferem a José autoestima social, ou seja, como ele as mobiliza se colocando como um conhecedor das histórias que envolvem os milagres de Padre Cícero, assim como do catolicismo popular.

5 PRÁTICAS DE COLECIONAMENTO E RELIGIOSIDADE POPULAR

Colecionar significa: “adquirir, compilar ou juntar em coleção; grupar, adir ou reunir” (FERREIRA, 2004, p. 131). Ao falar em colecionismo nos vem logo à cabeça uma variedade de objetos que podem ser juntados para fins culturais ou mesmo por *hobby*²⁶ de colecionador que vai desde juntar selos, cédulas antigas, cartas, carrinhos, bonecas, automóveis e vários outros. Há uma infinidade de itens que podem ser colecionados, necessitando, para isso, vontade, paciência e valor atribuído a esse objeto pelo colecionador. Entretanto, este ato se distingue da prática de acumulação²⁷, como destaca Padiglione (2016), tão vista em nossa sociedade na atualidade, ou seja, quando as pessoas desenvolvem a mania (patologia) de acumular sem um fim único, sem que seja levado em conta o tamanho e condições do espaço em que esses objetos serão acumulados. O responsável por reunir objetos não deseja apenas possuir, mas manter as narrativas individuais que envolvem cada peça e uma geral que compõe o grupo.

Ao ingressar nessa empreitada não há tempo demarcado para começo e fim no que tange ao processo de aquisição, critérios de escolha ou um modo específico de fazê-lo, os itens começam a ingressar na vida dos colecionadores de diversas maneiras, que podem ser através de compra, presentes, trocas entre outros colecionadores e leilões.

Entretanto, uma pergunta se insinua, por que gastar valores que vão do aceitável a valores exorbitantes em um artefato? Por que colecionar este objeto e aquele não? Moedas ao invés de garfos, baldes, colchões ou qualquer outro elemento do cotidiano. O que torna um objeto diferente de outro e de incontável valor é algo que se faz presente na subjetividade de cada indivíduo e que se expressa no gostar, no desejo de obtê-lo e nas memórias afetivas despertadas por esse ou aquele objeto que será diferente para cada grupo, ou mesmo para cada pessoa.

Voltando o foco das nossas atenções para as abordagens antropológicas, Marcus Dohmann (2015) argumenta que o “coleccionamento é um processo criativo que consiste na busca e posse de objetos reunidos de forma seletiva e apaixonada, na qual cada unidade tem destacado o seu uso ordinário concebido como parte de um conjunto dotado de significados a ele atribuídos” (DOHMANN, 2015, p. 6). Essa seletividade e paixão são alguns dos motivos

²⁶ Atividade exercida como forma de lazer, distração, passatempo (FERREIRA, 2004).

²⁷ SCHMIDT, Diego Rafael; DELLA MEA, Cristina Pilla and FORTES WAGNER, Marcia. Transtorno da Acumulação: características clínicas e epidemiológicas. CES Psicol [online]. 2014, vol.7, n.2, pp.27-43. ISSN 2011-3080.

que nos leva a entender o porquê de gastar valores materiais em um artefato, independente de julgamentos alheios.

Ainda sobre o valor e prestígio de um objeto, Dohmann (2015, p. 7) nos faz refletir que:

Um objeto pode tornar-se desejável para o colecionador por vários motivos: na medida que o seu meio social assim o determine; mediante a presença em exposições; através da veiculação na imprensa, ou mesmo pelo fato de outras obras do artista que o criou ingressarem em acervos de museus ou mesmo pela publicação em literatura especializada. O valor e o prestígio de uma coleção derivam, portanto, dos significados atribuídos pelo colecionador e por seu grupo social. O colecionamento traduz aspectos de dominação cultural e econômica, devido à disponibilidade financeira e de tempo livre para sua realização, além de requerer um amplo e profundo conhecimento sobre a natureza das peças. Trata-se de um lugar mental, um lugar da memória, do imaginário pessoal onde os objetos perdem a sua hierarquia e sua dicotomia, estabelecendo um novo diálogo sempre inaugurando uma nova construção.

Entretanto, nem todos os agentes envolvidos com a prática de colecionamento de objetos possuem aporte financeiro para investir em um bem de alto valor pelo qual tenha apreço e nem todos possuem conhecimento especializado sobre determinados temas. Muitos colecionadores não dispõem dessas ferramentas e atributos, eles constroem seus acervos aos poucos, dentro do que lhes é possível.

O ato de colecionar nasce do encantamento por determinado objeto e daí vem o desejo de tê-lo sempre ao alcance dos olhos, por isso mobiliza diversos instrumentos para adquirir determinado item, ao qual é atribuído um valor simbólico devido. Um homem de 56 anos colecionando objetos da saga “Jornada nas Estrelas”, ou que faça de tudo para ter a primeira edição de uma revista em quadrinhos de seu herói preferido, o que explica tal fascinação?

Outro dia, conversando com um amigo, este já com 48 anos, trabalhador da construção civil, que recebe como pagamento um salário mínimo por mês, ele me contou que há alguns anos passou em uma loja e viu algo que lhe chamou a atenção, voltou para ter certeza se seus olhos não o tinham engando, se tratava de um boneco em miniatura de Lion e a espada justiceira, herói de um desenho, *Thundercats*, exibido no Brasil em 1986. Ele conta que precisou se controlar para não comprar o artigo que custava entre R\$ 800,00 e R\$ 1.500,00. Disse que o pegou, olhou, lembrou memórias que eram só suas, referentes aquele tempo de sua infância e se controlou para não trazer. Nas palavras dele: “pagar tão caro por um objeto tão pequeno! Mas, é o Lion! Com a espada justiceira!”. Resistiu e não comprou. Contou essa decisão com tristeza por não ter trazido, apesar de saber que aquele valor que seria pago faria falta nas despesas do dia a dia. Não era sua intenção fazer coleção dos personagens desse desenho, queria apenas ter uma lembrança de uma personagem que significou um período feliz em sua vida.

O relato acima não explica, mas traz um breve panorama dos efeitos que um objeto de desejo desperta numa pessoa. A intensidade de sentimentos que leva alguém a querer e a adquirir determinado objeto é algo pessoal e subjetivo, mesmo que seja apenas um elemento ou vários. A prática de colecionamento se concebe como um fenômeno complexo que acontece em meio às relações com o mundo material, mas também com o mundo imaterial, das lembranças, das memórias, dos afetos. Estudar esses objetos de coleções é também estudar as interações sociais e as diferentes esferas de circulações a que determinado objeto foi submetido: em seu processo desde a feitura até o destino final ou “quase final”, que pode ser uma instituição pública de memória, como um museu, por exemplo, ou mesmo a casa do colecionador.

Para Gonçalves (2007), a prática de colecionamento pode ser pensada como uma categoria universal do pensamento humano, ou seja, é uma prática existente em qualquer coletividade humana, independente de difusão ou contato histórico entre grupos. Esta prática, pensada na perspectiva estruturalista, é fundamental para refletirmos o processo de formação dos patrimônios culturais. Ainda segundo o autor, os objetos também podem ser inscritos como coleções de objetos moveis e imóveis, adquiridos e divulgados por uma coletividade, visto que todo e qualquer grupo humano desempenha o ofício de colecionar. O patrimônio, aqui referido por Gonçalves (2007), também pode ser entendido como posse de algo que se adquire como “bem” ao qual é agregado, além de valor sentimental (imaterial), valor financeiro (material).

Aprofundando o tema do colecionamento no campo da antropologia, Padiglione (2016) defende que o ato de colecionar reflete as normas sociais e culturais dos grupos e está ligado ao desejo humano de possuir, à necessidade de reunir objetos em torno de si, alinhado ao conceito de ostentar. Mas como não se pode colecionar tudo é mister fazer escolhas, selecionar o que se entende mais adequado à composição do acervo, distinguindo o colecionador do acumulador, que mantém uma relação patológica de fixação pelos objetos. Nesta mesma perspectiva, Costa (2012) avalia que o colecionamento é tema presente na história das civilizações, possui características que ultrapassam o espaço/tempo dessas coleções e há particularidades que vão depender do contexto social em que os artefatos colecionados estão inseridos, visto como sendo sinônimo de seu autor.

Os objetos de coleções também podem nos remeter a museus (espaços construídos) que abrigam objetos advindos de locais específicos ou de vários locais, que juntos formam o acervo museológico que é exposto para o público que o acessa para diferentes fins, podendo ser para estudo, lazer, pesquisa ou autoconhecimento. Os museus, propriamente, nasceram de gabinetes de curiosidades dos séculos XVI e XVII com peças trazidas, muitas vezes de forma escusa, de

todas as partes do mundo por pesquisadores, exploradores, missionários, naturalistas, viajantes e agentes do governo em missão, que retiravam as peças de suas origens e as traziam para o ocidente, para espaços construídos que acompanhavam a história e refletiam a linha de pensamento sociocultural da época como nos esclarece Gonçalves (2007, p. 25):

“Museus”. Enquanto instituições culturais, ele tem acompanhado os últimos cinco séculos de história da civilização ocidental, assumindo funções e significados diversos ao longo desse tempo e em diferentes contextos sócio-culturais. Desde os “gabinetes de curiosidades” dos séculos XVI e XVII às coleções privadas²⁸ de nobres e ricos burgueses da Renascença, passando pelos “museus de história natural” e pelos “museus nacionais” do século XIX e início do século XX, até os museus do final do século XX e princípios do século XXI, essa instituição parece traduzir ou representar, em suas estruturas materiais e conceituais, concepções diversas da ordem cósmica e social.

Ainda sobre os museus, Gonçalves (2007, p. 16) também vai enfatizar que os acervos que os compunham passavam por processos de classificação com base nos processos de feitura utilizados pelos povos:

Objetos retirados dos contextos os mais diversos, dos mais distantes pontos do planeta, eram re-classificados com a função de servir como indicadores dos estágios de evolução pelos quais supostamente passaria a humanidade como um todo. Uma máscara ritual da Melanésia poderia ser colocada lado a lado com uma outra de origem africana. Uma vez identificadas e descritas a sua composição material e a sua forma estética, uma delas poderia ser classificada como a que apresentava maior complexidade e pressupondo uma tecnologia mais avançada do que a outra. Assim sendo, indicariam estágios hierarquicamente diferenciados de evolução entre as sociedades de onde vieram. Ou poderiam ser classificadas como indicadores de um mesmo nível de complexidade e de evolução tecnológica, o que indicaria a posição similar das sociedades que as produziram na grande escala da evolução sócio-cultural da humanidade.

Pensamento que com o tempo foi sendo modificado e os objetos de coleções assumiram outros valores, quanto à sua origem e aos seus significados, gerando a modificação na dinâmica de aquisição dos objetos, assim como nas de apresentação dessas coleções para que seguissem uma continuidade historiográfica. Para Dohmann (2015), o museu funciona como articulador de valores universais, enquanto espaço da memória atravessada por elementos sociais e culturais imbricada na experiência material através dos tempos.

Padiglione (2008, p. 76) vai defender os museus dentro de um modelo narrativo estruturado a partir de conjuntos de objetos adquiridos ao longo do tempo. Entende que o museu

²⁸ ENCICLOPÉDIA Einaudi, Volume 1. Memória – História. Coleção (Krzysztof Pomian). Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

enquanto espaço narrativo: “constitui um modelo sem igual para compreender e representar a vida humana, para configurar uma identidade como um processo de construção”.

Segundo Gonçalves (2007) os museus como espaço de representação social se constituem em um atravessamento de simbolismos e relações sociais em sua composição, sendo necessário todo um processo para que as peças fiquem prontas para o olhar do público. Muito do que há envolvendo aquelas histórias (sobre aquisição dos objetos, suas biografias) fica obscurecido ou apenas contado pela metade, todos os processos que as fizeram chegar até ali: o como e por quê foram criadas, como foram adquiridos os objetos, como se deu o processo de tratamento, divisões e subdivisões, que agentes foram envolvidos no processo desde a feitura até a exposição final. Tem-se, então:

Ao visitarmos um museu, mal percebemos a complexidade do sistema de relações sociais e simbólicas que tornaram possível a sua formação e asseguram o seu funcionamento. Percorrendo o circuito das exposições, somos levados a esquecer todo o processo de produção de cada um dos objetos materiais expostos, a história de cada um deles, como chegaram ao museu, assim como todo o trabalho necessário à sua aquisição, classificação, preservação e exibição naquele espaço. Os agentes e as relações que tornam possíveis esses processos ficam na penumbra, em favor do enquadramento institucional dos objetos numa determinada exposição (GONÇALVES, 2007, p. 82).

Há um campo sensível permeando os objetos museais e suas histórias que envolve desde colecionadores até o público que visita os museus para pesquisar, observar, conhecer ou simplesmente visitar como um lazer para o final de semana. Independente da intenção do espectador, a função museal e a história envolvendo os objetos ali expostos não sofre alterações.

Meu objetivo, sob a luz da antropologia, não é investigar objetos de coleções museológicas legitimadas pela expertise de profissionais de diferentes áreas, como historiadores, antropólogos, designers etc., mas sim coleções particulares expressas em altares domésticos, pensados como depositários da memória individual e coletiva, fruto de um processo criativo com estética própria. Nesse sentido, como nos lembra Dohmann (2015, p. 8), os “Objetos e coleções, sejam particulares ou em museus, representam uma forma de biografia material”.

Acervo pessoal, objetos de coleções, oratórios, altares domésticos, todas essas classificações, portanto, definem o nosso foco neste capítulo. Durante algum tempo o termo “Oratório” foi utilizado para nomear um agrupamento de objetos religiosos que se constituíam de nichos em madeira construídos para abrigar os santos de devoção da família. Entretanto, nem todas as famílias tinham condições de possuir um oratório, então a saída utilizada era

dispor seus santos de devoção em mesas, paredes, e em outros locais pela casa, ressignificando o espaço devocional.

Dentro de muitas residências encontramos retratos religiosos, terços, imagens de santos, entretanto, não são apenas objetos alegóricos para tornarem o ambiente bonito, em termos estéticos e materiais; eles possuem significado simbólico e social, fazem mediação entre o devoto e a divindade, entre o material e o imaterial. Detentores de uma dimensão aurática, se apresentam para quem os observa como paisagens identitárias.

O objeto traz significados pelos sentidos que lhe são atribuídos com base nas experiências individuais e coletivas dos atores envolvidos, e é esse pensamento que as fotos analisadas nesse texto mostram, um momento congelado na espacialidade, entretanto, elas carregam toda uma carga sentimental e um contexto particular que se inicia desde o processo de aquisição, conservação e exposição domiciliar. Em algumas situações, há circulação dos objetos que compõem os altares domésticos no bairro de Nossa Senhora das Dores entre vizinhos e parentes, situação que compõe novas histórias.

Como destaca Lévi-Strauss (1989), semelhante ao *bricoleur*, os colecionadores de objetos de altares religiosos não seguem, a princípio, um planejamento estético pré-definido semelhante à lógica de tratamento dos museus. Neste caso, a estilística de cada exposição é determinada por cada um dos colecionadores segundo uma pluralidade de formas de atribuição de sentido estético. Não basta apenas escrever sobre essas questões. Mostrá-las faz com que os leitores possam compor a visualidade desses contextos e formar seu entendimento acerca da pluralidade de formas de confecção dos altares religiosos domésticos.

Os objetos de coleções que nomeio como altares domésticos não são iguais, cada ator é um artesão individual (um tipo de *bricoleur*) que o constrói, segundo sua vivência e relações sociais, os seus altares domésticos. Atrevo-me a dizer que são museus particulares construídos, definidos, classificados no âmbito familiar, mas seguindo lógicas e procedimentos particulares. Adquiridos ao longo da vida, cada peça possui história própria e o acervo apresenta uma narrativa que descortina os aspectos religiosos do lar, apresentam uma história que pode parecer confusa ao primeiro olhar. A falta de alguém que explique ou lance mão de um texto explicativo pode fazer com que alguém perceba que está diante de um emaranhado desorganizado, confuso e em excesso, entretanto, cada acervo relata particularidades de sua composição e do ambiente em que está inserido. Sobre isso Rodrigues (2018, p. 139) nos leva a refletir que:

Por mais que os objetos de coleções muitas vezes não contem com um texto escrito indicando as principais referências de seus modos de uso e origens, não quer dizer que o modo como os objetos foram expostos e selecionados não estão fundamentados em um tipo de inscrição, precisamente em um tipo de texto escrito.

Continua a chamar a atenção ao concluir mesmo sem um texto escrito ou um guia para esclarecer os pontos, a explicação está consubstanciada no que é visto pelo observador. Sobre isso, diz Rodrigues (2018, p. 139):

Essa inscrição, ou este texto, que para um observador desatento se torna invisível, está ali, presente na forma como os objetos são expostos, costurando as tramas entre eles, o pesquisador e as diferentes culturas representadas, materializando os arranjos adotados na exposição.

Os objetos analisados fazem parte dos acervos particulares de minhas interlocutoras e cada um carrega uma história ímpar, uma tessitura histórico-afetiva que não é sufocada pelo cotidiano. São histórias que surgem e ressurgem sempre que são contadas por elas, moldando uma narrativa própria para cada acervo. Os conjuntos de artefatos podem ser identificados como acervo pessoal e ao mesmo tempo comunitário, patrimônio pessoal por ser adquirido e comunitário por fazer parte de um grupo, a saber aqui, o bairro Nossa Senhora das Dores. Muitos nasceram da fé familiar, do costume de participar de romarias, das festas e procissões de santo que fazem parte do circuito religioso²⁹ no Juazeiro, São Severino dos Ramos/PE, Santuário da Mãe Rainha e Santa Quitéria em Garanhuns/PE, Porção em Arco Verde/PE, Cidade de Maria em Arapiraca/AL, Frei Damião em Delmiro Gouveia/AL, outros são frutos de heranças familiares e de algum amigo já falecido, recebidos em presente de algum vizinho compadre ou comadre, afilhado ou familiares, e outros são comprados pela própria pessoa. Entretanto, durante os relatos, muitos dos objetos dos acervos foram declarados como comprados por elas.

Ir a campo me trouxe muitas surpresas e desfez estéticas preconcebidas e congeladas que eu supunha sobre o que iria encontrar, tinha uma ideia fixa do que seria um altar religioso, pensava encontrar uma pequena mesa com várias imagens em gesso, terços e velas, uma parede repleta de retratos de imagens de santos. Entretanto, o que encontrei foram formas de altares variados, tamanhos, cores e materiais diversos, um emaranhado estético com histórias singulares. Algumas interlocutoras possuíam o altar como eu havia pensado, outras não! O que dispunham era uma pequena quantidade de objetos religiosos distribuídos em uma pequena

²⁹ Trajeto religioso que engloba municípios alagoanos, pernambucanos e baiano e recebem a visita de muitos fiéis durante o ano para peregrinações.

estante sem muito cuidado, outras possuíam apenas poucas imagens colocadas na parede, outras, alguns objetos distribuídos pela casa entre elementos de decoração, fotos de família e outros objetos comuns da casa como: máscara de pano ou papel, pregos, boleto de pagamento da operadora de energia ou cartão de crédito, remédios, dinheiro, elástico de amarrar cabelo, presilhas ou grampos... O fato de elementos não religiosos estarem inseridos entre os objetos religiosos não descaracterizam seu caráter sacro nem retiram sua importância: é o ordinário misturado ao extraordinário.

A estilística de como as imagens estão dispostas, tem uma lógica e ordem para cada dona de altar, seguem uma sequência alinhavada, uma ordem e circuito expositivo museológico dentro de cada casa. Dispositivos que estão juntos e revelam a dinâmica domiciliar, integrando sagrado e recorrente através da exposição visual, que contam as histórias que envolvem cada família. Segundo Rodrigues (2018, p. 135): “por trás de cada exposição museográfica existe um projetista, munido de caneta e papel, escrevendo as tramas e os sentidos que serão o alicerce da narrativa museal”. Seguindo esse pensamento, ao escolher as peças que serão utilizadas, o proprietário do acervo exerce as funções de estilista ao criar seu próprio desenho artístico, visto que cada uma das interlocutoras organiza seu acervo religioso à sua maneira e como acredita que deveria ser, sem seguir uma regra linear.

Rodrigues (2018) acrescenta que ao refletir sobre o pensamento de Certeau (2001) vai dizer que: “É a observação do dia a dia que leva a pensar a função do projetista urbano, como construtor de espaços mediados por contextos históricos, econômicos, políticos e culturais heterogêneos dentro de cenários homogêneos. Os espaços construídos pelas projetistas aqui pesquisadas apesar de estarem localizados dentro de residências, fogem do homogêneo, são heterogêneos porque cada um é fruto da originalidade de cada uma dessas arquitetas e os locais escolhidos dentro da casa para dispô-los nascem da simbologia atribuída por cada uma das pesquisadas.

Neste capítulo analiso, portanto, primeiro, a organização socioespacial das casas e sua relação com apresentação dos objetos de coleções em altares religiosos; depois disso, discorro sobre o modo como as donas dos objetos de coleções produzem uma narrativa sobre o modo como os objetos são agregados às suas coleções; Reflito também sobre os modos particulares de curadoria que envolvem o modo como os objetos de coleções são montados nos altares religiosos privados; também reflito sobre as diferentes lógicas que envolvem a apresentação dos objetos de coleções; por fim, discuto a pluralidade de formas de conservação dos objetos de coleções.

5.1 Altares religiosos e os espaços das casas

Todos os altares ficam localizados nas salas de entrada das casas das minhas interlocutoras de pesquisa, local em que a luz do sol entra clareando o ambiente. Outros itens sacros são depositados ou estão localizados pela casa, mas sempre em locais considerados de “respeito” para elas: cozinha, paredes da sala de entrada, rack que fica localizado na sala. A maioria das entrevistas foram realizadas no primeiro cômodo da casa, a sala, sempre no período da manhã ou tarde. Nesse ambiente conversávamos enquanto a rotina da casa continuava seu ritmo, com familiares entrando e saindo a todo momento, vizinhos passando na rua, alguns paravam para perguntar alguma coisa, outros somente olhavam e falavam com a dona da casa:

Cheguei no período da manhã em sua casa e Maria estava cozinhando, disse a ela que se ela quisesse eu voltaria depois ou se ela não se incomodasse faríamos a entrevista na cozinha, enquanto ela realizava suas tarefas, mas ela preferiu que nos sentássemos em uma área que fica na frente de sua residência (Relato do meu diário de campo, que compõe um trecho da entrevista com Maria).

Além dos vizinhos que passavam havia o barulho de carros, motos e passantes que conversavam enquanto transitavam pela via. Com outra interlocutora, Dona Marlene, depois de algumas visitas, ela já se sentia mais livre comigo e me convidou para conhecer a reforma que estava fazendo na casa, sem dar oportunidade para recusar, me fez entrar por toda a casa, indicando todos os compartimentos que seriam modificados e ao mesmo tempo dando andamento a entrevista:

Ela me mostrou sua casa, estava muito feliz porque já tinha avançado em uma reforma que estava fazendo para ampliar os espaços e agora poderia ter um banheiro dela para não ter que dividir com o filho, e com os amigos que o usavam quando iam beber com o filho na casa (MARLENE).

Outra interlocutora que concedeu a entrevista na sala foi Dona Quitéria. Enquanto conversávamos, entrou Dona Severina, que começou a participar da conversa e já se tornou interlocutora, enquanto conversávamos, o afilhado de Quitéria entra trazendo o inusitado:

Enquanto a entrevista transcorre, entra na sala um afilhado de Quitéria para mostrar um frango, todo feliz disse: “olha o meu frango madrinha, ele tá pesado!” e ao mesmo tempo Dona Severina conversa com Veronica sobre o assunto da entrevista e outros assuntos também (QUITÉRIA).

O momento das refeições, na cozinha da casa, também se apresentou como propício para compartilhar memórias que envolviam tanto a pesquisa como outras intimidades:

Começamos a conversar durante a manhã em volta da mesa, enquanto o café da manhã era servido, estávamos na cozinha, Lia, Rose (minha irmã), Lourdes (minha mãe) e eu. Geralmente, enquanto entrevisto Lia, sempre aproveito esses momentos em que estamos sentadas durante as refeições ou quando ela sai para ficar sentada na frente de sua casa durante a tarde ou noite quando o clima está mais ameno (LIA).

À medida em que a confiança ia sendo construída, pude adentrar um pouco mais em suas vidas, participar da intimidade que a casa oferece. Os locais escolhidos para essas conversas foram todos escolhidos por elas, a sala sob a luz do sol, a cozinha local onde se conversa e somente se leva os mais íntimos, o próprio convite para conhecer a residência e observar sua estrutura figuram como um código de confiança que nasce do estreitamento para além da amizade permitindo que o outro adentre onde estão os segredos da vida familiar.

O modo de acolher e o local na residência em que essa pessoa determina que o sujeito seja recebido vai significar muito sobre a impressão e a consideração dispensada a tal pessoa. Sendo a residência, local de segurança e afeto é compreensível que somente nela adentrem a quem for permitido, mesmo que a permissão dessa entrada seja por conveniência ou educação. Entretanto, postura, tom de voz, delimitação do espaço que essa pessoa irá indicar e a atenção dada, irão revelar o crédito que é dado ao visitante, algo do livre escrutínio dos atores envolvidos, o qual talvez possa mudar depois de muita observação (DA MATTA, 1997; BOURDIEU, 1999; MACHADO, 2012; NERY, 2017).

Depois desse breve relato sobre a dinâmica em que foram realizadas as entrevistas, começo a analisar os vários objetos de coleções que encontrei durante esta empreitada. As fotos utilizadas mostram as diversas maneiras de disposição de altares domésticos, assim como as formas de colecionamento e as diferentes estéticas que não se guiam pelas regras legitimadas pelo saber hegemônico das instituições oficiais de memória.

Ao fotografar, procurei evidenciar elementos do cotidiano de minhas interlocutoras, o cenário disposto está exatamente como encontrei em cada residência e como elas convivem no dia a dia. Nesse percurso, também pude observar que alguns objetos eram recorrentes em algumas casas e ficavam em locais de destaque como na entrada da casa ou na frente da porta de entrada: o Sagrado Coração de Jesus e o Crucifixo, como protetores que espantam o maligno, fato já relatado nos capítulos anteriores. Na maioria das casas, além dos retratos do Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria, eram presenças fortes o Padre Cicero e Santa Luzia.

5.2 Objetos de coleções e textualidades

Figura 20 - Altar na casa de Dona Quitéria



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Simples, mas significativo, integrado ao cotidiano da casa, a pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida fica na sala da casa de Quitéria em cima de uma base de vidro que no momento em que a foto foi captada estava toda empoeirada, situação comum na vida de muitas donas de casa, que, devido à quantidade de atividades, não têm tempo para manter os móveis livres da poeira.

Junto com as imagens, objetos do dia a dia dos moradores: dois desodorantes, um vidro de acetona e duas pequenas presilhas de cabelo de cor roxa. Um dos desodorantes (branco com tarja vermelha) me chamou a atenção por ser uma fragrância antiga, sucesso de vendas que já saiu e entrou no catálogo da revista Avon como um campeão de vendas, o desodorante “Charisma”. Durante muito tempo, e ainda hoje, os produtos de revistas como Avon, Natura e Hermes são a fonte de renda de muitas das mulheres dessa região.

Figura 21 - Altar no quarto de Dona Quitéria



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Em tempos de pandemia, fé em algumas casas também anda em sintonia com a ciência. Este pequeno altar fica localizado no quarto de Quitéria, entre a porta do quarto e ao lado do guarda roupa do casal. Montado pela dona, é composto por uma Nossa Senhora das Graças e a Sagrada Família, também há um pequeno pires transparente com uma vela, um pequeno frasco de perfume reutilizado para colocar água benta e uma máscara de pano.

Apesar de conter poucos elementos, o acervo não se diferencia dos outros em relação à originalidade e importância. Retomando Costa (2019), cada estrutura das coleções reflete um pouco de suas arquitetas. Cada coleção é resultado da lógica de sua projetista, para utilizar os argumentos de Rodrigues (2018). Mas neste caso, o projeto se assemelha mais à lógica do *bricoleur* levistraussiano, ou seja, a organização estética dos objetos no altar doméstico é o resultado de um processo artesanal, que envolve atravessamentos construídos com as relações familiares e sociais locais.

Clifford (1994) entende que o ato de juntar/agrupar objetos em torno de coleções tem raízes na afirmação de identidade de cada colecionador ou grupo de colecionadores, dentro do espaço social vivenciado por ele e pelos valores que são atribuídos por esse colecionador aos objetos. Costa (2012, p. 17), refletindo sobre o pensamento de Clifford (1994), vai dizer que “podemos entender os objetos de coleção como uma representação de seus colecionadores, uma vez que estes lhes atribuem valores e ressignificações, reordenando seu próprio mundo”. São

representações na medida em que cada conjunto revela a subjetividade de cada construtor e suas relações sociais.

Figura 22 - Altar na casa de Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na foto acima está Dona Marlene apresentando a sala de visitas de sua casa, local em que fica seu acervo. Toda a sala é repleta de objetos religiosos variados, é um grande mosaico de cores, tamanhos e materiais. As imagens religiosas ocupam quase todos os espaços da sala de entrada ao lado de fotos familiares, folhas/ramos que enfeitam os retratos na parede, calendários anuais e objetos de decoração. Há uma mesa coberta por um pano xadrez branco e vermelho com algumas imagens, entre elas Padre Cicero que era de um vizinho que morreu e a família escolheu Dona Marlene para herdeira (já citado no capítulo anterior); também há duas mensagens bíblicas e um capacete vermelho deixado ali por um dos filhos que mora com ela. Também há um sofá com uma cobertura de cor salmão, almofadas e outra pequena toalha de fuxico³⁰. Ao fundo está uma garrafa branca de água que também deve ter sido deixada ali por alguém.

No início, houve um certo desconforto, desconfiança de Marlene, mas conforme captava as imagens com cuidado para conseguir o melhor ângulo e abarcar a todas, Marlene ficou mais relaxada, e ela mesma dizia: “Tire dessa! Já tirou dessa?” Fazia questão que todas fossem capturadas. No final foi compartilhado com ela todos os cliques para o escrutínio da autora do acervo.

³⁰ Roseta feita de tecido, geralmente retalhos e sobras de tecido, usada como um aplique em bordados (DICIONÁRIO TÊXTIL, 2022).

Figura 23 - Altar na casa de Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Outra parede da sala de Dona Marlene, essa com menos fotos, está um pouco gasta pelo tempo com algumas manchas e rachaduras. É possível ver vários retratos de imagens que contam um pouco de sua devoção, além das imagens, há fotos de decoração e de familiares. Também é possível observar o sincretismo entrelaçado na disposição das imagens com a foto de Iemanjá, ao centro, adornada com ramos. Quando perguntei a Marlene quem era a santa? Ela disse que “Eu vi esse retrato na feira e achei ela linda, então, comprei, ela é a santa das sereias”. Mostrando o sincretismo em harmonia com imagens católicas. Em cima da porta, ao lado da foto de Santa Luzia, é possível ver São Jorge, santo guerreiro, também invocado como Ogum, senhor das batalhas e dos caminhos. Conversei com Marlene e com as outras pesquisadas buscando a presença do sincretismo na composição dos altares, mas todas disseram não possuem tais peças, seguindo apenas uma linha católica.

Figura 24 - Altar na casa de Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A parede principal que é vista no momento em que entramos na casa de Marlene se destaca pela organização de grande quantidade de objetos religiosos junto aos móveis da casa. É possível ver a estante coberta com panos decorados com flores e vários objetos religiosos junto a outros objetos de enfeite, ao lado um suporte de água mineral com um rádio em cima. Um intrincado de artefatos de diferentes funcionalidades. Costa (2012, p. 63) destaca que esse emaranhado aparentemente confuso é parte de uma lógica que é própria de cada uma das colecionadoras: “Em uma coleção, os objetos se relacionam entre si, são organizados em um sistema individualmente complexo”. Eles comportam uma lógica que, ora é simétrica, ora não simétrica (complexa), em que cada objeto, seja religioso ou não, tem um papel a desempenhar, tem um local a ocupar no mosaico arquitetônico das participantes.

Figura 25 - Imagens dispostas no armário de Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na parte interior da estante de Marlene há vários objetos religiosos que Marlene ganhou ou adquiriu. A imagem do Coração de Jesus, atrás do vaso de flores, está quebrada e, para não jogar fora, ela o colocou nessa parte do armário. Acima é possível ver um mini retrato de São Severino dos Ramos, Nossa Senhora Aparecida e do Padre Cicero, ao lado de um ursinho de pelúcia. Mais acima há um Sagrado Coração de Jesus na parede e ao lado, na estante, vários terços colocados em cima de um pequeno oratório de Santa Luzia. Em cima da estante há, ainda, um vidro de perfume e vários objetos de enfeite e várias flores de plástico.

Marlene consegue, em um pequeno espaço, organizar todo o acervo que possui. Ao observar as fotos é possível ver que apesar de serem muitos itens que cobrem paredes, mesa e rack, ainda sobra um grande espaço na sala da casa, permitindo a quem mora ou vá visitar, transitar sem problemas dentro dos metros restantes. Os objetos ali colocados, por si só abrem espaço para interpretações particulares nascidas da subjetividade de cada expectador. Rodrigues (2018), ao citar Padiglione (2012) argumenta que isso é parte da escrita museal, um tipo de símbolo de entendimento universal que pretende ir além da letra e do discurso: “isso seria como um tipo de código que teria como proposta superar a fala e a escrita, uma linguagem que se imagina universal, porque recorre a referentes concretos: os objetos de coleções”. (PADIGLIONE, 2012 apud RODRIGUES, 2018, p. 139). Neste caso, ela dispôs os objetos seguindo uma estética própria, diferente da lógica de organização hegemônica das instituições de memória que tem como finalidade última emitir uma explicação, por meio da organização espacial dos objetos de coleções, engessada sobre determinado grupo social (RODRIGUES, 2018). No caso do altar religioso de Marlene, a finalidade última é mais a de apresentar o modo como ela exerce sua religiosidade, do que explicar as contradições advinda do sincretismo religioso, expresso por meio da organização dos objetos do seu altar, que misturam elementos do catolicismo e das religiões de matrizes africanas.

Não penso que Marlene, ao ordenar seu acervo, tivesse a intenção inicial de arrumá-lo como um organograma que segue uma linha de pensamento explicativo, contando a história de sua criação, mas arrumá-lo de maneira que ficasse esteticamente bonito e organizado para que ela própria pudesse entender a trama ali costurada. Entretanto, durante a produção dessa urdidura, construiu-se um texto próprio e que não pode ser contido, o código não pode ser encoberto, como reflete Padiglione (2016, p. 181): “a coisa interessante é que, desse momento em diante, a narração assume um estatuto múltiplo: torna-se uma estrutura empregada para oferecer contextualizações (melhor se incorporadas em sujeitos específicos)”. O texto escapa ao privado quando são expostas as interpretações de outras pessoas e passa a produzir diferentes significados a depender de cada espectador que lança o olhar sobre ele, sendo essa visão, livre e fora do controle de seus criadores.

5.3 Objetos de coleções e diferentes curadorias

Passo abaixo a mostrar diferentes modos de curadoria de cada altar religioso das integrantes da pesquisa.

Figura 26 - Dona Hilda ao lado de seu altar na sala de sua casa



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 27 - Oratório de Dona Hilda



Fonte: Acervo pessoal (2021)

As imagens acima são de Hilda posando ao lado de seu oratório branco de madeira. Ele foi feito especialmente para ela por um de seus filhos. Quando perguntei se poderia registrar ela junto com o oratório, ela disse: “Sim! Por que não?”, e posicionou-se ao lado para o registro. Sem aviso prévio, ou montagem anterior, dona e oratório aparecem como “um completo” numa sobreposição de branco, azul e preto. O oratório não possui muitas imagens e as que nele se encontram não geram tumulto visual, sendo possível identificar cada uma e seu grau de importância para Hilda que não sorri, mas que durante a conversa, apesar de reservada, disse estar feliz em ser parte da pesquisa.

No oratório é possível ver, na parte de cima, Nossa Senhora das Dores acompanhada de duas imagens de Nossa Senhora Aparecida, além de dois terços pendurados. Na parte interna está a imagem do Padre Cícero que foi derrubada pelo gato da família, também estão Frei Damião, Jesus Crucificado e Santa Quitéria ao fundo, além de alguns adesivos de santos colados na parede. Ao olhá-los no conjunto, podem parecer simples artefatos religiosos, antigos, desgastados pelo tempo e resultado de um ajuntamento de uma crença que precisa do objeto para se manter firme, entretanto, não são colocados e nem interpretados dessa maneira por suas criadoras. Tê-los, mantê-los está relacionado a respeito, que faz mediação entre o mundo material e o divino, sobre isso Gonçalves (2005, p. 18) destaca que:

Não são desse modo meros objetos. Se por um lado são classificados como partes inseparáveis de totalidades cósmicas e sociais, por outro lado afirmam-se como extensões morais e simbólicas de seus proprietários, são extensões destes, sejam indivíduos ou coletividades, estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo cósmico, natural e social.

Ainda sobre essa reflexão, Dohmann (2015, p. 7) acredita que: “objetos estão intimamente ligados com a nossa história de vida e são um meio através do qual a identidade é forjada e expressa”. Cada coleção é única, cada uma carrega a personalidade do artista, não há altares impessoais, todos são fruto da subjetividade do sujeito e expressam a intimidade e a maneira como cada uma das pesquisadas vivencia sua relação com o sagrado, marcadores de identidades individuais e coletivos.

Figura 28 - Altar na entrada da casa de Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

O altar na entrada da casa de Lia foi posicionado numa pequena mesa com base de vidro e uma pilastra em gesso de cada lado para sustentar o peso. Acima, várias imagens que ganhou de seus filhos e algumas que comprou. Além disso, três retratos também religiosos e colocados em ordem decrescente e ao lado. Na parte superior do sofá há outro quadro com a foto de uma Bíblia e uma mensagem religiosa. As imagens não foram organizadas por Lia, mas por sua filha, Cristina, que morava com ela e sempre que a visita, limpa, arruma e reorganiza os objetos. A limpeza é feita por sua filha por causa da idade de Lia. Os filhos ficam apreensivos com medo que ela se machuque, mas isso não tira o gosto dela pelos objetos e nem apaga da memória a origem de cada um. Quando fala de seu acervo, Lia aponta cada objeto e narra como os adquiriu, se ganhou, quem presenteou ou se comprou. Recontar a história ali escrita, na organização dos objetos, firma-se como parte do que é, como reafirmação de sua identidade. Padiglione (2016, p. 182) vai dizer que: “a narração coloca em tensão permanências e

mudanças, constitui um modelo sem igual para compreender e representar a vida humana, para configurar uma identidade como um processo de construção”. O altar representa o que Lia é e a história de sua construção caminha junto com os anos de sua vida. Escutá-la relatar a história é escutar sua própria história e isso não empobrece a coleção:

As potencialidades que o conto tem de nos oferecer um contato direto com um “outro mundo”, de nos fazer entrar em realidades compostas por temáticas, tonalidades de sentido e pluralidade dos pontos de vista. É justamente graças à unidade narrativa que essa complexidade [...] encontra uma forma para as sequências de eventos, um desenvolvimento para as dinâmicas e os conflitos, uma síntese de elementos heterogêneos, um percurso entre as diversidades, as adversidades e os protagonistas (PADIGLIONE, 2016, p. 182).

As particularidades advindas da aquisição e apresentação destes objetos é algo que apenas quem conhece a história pode revelar. Baseia-se num relato que envolve confiança e empatia para desvelar minúcias da intimidade familiar. Adentrar na subjetividade dos colecionadores, permitindo a quem escuta, imaginar o macro e microcosmo em que a coleção está inserida.

Figura 29 - Altar na entrada da casa de Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Nesta imagem acima é possível observarmos uma visão mais detalhada do altar de Lia em que é possível observar uma variedade de santos, organizados segundo uma ordem crescente, decrescente e crescente novamente. Na frente os de menor estatura para não tirar a visão dos que foram colocados atrás. O altar segue uma lógica que vai do maior aos lados, para os médios, no centro, e os menores à frente para que os visitantes possam conseguir uma visão completa dos artefatos. Resolvi, então, perguntar por que as imagens estavam plastificadas. Ela me disse que foram compradas no Juazeiro e que já chegaram assim, então, manteve o plástico para proteger e conservá-las. Dohmamm (2015, p. 7) vai dizer que: “a maneira como um objeto

é usado, como é movido e sua própria sobrevivência, são indicações de valor e significado”. Para Lia, os processos de criação que a leva a deixá-los organizados segundo sua estética e o modo de conservação, procurando manter a embalagem original, é algo necessário para uma maior durabilidade do objeto. Este procedimento de conservação não foi aprendido em livro ou ensinado previamente, concebeu-se pela subjetividade do sujeito e do que confere importância como sendo a medida mais eficaz para conservá-los.

Figura 30 - Acervo religioso na cozinha de Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Ao voltarmos o foco das nossas atenções para a cozinha da casa de Lia, é possível ver a parede com a imagem da Santa Ceia e abaixo duas fotos de família, sendo Lia e seu esposo (José Muniz, já falecido) e, ao lado, Elias, último filho homem a se casar, integradas ao armário da cozinha e um suporte com água mineral. Ao fundo tem-se uma visão da sala da casa com uma mesa de vidro e cadeiras vermelhas contendo um arranjo de flores de plástico vermelhas para decorar o ambiente. Também é possível observar a foto do Coração de Jesus, outro quadro e um relógio ao fundo. Mesmo sem conhecimento científico matemático ou especializado no que trata de simetria e decoração de ambientes, as peças são dispostas como se houvesse um projeto prévio, que determinasse, qual tamanho e quais peças seriam agrupadas, qual distância entre um e outro. Cada projeto é fruto da personalidade, da cognição das artesãs, foi construído aos poucos até o resultado final, como diz Dohmann (2015): “A coleção deverá ser, antes de mais nada, abordada como um processo criativo, por tratar-se de uma reunião de fragmentos esparsos constituídos a partir de trajetórias não lineares” (DOHMANN, 2015, p. 7). Não linearidade que não se apresenta como problema, mas como peculiaridade que as distingue de outras coleções.

Figura 31 - Acervo distribuído pela casa de Dona Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Já a visão lateral da sala de estar da casa de Lia nos permite observar uma mesa de vidro com cadeiras vermelhas e acima, as fotos do Sagrado Coração de Jesus. A imagem do centro foi presente de um de seus filhos, que a trouxe de Juazeiro do Norte, essa maior, e a outra menor, do lado direito e a do lado esquerdo, também menor, a foto do Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Dentro dos armários da cozinha e da sala há vários outros objetos religiosos menores que foram colocados lá por falta de espaço. Abaixo, Lia nos mostra mais um dos objetos que integram seu acervo.

Figura 32 - Dona Lia segurando a imagem do Menino Jesus



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 33 - Close de Dona Lia segurando a imagem do Menino Jesus



Fonte: Acervo pessoal (2021)

É possível observarmos Lia segurando a imagem do Menino Jesus em porcelana. Ela fica guardada em um local reservado dentro de sua estante, mas que é fácil de visualizar quando se entra na casa. No dia que captei essa imagem estávamos finalizando a entrevista quando pedi para tirar as fotos e ela disse que podia, então, rapidamente comecei a fotografar, enquanto as capturava ela começou a me dizer novamente os nomes dos santos e qual filho lhe havia apresentado com elas, então pegou o Menino Jesus e disse: “Esse não! Esse eu comprei de um prestamista³¹ que passou na porta”, disse que pagou aos poucos e me perguntou apontando para a imagem: “Você sabe quantos anos tem?”. Eu respondi que não sabia: “Mais de trinta anos”. disse ela, toda orgulhosa por possuir o objeto conservado por tanto tempo e após me explicar todas essas nuances, relembando a memória envolvendo os objetos, colocou a pequena imagem do Menino Jesus no colo para que eu a clicasse com ela nos braços. Ao aceite espontâneo, peguei rapidamente meu celular e registrei o momento, tentando mostrar toda singeleza que o momento proporcionava.

Depois, com mais calma, ao observar a foto e lembrar sua entrevista, observei que os papéis de curadoria foram desempenhados ali com maestria. Padiglione (2016, p. 183) diz que: “o curador é aquele que é chamado para organizar a comunicação expositiva, mostrando consciência e habilidades equivalentes em tema de arrumação crítica das obras”. Dessa forma, o cuidado, a conservação e atenção dada a um pequeno objeto pode ser comparada ao trabalho do curador que se esmera no seu ofício. O fato de manter tal objeto há tanto tempo, mais de trinta anos, é um fator de orgulho pelo trabalho e dedicação à sua peça, tê-la em ótimo estado de conservação em suas mãos é conservar a própria história e daqueles que estão à sua volta. O processo da curadoria não é somente para o objeto, mas da própria vida.

5.4 Lógicas plurais de organização dos objetos de coleções

Cada participante é uma artesã singular, construtora de seu acervo e para isso utilizam lógicas plurais na constituição e organização desses objetos de coleções religiosos.

³¹ Na linguagem popular, trata-se de um vendedor de rua, que vende de casa em casa diversos objetos pelo sistema de prestação, depois de concretizada a venda volta às casas todos os meses para receber e marca os pagamentos em cartões de papel. Vendedor ambulante ou de porta em porta, que comercializa os seus produtos a prestações.

Figura 34 - Altar de Dona Rita na entrada da casa



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A parede lateral da casa de Dona Rita é repleta de fotos de santos, alguns com fitas brancas, vermelhas e pretas. Também há uma imagem do Menino Jesus ao lado de São Jorge e abaixo da foto do Padre Cicero e de Nossa Senhora das Dores. É possível visualizar a outra parte do altar abaixo, em uma mesinha com algumas imagens, uma bíblia e dois carregadores de celular. A organização do altar é da própria Rita que o compôs e arrumou.

Além dos itens de uso comum destacados na foto que serão melhor visualizados na foto abaixo, também chama atenção na foto acima as fitas amarradas em laços. Apenas algumas delas estão com amarrações, e apresentam cores diferentes dependendo do santo. Santa Luzia, fita vermelha, Sagrada Família e Nossa Senhora do Bom Parto, fita branca, Padre Cicero, fita preta. Ao procurar saber o motivo das fitas foi dito que:

Coloca fita, é assim! As pessoas faz promessa, faz um pedido pra qualquer santo, ai quando é valido, bota aquelas fita na cintura no santo, quando a fita é grande, mede o tamanho da pessoa dos pés à cabeça e amarra na cintura do santo, tem pessoa que faz promessa meio exagerada. Risos (VERÔNICA, chamada de vídeo por WhatsApp, 18/02/2022).

Num primeiro olhar, pensei que as cores tinham alguma relação com os santos, que houvesse uma determinação não oficial, mas subliminar, em que branco e azul seriam para Nossa Senhora, Vermelho para Santa Luzia, preto para o Padre Cicero, mas as respostas que obtive revelaram que não existe uma determinação ou imposição de cor tal para santo tal, tanto a escolha da cor como o tamanho da fita se dão de maneira arbitrária, é livre para cada devoto:

O significado da cor depende da promessa, depende do seu pedido, e da cor que você prometer dar. Os laços de fita são os pedido, o que foi realizado você paga, é o que você prometeu, não pode mudar nada. Exemplo: Meu padrinho

eu preciso de sua ajuda, se o senhor me ajudar eu dou um metro de fita branca e solto uma dúzia de fogos. Tem que soltar os fogos e tem que dar a fita branca, não pode ser outra cor. Se você disser o dia, tem que ser naquele dia, se não dizer, não tem dia, é quando o senhor lhe chamar, aí não tem tempo marcado pra fazer, mas tem que fazer! (LOURDES³², minha mãe, entrevista informal, 18/02/2022).

Apesar de estar tratando do altar de Rita, pedi as informações à Lourdes (minha mãe) e à Verônica, porque não foi possível voltar à casa de Dona Rita para esclarecer esses pontos e porque desde a última visita, percebi que ela já havia considerado acabada a entrevista, não senti abertura para retornar à sua casa, mesmo ela dizendo que eu poderia voltar.

Figura 35 - Altar de Dona Rita



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Aqui é possível verificar com mais detalhes as imagens que o compõem: Nossa Senhora, envolta em alguns terços, ao lado do Divino Pai Eterno, São Benedito, Menino Jesus, Frei Damião e Nossa Senhora. Também é possível ver uma pequena gruta com Nossa Senhora dentro. Mas o que chama a atenção são os dois carregadores de celular em cima da Bíblia, revelando o religioso em sintonia com objetos de uso comum.

A partir desta entrevista comecei a perceber que havia uma série de promessas solicitadas aos santos que compõem os altares domésticos no bairro Nossa Senhora das Dores. Para exemplificar um pouco melhor esta relação, apresento também as narrativas de Dona Maria, representada nas imagens abaixo.

³² Depois de ligar para Verônica começamos a conversar sobre esse tema e, espontaneamente, ela me explicou essa simbologia envolvendo objetos, cores e os santos.

Figura 36 - Dona Maria sentada no sofá de sua casa com seu altar



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 37 - Dona Maria no meio da imagem do Divino Pai Eterno



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Dona Maria está sentada no sofá de sua casa ao lado de Santa Quitéria e de Santa Helena. Segundo Dona Maria, ela é a única moradora que possui a foto de Santa Helena e que várias pessoas já tentaram copiar a foto e não conseguiram. Segundo ela: “É um mistério! Só eu tenho ela!”. Na foto ao lado tem-se o Divino Pai Eterno com Dona Maria posicionada no meio deles. Contou-me que comprou a foto de um prestamista. Na ocasião, ela pediu que colocassem ela no meio. Maria tem poucos objetos religiosos que estão posicionados na frente da casa, ao lado do sofá da sala e na parede em frente ao rack. Na distribuição, as duas fotos ficam ao seu lado no sofá, o Divino Pai Eterno ao lado da estante e a foto que mostrarei abaixo que são de três santos em uma única foto com um relógio ao meio, que fica na frente da casa. Sobre isso, Pomian (1984, p. 67) nos diz que:

Quando se fala de colecção, supõe-se tacitamente que esta é formada por um certo número de objectos. [...] Mas quantos objectos são necessários para que exista uma colecção? É evidente que, em abstracto, uma tal questão não tem resposta. [...] em geral, o número de objectos que formam a colecção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objectos, etc. Este número é, portanto, necessariamente muito variável no tempo e no espaço e só excepcionalmente pode servir para distinguir uma colecção de um conjunto de objectos que o não é. O que

realmente importa é a função e é esta que se exprime nos caracteres observáveis que definem a colecção.

Pomian (1984) nos leva a refletir que não se pode determinar um número mínimo ou máximo de elementos para que possamos chamar um agrupamento de colecção. O importante é o valor atribuído aos itens adquiridos, o desejo de obtê-los, porque representam algo que traz felicidade a esses colecionadores. Sobre isso, Costa e Ribeiro (2011, p. 8) vão argumentar que o interesse social em juntar objetos de colecções faz parte dos grupos sociais: “as colecções se configuram, portanto, necessárias em qualquer sociedade, tendo suas características próprias de acordo com o grupo de colecionadores e a sociedade em que está inserida”.

Retomando as reflexões de Pomian (1984), Costa; Ribeiro (2011) me vejo novamente no início do trabalho de campo, no impacto entre teoria e realidade, entre o que eu concebia como colecções e os acervos encontrados, que me levou a um encantamento pela pesquisa. Encontrei altares de tamanhos e formatos diferentes, mas que não diminuía em nada a relação de intimidade de suas tutoras com o divino. O acervo pode ser grande ou pequeno, como é o caso dos artefatos de Dona Maria, mas não deixa de ser acervo, adquiri-lo e mantê-lo perpassa a definição da palavra e possuir é uma questão de necessidade.

Figura 38 - Relógio com fotos sacras na entrada da casa de Dona Maria



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Esse retrato apresentando o Sagrado Coração de Jesus e Maria contendo um relógio, ao centro, as imagens de Cosme e Damião, em um lado, e, do outro, a de Nossa Senhora Aparecida, está colocado em cima da porta de entrada da casa de Dona Maria. Mais um elemento que faz parte de seu pequeno acervo.

Abaixo o espaço religioso de Maria.

Figura 39 - Espaço religioso de Maria

Fonte: Acervo pessoal (2021)

Apesar do nome igual, este acervo pertence a outra interlocutora, também de nome Maria. O acervo é composto por algumas fotos de santos que estão nessa parede, que é a de entrada da casa. As imagens dos santos estão misturadas às fotos de família. A construção é de autoria de Maria. Quando perguntei quem ensinou ou por quais motivos ela organizou as imagens na parede daquele modo, ela me disse: “Eu que quis, e fiz assim! Ninguém me ensinou!”. É possível observar na parede, as imagens de Padre Cicero, de Nossa Senhora das Graças, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (que era um de relógio que não funciona mais, então ela tirou os ponteiros e a guardou como imagem) e de Santa Quitéria, numa foto bem pequena, acima ao lado da foto de família.

Figura 40 - Acervo religioso de Maria

Fonte: Acervo pessoal (2021)

Essas imagens ficam localizadas dentro do rack que Maria tem na sala de casa, todas arrumadas por elas. É possível observar Padre Cicero envolto em terços e fitas. Além dele, também é possível identificar as imagens de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, Santa Clara, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio e Rosa Mística em miniatura. No compartimento acima estão Santo Antônio e outra santa que ela não sabe dizer quem é, disse que ganhou, mas que não sabia o nome. Perguntei se era Santa Barbara, e ela disse que não sabia, mas que acha que é Santa Luzia, em momento nenhum Maria ficou constrangida com a pergunta.

Figura 41 - Santa Luzia posicionada dentro do rack de Maria

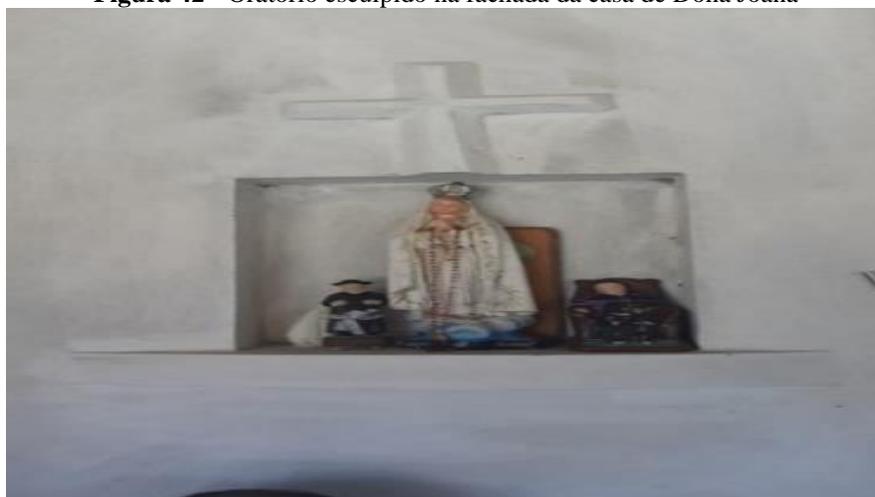


Fonte: Acervo pessoal (2021)

Nesta foto vemos Santa Luzia entre alguns bibelôs de enfeite, ao alto um adesivo de candidato de eleições passadas que não foi retirado, tipo de publicidade que é popularmente conhecido como “santinho” e à frente, um vidro de esmalte vermelho. Também é possível observar uma sacola plástica entre os objetos que estão localizados dentro do rack de Maria.

Abaixo o acervo religioso de Dona Joana e seu esposo.

Figura 42 - Oratório esculpido na fachada da casa de Dona Joana



Fonte: Acervo pessoal (2021)

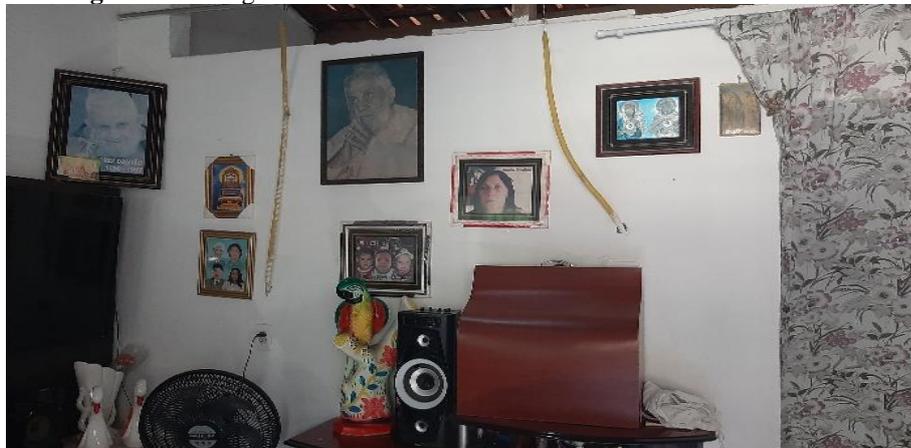
Outra interlocutora desta pesquisa foi Joana. O oratório acima foi construído na fachada de sua casa, feito especialmente a pedido dela a um de seus filhos para colocar suas imagens. Instalado na área de entrada da casa, é possível conversar ou passar a tarde olhando-as. Dona Joana me contou que mandou que construísse para poder rezar o terço, sentada na área às tardes.

Figura 43 - Imagens distribuídas na sala de visitas da casa de Dona Joana



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 44 - Imagens distribuídas na sala de visitas da casa de Dona Joana



Fonte: Acervo pessoal (2021)

As fotos acima mostram o acervo de Dona Joana distribuído nas duas paredes da sala da casa. Integradas aos objetos do dia a dia, televisão, aparelho de som, ventilador, enfeites e um espelho estão várias imagens religiosas organizadas por Joana. Esta foi uma das primeiras imagens que localizei na parte externa da casa. É possível perceber que mesmo seguindo uma lógica do privado, os altares religiosos e os santos que os compõem são também organizados de modo que eles possam ser vistos e admirados pelo público externo, seja a convite dos proprietários da casa ou de alguém que até lá se dirija por qualquer outro motivo e precise entrar na casa. Abaixo o acervo religioso de Verônica.

Figura 45 - Acervo de Verônica distribuído em sua estante localizada na sala de sua casa



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na sala da casa de Verônica, em cima do rack, a imagem de Santa Maria Madalena, objeto que ganhou de sua filha. Dentro do rack é possível ver as imagens de Padre Cicero e de Nossa Senhora Aparecida em miniatura que foram trazidas por Verônica depois que sua irmã Madalena faleceu. Mais abaixo, a foto do Sagrado Coração de Jesus. Os objetos religiosos estão colocados entre outros objetos do dia a dia: uma conta de luz, dois minis cisnes utilizados como ornamentação, vários papeis, um durex transparente largo, caixa de celular vazia, vidro de remédio e o início de um ferro no último compartimento. Ao lado, uma foto de um membro da família, chaves, óculos e a televisão no meio do compartimento. A porta ao lado do rack foi aberta a meu pedido para que pudesse tirar as fotos, porque no cotidiano ela fica sempre fechada.

Figura 46 - São José de Verônica no armário da cozinha



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Esta imagem de São José com o Menino Jesus dormindo nos braços, entrelaçada por três terços, também pertence à Verônica e fica localizada no armário de sua cozinha, entre vasilhas de vidro e plástico e uma bolsa preta de remédios. Ao observar o pote de plástico ao lado, consegue-se identificar que está contendo um pouco de arroz, que será utilizado para o almoço do dia. O terço azul é usado por ela para rezar o terço todos os dias, geralmente no período da noite e, ao terminar, deixa-o no pescoço de São José, apesar de não ser o seu santo de devoção.

A foto não mostra a panorâmica em que está inserida a imagem por pedido da interlocutora, que não queria que fosse captado os demais elementos do armário; “Não tive tempo de arrumar, não quero que mostre!”. Respeitei o pedido. Perguntei sobre os terços enrolados no pescoço do santo, se tinha algum significado. A que ela me respondeu: “Não! coloco aqui pra guardar e achar mais rápido quando preciso”.

Sobre isso, Costa (2012, p. 94) diz que: “o objetivo principal de uma coleção é representar o colecionador [...] Um colecionador é um indivíduo que reflete seu espaço tempo social”. Na realidade vivida por minha interlocutora, mãe, avó e dona de casa, devoção rima com praticidade e nada mais natural do que deixar os terços em local de fácil acesso para que possa acessá-los com rapidez sempre que precisar, sempre à mostra para ela e para quem ela quiser mostrar.

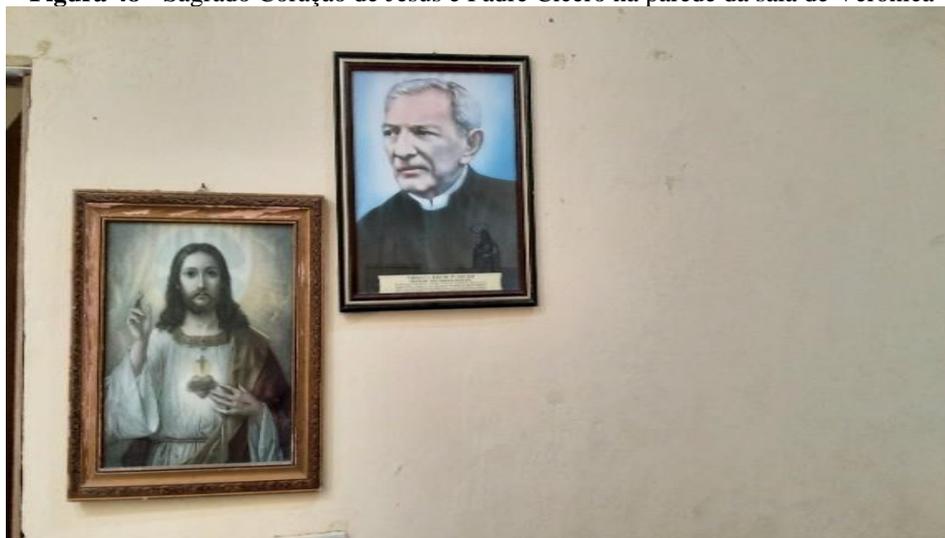
A coleção é o colecionador, se este deseja mostrá-la sob determinado prisma, então, esse viés desse ser respeitado, porque é ele quem determina os espaços e o que pode ser objeto dos olhares. Fugir a esse pensamento é desrespeitar a coleção e seu autor.

Figura 47 - Nossa Senhora de Schoenstatt em cima do armário da cozinha de Verônica



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 48 - Sagrado Coração de Jesus e Padre Cicero na parede da sala de Verônica



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Outras imagens que compõem o altar de Verônica estão distribuídas em vários locais da casa. Na foto, à direita, temos Nossa Senhora de Schoenstatt, em cima do armário da cozinha, ao lado de uma caixa; já à esquerda, temos o Sagrado Coração de Jesus que ganhou de sua mãe, e Padre Cicero, localizadas na sala da casa. Achou por bem não colocar agrupados em um só local, mas arranjados em vários pontos da casa, de maneira a ter um elemento em cada cômodo numa costura expositiva diversificada.

Esses agrupamentos e arranjos pela casa remetem ao pensamento que museus oficiais possuem exposições permanentes e transitórias em que são feitas uma divisão por temas, já os pequenos museus familiares/objetos de coleções particulares não comportam esse pensamento, o que está ali exposto é permanente, mudando apenas um ou outro item quando são trocados de lugar, usados para presente ou retirados porque quebraram. Não são divididos por temas, mas seguem uma simetria intuitiva que agrupam maiores e menores, do maior para o menor, e vice-versa, ou utilizam desenhos geométricos para ordená-los. Não diminuem com o tempo, estão sempre aumentando à medida que novos artefatos são adicionados. Como entende Costa (2012, p. 88): “Um objeto, ao adentrar o circuito de uma coleção, é ressignificado, sua inserção na coleção configura-se como um novo nascimento, ou seja, um novo circuito social tem início”.

Quando o projetista percebe que há excesso, busca outros locais para dispô-los, armários, rack ou em alguns casos manda confeccionar ou compra pronta uma estrutura que pode ser de madeira, metal, vidro ou outro material para depositá-los.

As participantes desse trabalho revelam-se como projetistas urbanas/estilistas particulares dentro de um ateliê único que são suas residências. Projetam iconografias híbridas

a partir de um espaço em branco com tamanhos, traçados e cores diferentes, utilizando para isso, um conhecimento que é inato, intuitivo, multifacetado e aos poucos vão preenchendo os ambientes, construindo a própria narrativa, dando vida às suas criações utilizando uma estética única e despreziosa.

5.5 Diferentes formas de conservação de objetos de coleções

Maués (2019, p. 36) bem coloca que: “quem trabalha no campo da conservação e restauração, desvendar esse universo vinculado à tecnologia, associada com a análise do estado de conservação é premissa básica para elaborar uma proposta de conservação e tratamento do objeto”. Quando a estrutura a ser trabalhada está em museus é necessário um projeto, técnicas eficazes e profissionais experientes naquela função para que os acervos sejam mantidos para as gerações. A luz, umidade, modo de pegar, levantar, assim como o modo de depositar os objetos de coleções vão determinar o tempo de duração de cada peça, não se pode tratar todas com o mesmo programa, não é possível conservar a madeira da mesma maneira que se conserva o gesso ou papel, cada um necessita de uma atenção e técnicas diferentes devido a sua composição. Carvalho (2015, p. 19) completa este argumento afirmando que:

A conservação e a restauração só existem porque os objetos de arte sofrem um processo de envelhecimento que, na maior parte dos casos, os deteriora. Esse envelhecimento acontece naturalmente no decorrer do tempo de existência de uma obra e pode ser considerado como a passagem ou ação do tempo sobre o objeto, a qual promove transformações na matéria que as compõe, transformações estas geralmente provenientes de um processo natural.

Morales (2015) entende que a ação do tempo é diferente no que tange o processo de conservação. Vai classificar esse tempo em psicológico, físico, termodinâmico e cronológico sendo que cada um caminha em um ritmo diferente. Ele pondera que é o tempo cronológico o autor dos movimentos que levam as alterações nos objetos. Não irei aqui entrar em detalhes sobre a definição de cada um dos tempos classificados pelo autor, o que se torna essencial em seu pensamento para esta pesquisa é entender que o tempo é o personagem principal no que diz respeito ao desgaste e conservação de artefatos artísticos. A ação do tempo é algo que não pode ser parada, mas pode ser amenizada, diminuída com as ações utilizadas, seja métodos oficiais ou não, exemplo disso, são objetos que fora dos acervos museológicos estão ainda em bom estado por décadas. Em minha pesquisa encontrei algumas maneiras de reprimir o desgaste utilizadas pelas participantes da pesquisa, nenhuma das técnicas de tratamento são oficiais, mas são úteis e estão surtindo efeito dentro de seus contextos.

Os processos utilizados para conservação desses artefatos são próprios, algumas delas, das mulheres pesquisadas, passam um pano úmido, outras apenas o pano seco para tirar a poeira, nada de óleo ou produto especial que ajude a conservar. Apenas uma delas, Dona Quitéria, disse que também passava álcool. Outra técnica usada é revestir os objetos com plástico para a poeira não entrar e com isso não amarelar com o tempo, técnicas simples construídas de maneira intuitiva.

Perguntei se alguém havia ensinado e me disseram que não, que elas próprias acham que deve ser assim. Conversando sobre esse assunto com Rosileide (2021), minha irmã, lembrou o tempo em que fez um curso de restauração pelo IFAL/Marechal Deodoro, em parceria com técnicos do IPHAN, sobre restauração de igrejas sacras, me disse:

Durante um curso que fiz com um restaurador do IPHAN, foi me dito pelo instrutor que uma das técnicas utilizadas para parar o desgaste era que quando as pinturas originais estavam descascando o local era pintado com tinta comum, aquela tinta conservava a pintura original e depois ao passar por um trabalho minucioso do restaurador, podia ser recuperado o desenho com suas cores originais. Ele me disse que se percebeu que a tinta^{33,34} comum conservava e parava o desgaste do tempo mantendo a pintura original, que talvez se não tivesse sido usado esse meio, houvesse mais danos (SILVA, 2021).

Na época, como era muito caro trazer profissionais de fora, que geralmente eram encontrados no Rio de Janeiro, São Paulo e na Europa, então, cada pároco pintava a igreja a seu modo, seguindo o estilo da época, mais tarde passou a ser passadas camadas de tinta branca sobre a pintura para conservá-la até que fosse possível a restauração do desenho original.

Em museus encontramos vários objetos de diferentes materiais que são submetidos às técnicas de conservação para não se perderem com o desgaste do tempo. Técnicas que ao longo dos anos vão sendo aperfeiçoadas para um melhor resultado do trabalho. Dependendo do material com qual o objeto museográfico é feito, diferente será o modo de tratá-lo. Por exemplo, não se pode empregar os mesmos métodos da fotografia em um objeto de madeira ou em uma pintura. Entretanto, algumas atitudes são fundamentais com todas as peças, como escolher com cuidado tanto o local de exposição como o local de guarda, observar a climatização para não sofrer com muita umidade ou falta desta como atesta Ghizoni; Teixeira (2012), no Guia de

³³ ALVES, Renato. Reforma da igreja construída por escravos revela pinturas ornamentais. *Jornal Correio Brasiliense*. Cidades, Brasília, 28 de jan. de 2012. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/01/28/interna_cidadesdf,287906/reforma-da-igreja-construida-por-escravos-revela-pinturas-ornamentais.shtml. Acesso em: 11 fev. 2022.

³⁴ CORREIA, Marcelino Donizeth de Melo (Org.). *Conservação de Bens Culturais Sacros no Estado de Santa Catarina Caderno de Orientações*. Florianópolis: FCC edições, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27219847-Conservacao-de-bens-culturais-sacros-no-estado-de-santa-catarina-caderno-de-orientacoes.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

Conservação Preservação Preventiva de Museus³⁵: Destaca-se ainda que: “A climatização do ambiente é de fundamental importância para os museus, tendo em vista a necessidade de condições climáticas apropriadas para conservação do acervo e de tratamento especial de acordo com sua especialidade” (GHIZONI; TEIXEIRA, 2012, p. 19).

A iluminação deve respeitar cada item segundo o seu grupo de objetos para não danificá-los, também é necessária uma higienização minuciosa de cada peça podendo ser utilizado para isso um pano ou pincel de pelo macio para melhor resultado, ações necessárias para avaliar seu estado de conservação e posteriormente para mantê-los limpos, livres de sujeira ou insetos que possam danificá-lo, deve-se ter cuidado no suporte em que será colocado para não causar ranhuras, dobras ou outras imperfeições devido ao peso ou mau posicionamento. Se o objeto for de couro, pode-se passar uma solução com lanolina e óleo de mocotó para mantê-lo hidratado, se for de papel pode banhá-lo em uma solução que o conserve.

Todo objeto museológico, antes de ser transportado, precisa passar por rígidas normas de avaliação para ver como está seu estado de conservação por meio de profissionais qualificados e autorizados para esse serviço que devem evitar o uso de equipamentos que possam manchar, descolorir, desgastar, superaquecer ou rabiscar os itens. Anotações somente se necessárias e no verso do objeto utilizando lápis 6B e borracha:

Objetos pertencentes ao museu, sejam quadros, esculturas, mobiliários, documentos, entre outros, apresentam características e fragilidade em algum aspecto específico, podendo sofrer danos físicos de diferentes naturezas, sendo necessários cuidados especiais, tais como: todo objeto museológico, antes de ser transportado, deve passar por um processo de avaliação do seu estado de conservação e, caso seja inevitável o manuseio, garantir o máximo de segurança neste procedimento. Somente pessoas capacitadas para a tarefa e autorizadas pela instituição devem manipular estes objetos; evitar o uso de materiais que possam manchar, descolorir, abrasonar, inflamar, rabiscar os objetos que estão sendo manipulados (GHIZONI; TEIXEIRA, 2012, p. 23).

Os especialistas indicados para esse tipo de serviço não devem utilizar anéis, relógios, pulseiras e cintos. Os cabelos devem estar presos, as mãos sempre limpas e no momento do manuseio deve-se utilizar luvas brancas de algodão ou cirúrgicas. Entretanto, tudo isso se torna comprometido se esse perito não possuir qualificação adequada para desempenhar tal função, para identificar e decidir qual a melhor técnica a ser utilizada para conservar traços originais de

³⁵ The Council for Museums, Archives and Libraries Parâmetros para a Conservação de Acervos/ Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries; tradução Maurício O. Santos e Patrícia Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 2004. Disponível em: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Roteiros-Pr%C3%A1ticos-%E2%80%93-Par%C3%A2metros-para-a-conservação-de-acervos.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

um artefato. Carvalho (2015) chama atenção para a importância da análise de uma obra ser feita com cuidado por um mestre, para decidir que instrumentos serão utilizados. A saber:

Se uma pintura é feita à têmpera por qualquer motivo que seja, o material, após a intervenção ou deterioração do tempo, deve permanecer com as qualidades óticas pensadas pelo artista, para que o valor semântico representado naquela especificidade continue autêntico à intenção do artista [...] Essa compreensão é importante, pois, por exemplo, se a obra “Você em graduação vertical” da série “Homenagem ao espectador”, de Ubi Bava³⁶, construída com espelhos convexos sobre uma superfície de acrílico –, for encaminhada para conservação porque um dos espelhos se quebrou ou porque o material metálico que confere o reflexo oxidou, o restaurador, no processo de trabalho, deverá, com o auxílio dos conhecimentos críticos da história da arte, analisar: a) se deve restaurar o espelho, colando as partes; ou b) se deve substituí-lo por outro novo. Qual dessas decisões preservará melhor a intenção do artista? (CARVALHO, 2015, p. 20).

O objetivo final do técnico deve ser sempre a melhor maneira de conservar e para isso ele deve analisar e entender o que melhor se adequa a cada contexto.

As técnicas de conservação dessas senhoras religiosas do Bairro nossa Senhora das Dores comparadas aos métodos oficiais são diferentes e simples, mas têm o mesmo sentido: preservar um objeto considerado como bem para as futuras gerações. Mesmo aparentando simplicidade e nenhuma fundamentação científica de resultados, os métodos por elas implementados são fruto de dedução empírica e funcionam dentro daquele contexto e apesar do tempo ser interpretado como prejudicial, por ser sinônimo de desgaste, deterioração e finitude, percebi que para elas o valor do tempo vai além desses sentidos. O tempo denota cuidado, importância, respeito e preservação. Não observação aquele objeto apenas como algo velho que precisa ser conservado, mas como um item que sobrevive no tempo devido ao cuidado e dedicação delas. Encontrei fotos e imagens sacras que, segundo suas proprietárias, contavam com mais de 30 anos, algumas até mais. Alguns objetos nem seus tutores sabem precisar o tempo correto em que estão com eles em suas posses que já chegaram de outras pessoas e continuam o processo de conservação agora em suas mãos.

³⁶ Obra da série “Homenagem ao espectador”, restaurada por Carvalho.

Figura 49 - Santa Ceia plastificada por Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Na foto acima é dada uma visão mais restrita no retrato da Santa Ceia plastificada com duas miniaturas da imagem de Santa Luzia, que foram recortadas de calendários e coladas junto às outras. Marlene não joga fora os calendários, papeizinhos de santo que recebe ou que encontra na rua, recorta a parte em que está a figura do santo e guarda, coloca na parede ou manda colocar uma moldura. Ela disse: “Pra não ser enguiçado, né! É uma falta de respeito! O povo joga na rua, passa por cima, enguiça, cachorro mija em cima, o povo não tem respeito, né! Aí eu peço e guardo”. Risos. A foto plastificada é para uma melhor conservação.

Figura 50 - Sala de Dona Marlene com objetos plastificados



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A visão mais ampla da parede da sala de Dona Marlene, na figura acima, mostra alguns retratos de santos e outros com objetos que servem como enfeites plastificados para resistirem

ao tempo e à poeira. Maués (2019), ao falar sobre a casa/museu, em seu entendimento, a concebe como local superlotado de objetos em que esses itens estão aprisionados dentro da casa: “Trata-se aqui de um museu vivo [...], posso afirmar que o Museu real “é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião” (MAUÉS, 2019, p. 35).

Apesar de a entender como um local de acumulação, Maués (2019) também a interpreta como local em que a vida flui, onde o colecionamento é vivido no dia a dia, dentro da realidade social de cada ator. Participar desta casa/museu, ainda segundo a autora, é participar da vida, da dinâmica na qual os objetos estão inseridos.

Figura 51 - Padre Cicero plastificado de Dona Marlene



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Ao olharmos para o Padre Cícero na mesa da sala de Dona Marlene, completamente plastificado, é possível observar duas mensagens bíblicas também cobertas por plástico, vários cachorrinhos de enfeite também plastificados. O fato interessante é que Marlene, quando ganhou essa imagem, já chegou em sua casa nesse plástico, o antigo dono já a mantinha assim para conservá-la.

Percebe-se então que o antigo proprietário já nutria a preocupação com a ação do tempo sobre seus artefatos religiosos e utilizava o plástico objetivando sobrestar a ação da natureza, como diz Morales (2015, p. 37): “A conservação é um processo de mudança para frear a mudança. O artista tem uma intenção (ainda que seja não tê-la)”. Não sabe dizer a quanto tempo seu antigo tutor a possuía. As mensagens a seus pés foram cobertas por plástico pela própria Marlene.

Figura 52 - Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores de Dona Rita



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 53 - Padre Cicero e Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Ao observarmos a foto de Padre Cicero e de Nossa Senhora das Dores que fica na parede de Dona Rita, a veremos plastificada, como é possível melhor visualizar na figura 53. Dona Rita me contou que recebeu essa foto depois do falecimento de sua mãe e que já chegou à sua casa plastificada. Ela lembra que sempre conheceu a foto desse jeito e somente com ela já está há mais de 19 anos, fora o tempo em que esteve com sua mãe - “Esse quadro de meu Padrim e Nossa Senhora das Dores era de minha mãe! Só comigo ele já tem 19 anos, porque faz 19 anos que minha mãe morreu”. Completou que o trouxe da casa de sua mãe plastificado, que também trouxe outros objetos porque seu pai não tinha como cuidar:

Esse São Jorge também era da minha mãe, depois que ela morreu ficou comigo. Ela era muito religiosa e gostava de romaria, tinha muito santo”. Depois que minha mãe morreu, meu pai não teve como zelar, de cuidar, né! das imagens dela e foram se perdendo, por isso resolvi trazer a foto de meu Padrim, Nossa Senhora das Dores e São Jorge pra casa (Dona Rita).

O quadro foi incorporado aos elementos já existentes no acervo de Rita, e passou a fazer parte da construção de uma nova história, reconfigurando relações sociais e familiares.

Figura 54 - Nossa Senhora Aparecida plastificada no altar de Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Nas fotos acima, é possível observar mais de perto o processo de plastificação que envolve os objetos religiosos com fins de conservação. As imagens de Nossa Senhora Aparecia e Santa Maria Madalena foram compradas no Juazeiro. Lia relembra que custou R\$ 80,00 e que somente era vendida para Igrejas. Ela recorda, ainda, que sua filha, Madalena (já falecida), convenceu o dono da loja para vende-la: “Aquela imagem grande ali, que é da igreja, eu mandei comprar, paguei 80 reais na imagem, a que Nosso Senhor levô (se referindo a sua filha, Madalena) foi quem trouxe ela para mim”. A imagem tem mais de 10 anos de comprada e desde que chegou na residência de Lia está no mesmo plástico em perfeito estado de conservação. Perguntei por que colocava plástico. A resposta que obtive no momento foi curta e direta, disse apenas; “coloco no plástico pra a poeira não cair em cima!”. Mais tarde, fiquei sabendo que uma das filhas sempre limpa com um pano úmido para tirar a sujeira que acumula.

Figura 55 - Sagrada Família plastificada no altar principal de Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 56 - Padre Cicero e São Miguel Arcanjo no altar lateral de Lia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Acima mais imagens do acervo de Lia também plastificadas para proteger da poeira e do tempo. Não foi relatada nenhuma outra técnica que ajudasse a conservar esses artefatos, apenas plástico e passar o pano úmido ou seco para tirar a poeira.

Apesar de ser inevitável, há uma busca por técnicas e meios que possam fazer com que essa ação caminhe a passos mais lentos. As instituições museológicas, no caminho inverso, irão utilizar os recursos oficiais aliados a tecnologia para desempenhar essa função. Essas senhoras que não tem conhecimento científico e nem acesso as tecnologias desenvolveram uma metodologia própria com os elementos do cotidiano, de custo baixo e fácil acesso para abreviar o desgaste temporal, métodos que se mostram numa pluralidade de técnicas de conservação, eficazes na conservação de objetos dentro de cada realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta empreitada tinha um percurso planejado, uma meta que foi modificada à medida que o curso avançava e transformou-se durante o trabalho de campo. A pesquisa tomou as formas do campo, seguiu um caminho próprio, como se tivesse vida ao passo que me direcionava para o segmento de outras ramificações que iam se apresentando com as entrevistas e com temas recorrentes nas conversas de minhas interlocutoras. Cheguei até aqui e ao olhar para trás, não vejo o mesmo projeto que foi submetido para o processo de seleção, vejo uma escrita robusta e fundamentada dentro do campo da antropologia. Ao final do campo, quando me pus a escrever, fiz como o poema “As lavadeiras de Alagoas”, de Graciliano Ramos.

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como outro falso; a palavra foi feita para dizer” (GRACILIANO RAMOS apud SILVEIRA, 1998).

A arte de dizer através da palavra exige esforço, transcrever o que me foi confiado pelas participantes deste empreendimento caminha com o agradecimento pela confiança e a responsabilidade de ser fiel ao que foi dito por cada uma delas e dele (não esquecendo José, único participante homem) nesta empreitada. Ter as portas dessas famílias abertas para uma pesquisadora que é estranha ao convívio deles com certeza também foi um desafio para os participantes, o processo de confiança não deve ter sido fácil, mas foi alcançando com responsabilidade e transparência em todas as etapas do processo.

Após apresentar o bairro Nossa Senhora das Dores, campo de estudo desse trabalho, procurei observar, num primeiro momento, junto às participantes da pesquisa os processos de circulação por qual passam os objetos religiosos das interlocutoras e as relações sociais construídas por intermédio desses objetos nas suas diferentes dinâmicas. Também observei as histórias particulares envolvendo esses artefatos religiosos.

Dando continuidade, procurei observar como alguns objetos pertencentes a pessoas já falecidas estão impregnados de lembranças de seus antigos proprietários, como impactam na vida do novo dono que os recebe despertando sentimentos diferentes em relação a depender da

relação do falecido com a pessoa presenteada e como estes objetos auxiliam na manutenção das recordações e construção de uma memória individual e social.

Ainda dentro da religiosidade popular e pensando os objetos junto às práticas de colecionamento, observei modos plurais de confecção dos altares particulares e suas variadas estéticas, como cada altar encerra uma narrativa própria seguindo um roteiro museal domiciliar. Também foram observados os processos de limpeza e conservação por elas utilizados de maneira intuitiva, que fogem às regras oficiais de conservação de acervos de coleções, mas que são eficazes dentro de seus contextos.

Durante todo o caminho percorrido, tendo como personagem central os objetos sagrados, ficou evidenciado que as coleções são uma extensão das pesquisadas, fazem parte de suas histórias e estão entrelaçadas nessa mesma história, que se mistura com as narrativas do grupo. A pandemia de Covi-19 impactou suas vidas, mas não diminuiu sua fé, visto que já praticavam o Catolicismo Santorial antes do isolamento. Ao contrário, o fato de não poderem ir às celebrações as fez se refugiarem em seus santos de devoção e em suas práticas de fé.

Apesar de ter observado os objetos de coleções de maneira particular através de cada participante, ficou claro, com o desdobramento das entrevistas, que as coleções são ao mesmo tempo separadas, por fazerem parte de diferentes famílias mas que também estão interligadas ao grupo, devido ao processo de composição desses acervos religiosos agregar diferentes maneiras de aquisição (herança por morte, presentes comprados especialmente para determinadas pessoas ou presentes dados em uma ocasião especial – crisma, batismo), também foi possível perceber que as interlocutoras estão, junto com os vizinhos, inseridas numa teia de socialidade (familiares, madrinhas, amigos, companheiros de romaria) na qual, segundo Mauss (1950), o processo de “Dádiva” se efetiva numa sistemática de “dar e receber”, fazendo o particular se tornar coletivo.

Durante o período de observação participante pude entender que esses elementos fazem parte da vida do povo e estão enraizados na identidade do grupo, o particular se torna coletivo na medida em que faz parte das relações sociais dessas pessoas, evocando e sendo parte da construção de memórias.

A feitura desse trabalho impactou a minha vida como pesquisadora ao me proporcionar um novo olhar sobre os artigos religiosos como objetos de coleções. Minhas raízes são católicas e mesmo tendo vivido boa parte de minha vida a luz desses ensinamentos e circular nesse ambiente convivendo com os altares de minha avó e minha tia, me vi ao fim desse trabalho como alguém que estava conhecendo aquele universo pela primeira vez, visto pelos óculos do antropólogo com as técnicas adquiridas durante o curso em que “o familiar se tornou exótico”

(DaMatta, 1978). Uma nova maneira de ver, entender e conviver com esse ambiente antigo e novo ao mesmo tempo em que as dinâmicas utilizadas pelas participantes dessa pesquisa na interação com seus objetos e os significados que elas atribuem a esses elementos fazem parte de um sistema próprio e intuitivo que é repassado para os mais jovens da família e que acaba refletindo na comunidade, criando laços de socialidade.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas - RPV/AL, Mapeamento do Artesanato. Estado de Alagoas, Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Identidade e Diversidade Cultural, 2005. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-popular/artesanato/artesanato-de-uniao-dos-palmares/dona-irineia>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- ANDRADE, Fábio de Souza. **O engenheiro noturno**: a lírica final de Jorge de Lima. São Paulo: Edusp, 1997.
- ARAUJO, Zezito de. **Quilombo do Palmares**: negociações e conflitos. Alagoas: EDUneal, 2020.
- ALVES, Renato. Reforma da igreja construída por escravos revela pinturas ornamentais. **Jornal Correio Brasiliense**. Cidades, Brasília, 28 de jan. de 2012. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/01/28/interna_cidadesdf,287906/reforma-da-igreja-construida-por-escravos-revela-pinturas-ornamentais.shtml. Acesso em: 11 fev. 2022.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, pp. 15 – 88.
- BAUER, George; GASKELL, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis:RJ, Vozes, 2008.
- BERTO, Luiz. **A guerrilha de Palmares**. Recife: Ed. Bagaço, 2007.
- BRAGA, Antônio Mendes Costa: **Padre Cicero**: Sociologia de um padre, antropologia de um santo, 2007.
- BOURDIEU, Pierre, A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de Campo**: São Paulo - 1991), 8(8), 147-159, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52774/56619>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- CAETANO, Joseane. **Comunidade Nossa Senhora das Dores**. Escola do Bairro Nossa Senhora das Dores. Bairro Nossa Senhora das Dores blogspot. União dos Palmares, 29 de out. de 2019. Disponível em: <https://bairronossasenhoradasdores.blogspot.com/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- CARVALHO, Humberto Farias; MORALES, Lino García. **Arte contemporânea**: preservar o quê? /organização Cristina Freire. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2015. 196 p.
- CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. **Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional**, Brasília. n. 23, pp. 69 – 82, dez. 1994. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

CORDEIRO, Jaqueline Aragão. Pau de arara. Coisa de Cearense. Ceará, 28 de jun. de 2011. Disponível em: <http://coisadecearense.com.br/pau-de-arara/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CORREIA, Marcelino Donizeth de Melo (Org.). **Conservação de bens culturais sacros no Estado de Santa Catarina Caderno de Orientações**. Florianópolis: FCC edições, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27219847-Conservacao-de-bens-culturais-sacros-no-estado-de-santa-catarina-caderno-de-orientacoes.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

COSTA, Maximiliano Gonçalves. **Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG**, v. 1. Goiás: UEG, 2019.

COSTA, Thainá Castro. **Colecionando o invisível**: o reordenamento de mundo a partir de objetos de descarte. 2012. 123 f. Dissertação/tese: Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____; RIBEIRO, Leila Beatriz. Nino Quimcampoix: o exótico colecionador da narrativa fílmica o fabuloso destino de Amélie Poulain. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. São Paulo, **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, julho 2011.

COSTA, Iraci del Nero da. Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações. **Boletim de História Demográfica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-5, 1994.

DA MATTA, Roberto. **Sobre uma análise dos espaços da casa brasileira – a casa & a rua espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, 5 ed. Rio de Janeiro, 1997.

DIAS, Júlio César Tavares; SILVA, Drance Elias; SOUZA, José Roberto. Notas em torno dos objetos de devoção popular no Brasil. Religare, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religiões da UTB**. v.11, n.2, set. 2014, p.343-355. 343.

DOHMANN, Marcus. Coleções de objetos: memória tangível da cultura material. *In*: CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes (orgs.). **Coleções de arte: formação, exibição e ensino**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

ENCICLOPÉDIA Einaudi. **Memória – História**. Coleção (Krzysztof Pomian), vol. 1. São Paulo: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

FARIAS, José Niraldo de. **O surrealismo na poesia de Jorge de Lima**. Coleção Memórias de Letras, 16., Porto Alegre: Edpucrs, 2003.

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de identificação de arte sacra, superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. PEP/MP/IPHAN. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 52. Edição comemorativa. São Paulo: Global, 2013.

FUXICO. Dicionário Têxtil. Canto de Casa. Mar. de 2022. Disponível em: <https://www.cantodecasa.com.br/dicionario-textil/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade. In. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horizontes antropológicos**, vol. 11, n. 23, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005, pp. 15-36.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HISTÓRIA: Maria Mariá, a revolucionária que entrou para a história de União dos Palmares. **Site BR104**. União dos Palmares, 09 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.br104.com.br/cultura/historia-maria-maria-a-revolucionaria-que-entrou-para-a-historia-de-uniao-dos-palmares/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

KAUFMANN, Jean-Claudé. **A entrevista compreensiva; um guia para pesquisa de campo**. Maceió, AL: Edufal, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A ciência do concreto**. O pensamento selvagem. Campinas: Papius 1989, pp. 15-49.

MACHADO, Carlos Eduardo. Revisitando os altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 2, p. 144-165, 2012.

MARIA MARIÁ, a guerreira da terra de Zumbi. História de Alagoas. Alagoas, 12 de jul. de 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/maria-maria-a-guerreira-da-terra-de-zumbi.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

MARQUES, Danilo Luiz Marques. Danilo Luiz. **Sob a “sombra” de Palmares: escravidão, memória e resistência na Alagoas oitocentista**. 2018. 375 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20982>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MAUÉS, Renata de Fátima da Costa. **Hiperconectados [Recurso Eletrônico]: museus, estratégias e conexões**. Belém: PPGArtes / UFPA, 2019, 165 p. MAUSS, Marcel. 1950. **Ensaio sobre a Dádiva**. com introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss. Edições 70, 1950.

MÉLO, Roberta de Sousa ; RODRIGUES, Rafael de Oliveira; MILLEN NETO, A. R. Visibilidade compulsória e moralidade feminina: reflexões sobre gênero a partir das práticas de revenge porn. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Mato Grosso, v. 7, n. 15, p. 291-306, set/dez.2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v.5, n°7, p. 01-12, abr. 2017.

_____, Maria Cecília de Souza & COSTA. Antônio Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, 40, p. 139-153, 2018.

MOURA, Raimundo Bezerra de. **A história de Frei Damião de Bozzano e sua biografia**. [s.l.]. Natal, 1978.

NERY, Olivia Silva. **Objeto, memória e afeto**: uma reflexão. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.10, n.17, jul./dez. 2017. Disponível em: periodicos.ufpel.edu.br. Acesso em: 22 mar. 2022.

OLIVEIRA, João Pacheco O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. **Tempo**, vol. 12, n. 23, 2007.

PEREIRA, José Carlos. **Sacramentos**: dúvidas que o povo tem. São Paulo: Ave-Maria, 2018.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Intratextos**. Rio de Janeiro, 2013.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. O oratório doméstico. “Ciências sociais e religião na América Latina”. **Revista Pandora Brasil** n. 25, dez. 2010. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/religiao/texto_7.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

_____, **Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro, séculos XVIII e XIX**. 2010. 528f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010a. 2v.

PADIGLIONE, Vincenzo. “Fazer falar o silêncio da história”: a virada narrativa dos museus. *Fractal*, **Revista de Psicologia**, v. 28, n. 2, p. 181-186, maio-ago, 2016.

_____, Vincenzo. O lugar onde todas as palavras se concretizam: cinco presenças da escrita em pequenos museus etnográficos. In CASTELLS, Alicia; NARDI, Letícia. **Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea**. Florianópolis: UFSC, 2012, p. 33 - 47.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando. **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, v. 1, 1984, p. 51-86.

RODRIGUES, Rafael de Oliveira. Escrita e Projeto Museológico: uma análise a partir do Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini di Roma. **Ilha revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2018, p. 133-153.

_____, Rafael de Oliveira; MÉLO, Roberta de Sousa. Patrimônio cultural na sala de aula: reflexões a partir da utilização de metodologias participativas em ações de extensão universitária. **Revista do NUPEM**, v. 12, p. 142-158, 2020.

STALLYBRASS, PETER. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Organização e tradução: Tomaz Tadeu, 5^o ed.rev. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2016.

SILVA, Hebellyanne Pimentel da. **A fundação de bibliotecas públicas em Alagoas**: reivindicações e reclamações da educadora Maria Mariá (1953-1954). Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, Alagoas, [S. l.] , v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7186>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA. Giuslane, Francisca. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2^a ed. São Paulo: **Centauro, Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, pp. 247-253, ago. 2016.

SILVEIRA, Flavio Leonel; LIMA FILHO, Manuel. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, pp. 37-50, 2005.

SILVEIRA, Joel. **Na fogueira**: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SCHMIDT, Diego Rafael; DELLA MEA, Cristina Pilla and FORTES WAGNER, Marcia. Transtorno da Acumulação: características clínicas e epidemiológicas. **CES Psicol.** v. 7, n. 2, pp.27-43, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. “Fases do catolicismo brasileiro contemporâneo”. **Revista da USP**. São Paulo, n. 67, pp. 14-23, set/nov. ano 2005. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010399892005000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019.

_____; MENEZES, Renata. (orgs.) **Catolicismo plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009, 216 p.

TEIXEIRA, Lia Canola. **Conservação preventiva de acervos**. Coleção Estudos Museológicos, v.1. Florianópolis: FCC, 2012.

THE COUNCIL for Museums, Archives and Libraries Parâmetros para a Conservação de Acervos/ Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries; tradução Maurício O. Santos e Patrícia Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 2004. Disponível em: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Roteiros-Pr%C3%A1ticos-%E2%80%93-Par%C3%A2metros-para-a-conserva%C3%A7%C3%A3o-de-acervos.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VOIGT, Lucas. **O dever e os sentidos das memórias de descendentes de alemães em Santa Catarina**: um esboço de sociologia da memória. Porto Alegre: Luminária Academia, 2017.